

COO JORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Luiz E. Achutti

VOTE PT 82

TRABALHADOR VOTA EM
TRABALHADOR



SIMON



O trabalho feito
vale mais que
qualquer promessa.



JAIR SOARES
GOVERNADOR
Quem fez, fará.

COLLARES
GOVERNADOR



Neste, o povo confia.
PARTIDO DEMOCRÁTICO
TRABALHISTA PDT

**SEU VOTO
VALE
Cr\$ 5.000**

O cooperativismo gaúcho
dá um grito de
independência

Diretor-Editor
Osmar Trindade

Editores

Antonio Manoel de Oliveira, Rafael Guimaraens, Luiz Eduardo Achutti (fotografia) e Edgar Vasques (arte).

Participaram desta edição:

Chico Daniel, Eduardo Bueno, Eduardo Guimaraens, Daniel de Andrade, Edson Soyaux, Olides Canton, Luiz Pilla Vares, Norma Morandini, Juarez Fonseca, Glauco Cruz, Flávio Batistelli, Renato Canini, Elmar Bones, Delmar Marques, Julio Sortica, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Recena Grassi, Santiago, Regina Vasques, Ayrton Centeno, Luiz Gustavo Machado e Lilian Bem David (planejamento gráfico).

Endereço: Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Porto Alegre — RS

Assinaturas: País — Cr\$ 1.900,00; América Latina — 100 dólares; demais países — 120 dólares.

Números atrasados: A venda somente a partir da edição nº 30, ao preço da última edição de banca. Os pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor ou cheque postal em nome da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Edição mensal



Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.

A Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre foi fundada em 24 de agosto de 1974, constituindo-se na primeira do gênero no país. A Cooperativa é uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em Assembleia Geral para um mandato de dois anos. Cada associado, independente de sua participação no capital tem os mesmos direitos nas decisões da assembleia.

ASSOCIADOS:

Osmar B. Trindade (Presidente), Antonio M. de Oliveira (Vice-Presidente), Carlos Rafael Guimarães Filho (Secretário), Afonso Ritter, Carlos R. Dornelles, Danilo S. Ucha, Luiz Afonso Franz, Marcelo Oscar Lopes, Clarice D. Aquistapace, Jorge A. Polydoro, José A. Vieira da Cunha, Manoel A. Canabarro e Tomás I. Pereira (Conselheiros de Administração); Eduardo A. Tavares, Francisco Daniel L. da Silva, Roberto D'Azevedo, Flávio S. Schubert, Elaine L. Lerner, Remi A. Balduino (Conselheiros Fiscais); Daniel de Andrade Simões, Edgar L. Vasques da Silva, Fernando A. Goulart, João Batista Aveline, João Borges de Souza, Jorge F. Gallina, José A. Pinheiro Machado, Juarez A. Fonseca, Luiz Carlos Merten, e Valdir da Silva (Conselheiros de Edição); Acari Amorim, Adalberto Correa de Lemos, Adélia Y. Porto da Silva, Ademir Vargas de Freitas, Ademir T. Fontoura, Adriano Lopes de Oliveira, Adroaldo B. Correa, Afonso R. Licks, Agnese Schifffino, Ailton Muller, Alberto André, Alberto H. Blum, Alberto M. Figueiras, Alceu M. Nogueira, Alda S. Souza, Afonso Abraham Llerene, Alfredo C. Fedrizzi, Alice I. Urbim, Amaro Dornelles, Amairi M. Mello, Amilton Vieira, Ana Amélia Lemos, Ana M. Riviello, Ana Maria Smidt, André Jockymann, Ângela Riccardi, Ângela Sant'angelo, Ângelo R. Dias da Silva, Anibal C. Bendati, Anilson G. da Costa, Anna Maria T. Magalhães, Antonio A. de Oliveira, Antonio Brito Filho, Antonio C. Esteves, Antonio C. Paulino, Antonio F. Gonzales, Antonio I. Dreon Peres, Antonio Vargas, Antonio R. Teixeira Júnior, Ari S. Teixeira, Ariosto A. Teixeira, Armando Burd, Armando Sobral, Rolfenberg, Armando A. Ranzolin, Arthur T. Monteiro, Artur P. da Silva, Artur S. Poester, Ataides L. Miranda da Silva, Augustinho M. Licks, Avani Maenfeld, Ayrton Kanitz, Ayrton J. Centeno, Beatriz M. Rosa, Beatriz S. Polydoro, Benigno Rocha, Bernardete S. Viana, Bernardete D. Schmitt, Bruno A. Ferreira, Cláudio A. Cruz, Carla I. Irigaray, Carlos Alberto Kolecza, Carlos A. Maya Fruct, Carlos Alberto Sardenberg, Carlos Alexandre G. Castro, Carlos Alfredo S. Silva, Carlos A. Muller, Carlos E. Athanasio, Carlos F. Karnas, Carlos Frederico Mentz, Carlos Gerbase, Carlos H. Bastos, Carlos M. Fehlberg, Carlos M. Urbim, Carlos Mossmann, Carlos Rafael Guimaraens, Carlos R. Silveira, Carmem R. Cagno, Carmem S. Rial, Celso A. Rosa, Celso A. Schröder, Cid Pinheiro Cabral, Cinara C. Lima, Ciro Dias dos Reis, Cintia M. Leal, Claiton J. Selistre, Clarice L. Giorgi, Cláudio Barcelos, Cláudio Levitan, Cláudia Quinto, Clá M. Moti, Clóvis Heberle, Clóvis O. Malta, Cristina Baptista Pereira, Cyro G. Canabarro, Delmar Marques Correa, Divino V. Fonseca, Edelberto Behs, Edgar Lisboa, Edna S. Della Nina, Edson G. Chaves Filho, Edson S. Kosminski, Eduardo R. Bueno, Eduardo S. San Martin, Eduardo Soares Guimaraens, Elaine E. Lerner, Eleonora A. Canto de Lucena, Elisabete P. Portugal, Elisabeth Copetti, Elmar Bones da Costa, Eloisa Enck Gonçalves, Elser E. Quintana, Enio R. Rocha, Ercy Pereira Torma, Erni C. Quaresma, Euclides P. Torres, Eugênio B. Bortolon, Eugênio F. Neves, Eva M. Caparelli, Evaldo J. Gonçalves, Evelyn Berg Ioschpe, Evilázio B. Oliveira, Fátima R. Torri, Fernando O. Lindote, Fernando Guedes, Fernando S. Saes, Fichel Davit Chargel, Flávio A. Porcello, Flávio A. Dutra, Floreal R. Rosa, Floriano H. Correa, Francisco C. Ribeiro, Francisco D. Lopes, Francisco J. Karam, Francisco Juska Filho, Francisco Paulo Santana, Gabriel V. Mathias, Geonani M. Peixoto, Gey N. Belmonte, Geraldo Hasse, Gerson L. Schirmer, Gilberto L. Pautetti, Gilberto O. Leal, Glauco da Cruz Brandão, Gomercindo Lins Coutinho, Guilherme P. Souza, Guisleno Barú F. Derquim, Gustavo F. Moritz, Haroldo A. Silva, Hedi Moema L. Bauer, Heidy Gerhardt, Hélio A. Pereira, Hélio C. Gama Filho, Hélio M. Doyle, Heloisa Cé, Helton Ricardo Barreto, Hermelindo P. Macedo, Higinio C. Barros, Hiltor P. Mombach, Hiron C. Goidanich, Humberto A. Monteiro, Humberto Andreatta, Iara A. Bendati, Iara T. Pereira, Iraporan V. Müller, Ibsen Valls Pinheiro, Ieda C. Bernardi, Ignês Pletsch, Ilgo J. Wink Filho, Ilza M. Girardi, Imara Stallbaum, Ivan G. Pinheiro Machado, Ivo Egon Stigger, Jaime Klintonowicz, Jaime Sauchuck, Jandira A. Feijó, Jandira M. Cesar, Jane M. Filipon, Jayme Copstein, João Batista Marçal, João Batista Scalco, João C. da Silva, João R. Muniz, João P. Lacerda, Jorge B. Meditsch, Jorge Baumann, Jorge D. Escosteguy, Jorge M. Gomes, Jorge O. Carvalho Leite, Jorge O. da Silva, Jorge R. Freitas, Jorge S. Miranda Netto, José Antonio F. Ribeiro, José Antonio Severo, José Antonio S. Silva, José A. Pinto Netto, José A. Flores, José Danter Ripoll, José Emanuel G. Mattos, José Eneid Francisco, José Erasmo Nascentes, José Félix R. Valente, José Guaraci Fraga, José H. Mitchell, José Lauro D. Siqueira, José L. Lima, José Luiz G. Prévadi, José L. Chiarelli, José Marcello L. Pontes, José Onofre Jardim, José R. Araújo, José R. Fontes, José R. Silva, José Roberto Garcez, José S. Fonseca, José T. Abu-Jamra, Juan Carlos Gomez, Judith M. Costa, Julieta A. Nunes, Júlio José Chiavenatto, Júlio T. Sortica, Jurandir S. Silveira, Jussara C. Coelho, Laerte B. de Franceschi, Laerte C. Martins, Laerte D. Meliga, Laila M. Pinheiro, Lauro J. Oliveira, Léa M. Aragão, Lenora M. Vargas, Léa Tavejansky, Leonardo B. Dourado, Leonid Streliaev, Lício S. Azevedo, Lilian Bem David, Linda C. Sarturi, Leonora Paim, Lourival Vianna da Silva, Lotário Neuberger, Lucila S. Camargo, Luiz Alberto L. Arteché, Luiz A. Scotto de Almeida, Luiz A. Vidal, Luiz A. Cozazza, Luiz Antonio Duarte, Luiz A. Kosminski, Luiz Antonio Pinheiro, Luiz Carlos R. Felizardo, Luiz Carlos S. Mello, Luiz Carlos F. Ferreira, Luiz C. Miranda, Luiz Carlos O. Almeida, Luiz Claudio F. Cunha, Luiz Eduardo R. Achutti, Luiz F. Vilaverde, Luiz F. Lima, Luiz F. Flores, Luiz F. Silva, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz C. Fonseca, Luiz G. Gonçalves, Luiz Humberto M. Pereira, Luiz Inácio F. Castro, Luiz O. Matzembacher, Luiz P. Pilla Vares, Luiz Paulo R. Daudt, Luiz Recena Grassi, Luiz R. Lanzetta, Luiz R. Vitello Filho, Lygia M. Nunes, Manoel J. Lourenço, Mara S. Bernardes, Marcelo Villas-Bôas Santos, Márcia B. Turcato, Márcio S. Camara, Marco Antonio F. Schuster, Marco Antonio Baggio, Marcio Túlio de Rose, Margaret S. Paula, Mary E. Menda, Maria Angélica de Moraes, Maria da Graça B. Seligman, Maria da Graça Silva, Maria E. Borges, Maria Helena Brancher, Maria Helena S. Passos, Maria I. Rech, Maria I. Zanchetta, Maria I. Hammes, Maria L. Fontanive, Maria L. Teixeira, Maria R. Ferreira, Maria Sueli Caldas, Marina Wodtke, Mário A. Nascimento, Mário A. Perez, Mário E. Rocha, Mário L. Madureira, Mário Marcos de Souza, Marinória S. Osório, Marise M. Fetter, Marietela Barros, Maroni João da Silva, Marques Leonam B. Cunha, Maurice S. Santos, Mauro César Silveira, Mauro P. Toralles, Mary Beatriz Mezzari, Milton F. Wells, Milton Galvão da Silva, Milton R. da Silva, Milton S. Machado, Miriam Costa Correa, Miriam T. Moura, Milton Coelho Maron, Mozart N. Santos, Najjar J. Tubino, Nelson C. Ferrão, Nelson Franco Jobim, Neltair Rebus Abreu, Nestor C. Fedrizzi, Neusa M. Ribeiro, Newton Peter, Nelson A. Figueiredo Filho, Nilson Guimarães, Nirce Levin Goyman, Nivaldo T. Manzano, Odilon Rebes Abreu, Odiles Canton, Ovídio S. Lamas, Olyr Zavaschi, Omar L. Barros Filho, Orlando C. Brasil, Otacilio Grivot, Otília M. Rieth, Paulo Marconi, Patrício R. Bentes, Paulo A. Fogaça de Medeiros, Paulo Burd, Paulo C. Vergi, Paulo D. Pereira, Paulo E. Vasconcelos, Paulo F. Guerreiro, Paulo Gerson A. Oliveira, Paulo M. Macedo, Paulo O. Bezerra, Paulo R. Cancian, Paulo de Tarso C. Riccardi, Paulo Totti, Pedro F. Macedo, Pedro Sosa Pereira, Pedro V. Maciel, Plínio J. Dotto, Porfirio Borba Netto, Raul C. Rubenich, Raul R. Quevedo, Regina F. Vasques, Rejane Lempeck, Renan Antunes de Oliveira, Renato Kern, Renato Pinto da Silva, Renato Vinicius Canini, Ricardo I. Balsoni, Ricardo L. Chaves, Ricardo M. Schmitt, Riomar B. Trindade, Roberto Appel, Roberto A. Thomé, Roberto B. Manera, Roberto C. Franco, Roberto Ethel, Roberto L. Antunes Fleck, Rogério F. Monteiro, Rogério Raupp Ruschell, Rogério S. Medeiros, Rômulo C. Krafta, Ronaldo Westermann, Rosvita Sauressig Laux, Rubens C. Wayne, Rui J. Bender, Ruy Carlos Ostermann, Sérgio Batsow, Sérgio Caparelli, Sérgio J. Becker, Sérgio R. Moita, Sérgio R. Lagranha, Sérgio Toniello, Severino J. Góes, Sibila Rocha, Sílmar C. Müller, Sílvia S. Costa, Sílviö C. Ferreira, Sílviö S. Correa, Solange V. Morgado, Tânia Carvalho e Silva, Tânia H. Kruschka, Tânia Jamardo Faillace, Telmo Cunha Zanini, Terezinha T. Figueiredo, Ubirajara S. Prates, Vera Daysi Barcelos, Vera M. Bosak, Vera M. Gomes, Vera R. Monteiro, Vera S. Kern, Victor Hugo Sperb, Vera T. Costa, Virson Holdembaum, Vitor Moraes, Waldoar Teixeira, Walter Firmo G. da Silva, Whalmir Anna Von Koenning, Wilmar O. Marques, Wladimir Netto Ungaretti e Zélia Dambrowski Leal.

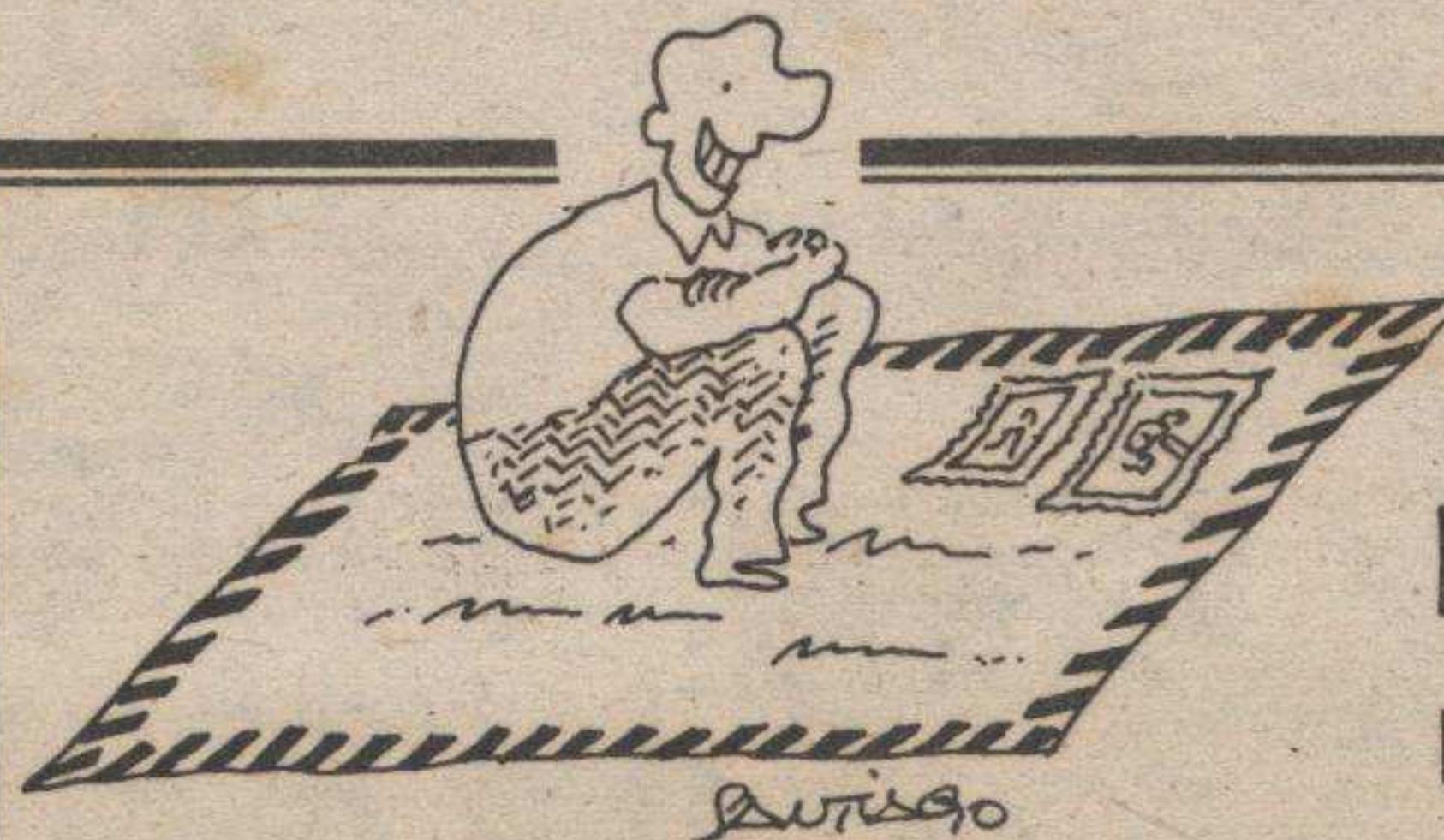
Aos Leitores

A posição tomada por 150 dirigentes de cooperativas no Encontro de Canela, ou pacto, como alguns definiram, sem dúvida marca o início de um novo momento do cooperativismo gaúcho, com reflexos, sem dúvida, para a população de um milhão de pessoas a ele ligadas. Acuadas pelos insistentes ataques patrocinados por segmentos da indústria e do comércio, as cooperativas constataram que sua força econômica não encontrava correspondência em termos de poder decisório e resolveram ensaiar um grito de independência: romperam com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), cuja função se limita a servir de "órgão consultivo" do Governo Federal, e criticaram severamente a atuação do Banco Nacional de Crédito Cooperativo (BNCC). Estas providências nada têm a ver com o histórico e romântico sentimento separatista nutrido, por todo o gaúcho que se preze, desde a Revolução Farroupilha. Nada disso. Foram atitudes maduras, tomadas a partir de uma realidade totalmente desfavorável aos interesses das cooperativas rio-grandenses. Mais importante que as eventuais divergências políticas entre as lideranças, ficou a certeza de que o cooperativismo necessita urgentemente aumentar sua influência nas definições da política agrícola, para cumprir seu papel, enfatizado pelo próprio presidente Figueiredo, alguns dias depois: melhorar as condições de vida do produtor rural e do consumidor. E não simplesmente repassar polpidos recursos para órgãos meramente consultivos do Governo. Talvez por isso mesmo é que os dirigentes cooperativistas tenham aberto o debate sobre política, para espanto dos mais

desavisados. Nas páginas 11 a 14 desta edição, contamos tudo o que aconteceu em Canela. Confira.

Conforme o levantamento da nossa reportagem, até novembro os partidos deverão gastar por volta de Cr\$ 20 bilhões em propaganda política, para conquistar um contingente de quatro milhões de eleitores. Assim, caro eleitor, seu voto está avaliado em Cr\$ 5 mil, sujeito aos efeitos da inflação, correção monetária e aumento do petróleo. Portanto, eleitor, faça bom uso de seu instrumento democrático. Na página 3, mostramos como os partidos e candidatos pretendem enfrentar a bilionária campanha deste ano.

O leitor deve ter notado que nossa edição anterior saiu com data de fevereiro/março e que a presente circula com data de abril/maio. Mas tranquilize-se: o Coojournal não virou bimensal. Apenas a luta diária pela sobrevivência nos força a algumas adaptações editoriais, a fim de evitar que os constantes aumentos de custos nos sufocem, como já sufocaram outros jornais importantes da imprensa independente. A partir desta edição o Coojournal volta a circular na primeira semana de cada mês, agora com venda em banca restrita ao Rio Grande do Sul. Nosso compromisso com a verdade e a fidelidade da nossa informação, modéstia à parte, continuam os mesmos. Boa leitura.



Ducatti reclama

Prezado Editor:

Li, no Coojournal nº 72, pág. 3, a péssima nota intitulada *Fiscal*. Diversos erros devem ser corrigidos e quero deixar bem claro que, sendo válida a Lei de Imprensa, esta carta deve ser publicada na íntegra. Em primeiro lugar, a entidade APEFI, ou seja, a Associação de Proteção aos Entrevistados e Fiscalização da Imprensa, ainda não foi fundada.

A frase inicial da nota procura me apresentar como contador, dizendo que nasci em Cruz Alta e... no planeta Orion. É claro que uma pessoa materialista só compreenderá que nasci (biologicamente) em Cruz Alta e duvidará que meu espírito (inexistente para tal pessoa) veio de mais longe.

O Clube Nova Era foi criado em 1968 e não "em meados dos anos 70". O jornalista errou porque não me consultou. Sobre as finalidades do CNE, informa que são (simplesmente) trinta. Eis algumas: Reforma da sociedade em prol do Humanismo; Integração científica; Planejamento familiar e limitação do crescimento populacional; Incentivo ao consumo de alimentos integrais; Preservação da fauna e da flora; Combate ao colonialismo e à intromissão na vida indígena. A finalidade apresentada na leviana e confusa nota não está na lista, porém, assemelha-se à esta: Ingresso da Humanidade na Comunidade Universal de Seres Racionais.

Documento é o Certificado de Militante da Nova Era, com 40 itens. Não são regras rígidas (ninguém é reprimido ou ridicularizado por não seguir alguma) e todo aquele que afirma praticar (pelo menos) 33 delas é considerado simplesmente Militante da Nova Era.

Quando eu distribuía o primeiro manifesto da APEFI, solicitava Cr\$ 50,00 para cobrir as despesas. A filiação à entidade, assunto diferente, será tratada mais tarde. E quanto as quatro posições ideológicas defendidas, é importante esclarecer que não estão no cerne na futura associação. Escreveu o cientista, filósofo e poeta.

Carlos Ducatti, Porto Alegre, RS

Constrangimento

Prezado Editor:

Os encontros, seminários ou assembleias, patrocinados pela Ocers, poderão trazer inconvenientes ou constrangimentos aos que deles participam, à medida que se proponham a externar opiniões não comprometidas, mesmo sobre assuntos estritamente pautados.

Com tal percepção dos fatos, na qualidade de representante de um segmento que atua no setor de trabalho, o da Unimed—Porto Alegre, ao invés de nos lastimarmos, teremos por convicção estar presentes nos futuros eventos, prestigiando-os, mas não como vassalão de uma sectária casta de senhorios do cooperativismo, que ao invés de assimilar espontaneamente manifestações, de nenhuma forma agressiva às doutrinas cooperativistas, procura valer-se de um dos mais estreitos argumentos de manifestação pública — a vaia —, sinônimo daqueles que, tolhidos por seu primarismo, escondem-se no anonimato do vozeiro inconsequente.

Tamanha falta de ética, de falsa irmandade, certamente não teria guarida até em setores que mais combatem o cooperativismo, os quais nem por isso deixamos de condenar, simbolizados pela nefasta ação mercantil, quer da área de produção; quer da área de trabalho.

Urge pois, substanciais e grandes modificações com a politização de novas lideranças, as quais possam realmente ser portavozes das angústias sociais e econômicas da grande maioria de associados, que pela sua realidade, dificilmente compreenderão a discussão de seus problemas num hotel de cinco estrelas.

Esperamos, pois, que esta crítica, embora incisiva mas franca, ao sacudir esses deformados cooperativistas, venha trazer nossa colaboração ao sistema, que pelas suas teses, ainda o compreendemos como o mais justo e razoável.

Arnaldo Mallmann, presidente da Unimed/Porto Alegre.

Progresso?

Senhor Diretor:

"Selva pura, onde os homens viram verdadeiros prisioneiros". Esta declaração sobre o Pólo Petroquímico foi feita por Carlos Araújo, assessor jurídico do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, ao jornal *Zero Hora* do dia 15 de abril. Ele é um dos advogados que trata do processo sobre as agressões a tiros por parte da polícia contra os operários do pólo. Desarmados, desesperados e com fome, eles reivindicam apenas seus direitos. Em vista disso, perguntamos nós, da Comissão de Luta Contra o Pólo Petroquímico: Que progresso social é esse, onde homens viram prisioneiros, sem as mínimas condições de higiene e com uma alimentação de péssima qualidade? Onde se colocam os que disseram que ser este megaloprojeto o salvador da economia gaúcha? E que "a pior poluição é a da miséria"? Quem está sendo beneficiado com tal progresso, alimentado por grandes recursos públicos, enquanto trabalhadores passam fome?

Na melhor das hipóteses, o Governo comete o erro de conceitualização. A não ser que progresso signifique miséria e fome para a maioria e privilégio para poucos. Agora, mais do que nunca, está claro que a poluição e a miséria andam juntas, são mesmo inseparáveis. O operário baleado pela polícia é uma vítima direta desse progresso louco e imediato, que não poupa esforços, passando por cima até de seres humanos, para atingir seu objetivo único e primeiro: o lucro!

Aliás, já havíamos alertado para o que ocorre hoje. Pois, já há algum tempo, trabalhadores de todos os cantos do Rio Grande do Sul e até de outros estados vêm migrando para a região de Montenegro, ao contrário do prometido, é a miséria correndo solta e faminta, antecipando o desastre ecológico.

Comissão de Luta Contra o Pólo Petroquímico

Cartas para esta seção devem ser endereçadas à Rua Comendador Coruja, 372.

A ELEIÇÃO DOS 20 BI

Por Chico Daniel

Alguns têm muito dinheiro. Para outros, resta a criatividade

Em setembro de 81 o deputado estadual Nivaldo Soares, do PMDB, pagou Cr\$ 15 mil por 20 mil pequenas faixas de papel, onde se lia "Nivaldo, PMDB". Na semana passada, o mesmo trabalho já estava custando Cr\$ 161 mil. Inconformado com "essa barbaridade", o candidato à reeleição afirma que não terá dinheiro suficiente para fazer uma campanha sequer razoável.

E razoável, diz Nivaldo, seria dispor de Cr\$ 10 milhões. Afinal, só o gasto com gasolina em sua região — Uruguiana — assusta até mesmo alguns abastados pretendentes ao legislativo estadual. Assusta porque quem não for eleito ainda terá que ficar pagando por três ou quatro anos os empréstimos obtidos junto às instituições financeiras. Para Cesar Schirmer, do mesmo partido, o cálculo aproximado já está feito: Cr\$ três a quatro milhões, se quiser alcançar o mínimo de 20 mil votos necessários à reeleição.

Somente com material impresso — cartazes, volantes e panfletos — Schirmer vai dispendir Cr\$ dois milhões. Isso se não houver alteração no orçamento atual de Cr\$ 300 mil por um milhão de santinhos bem modestos. Na mesma área, em torno de Santa Maria, concorre o pedessista Sérgio Ilha Moreira, um dos mais ricos do parlamento estadual, segundo seus colegas da Assembleia.

Sorriso permanente nos lábios, Moreira contrapõe com o argumento de que nem possui casa própria. Mas admite que ganhou a fama de homem rico como proprietário de uma lavoura de arroz em Cacequi.

O único que se mostra tranquilo é Ibsen Pinheiro, que agora tentará chegar à Câmara Federal. Ele prevê "apenas" Cr\$ três milhões de despesas pela simples razão de ser muito conhecido, fazendo votos até "em municípios que não visito". É a vantagem de ser jornalista atuante no setor mais popular da profissão: a cobertura esportiva.

Nem mesmo Ibsen, porém, estará livre das inevitáveis pressões dos candidatos a vereador. Eles deverão forçar a barra para cima dos deputados, tentando obter uma boa ajuda financeira. E não será surpresa que façam vários acordos para divulgar nas bases o nome dos candidatos aos cargos de maior importância. É claro que não poderão cumprir todos os compromissos. Cientes da situação, os candidatos à deputação já criaram suas defesas: assumem a responsabilidade pela impressão de panfletos, naturalmente sem esquecer de entregá-los aos candidatos municipais com seus nomes e fotos incluídos no material.

LIMITE

A utilização do FEPA — Fundo Estadual de Previdência Parlamentar —, depositado na Caixa Econômica Estadual, está descartada. Acontece que quase todos os deputados já estão no limite de retiradas — em torno de Cr\$ 2.400.000,00. Assim, só os muito



A mais cara campanha eleitoral começou com a disputa de espaço em muros e paredes

ricos arriscariam estupendos investimentos nessa campanha. Segundo calcula-se nos meios políticos, até hoje ninguém gastou tanto — fala-se em Cr\$ 100 milhões — como o deputado federal Cláudio Strassburger há quatro anos.

Quem tem todo esse dinheiro? Na Assembleia Legislativa, nem mesmo os seis considerados mais ricos: Erasmo Chiappetta, Gil Marques, Aldo Pinto, Cícero Viana, Sérgio Ilha Moreira e Carlos Giacomazzi, este último ligado à indústria. Os outros são grandes proprietários rurais. Aliás, invejável condição que parece causar certo incômodo político. Por exemplo, o deputado Erasmo Chiappetta faz questão de demonstrar à perfeita compatibilização do trabalho que representa com "a vocação agropastoril do Estado".

Quanto à fama de rico, Chiappetta lembra que existem duas famas "que nunca se consegue desmentir": a de rico, justamente, e uma outra, impubescível. Hesitando um pouco antes de revelar suas posses, o deputado acaba relacionando: mais de dois mil hectares em São Gabriel, uma granja em Chiappetta, gado de corte e de cria, plantações de soja, trigo, milho, azevém e aveia ("só compramos sal, açúcar e café, o resto se produz").

Como candidatos ao segundo mandato de prefeito em São Gabriel, favorito na cidade, ele acredita que não chegará a gastar Cr\$ um milhão. Mas, como coordenador da campanha de finanças de Alceu Collares, Chiappetta deu um exemplo que dificilmente poderá ser seguido com tanto despreendimento: doou 50 toneladas de papel ao partido, o que lhe custou pouco mais de Cr\$ 5 milhões.

É a quantia necessária para uma boa campanha a deputado estadual, revela Gil Marques, dividido entre candidatar-se a deputado federal ("por mais econômica que seja a campanha, não se gasta menos de Cr\$ 8 milhões) ou vice-governador ("colocarei os mesmos recursos à

disposição do partido"). Proprietário de mais de dois mil hectares de terra na região de Itaqui (com a área arrendada chega a cinco mil hectares), mais de três mil cabeças de gado, 1.600 porcos e um avião, o parlamentar admite que "essa imagem de rico é um fardo". Constantemente chamado de latifundiário pelos deputados do PDS, ele defende uma reforma agrária com ênfase na "exploração intensiva da área aproveitável".

Se for a deputado federal, fará dobradinha com João Vicente Goulart, filho do último presidente eleito neste país do casuísmo. Além do peso eleitoral do nome do

pai, João Vicente talvez seja o candidato mais rico do Estado. Segundo as "más línguas", é o feliz possuidor de um milhão de hectares de terra, localizado em pontos tão distantes como o Paraguai, Uruguai, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Na verdade, da fortuna deixada por Jango para os filhos Denise e João Vicente, se sabe apenas que a Fazenda do Rancho Grande — uma das menores — tem cerca de 20 mil hectares.

AUSTERIDADE

Embora sem terras, o ministro Jair Soares, candidato do PDS ao

Quanto custará a campanha no RS

A maior e mais cara campanha eleitoral da história política brasileira já começou. Pelas ruas, postes, muros e paredes se percebe facilmente que muito dinheiro vai rolar. No Rio Grande do Sul, com três partidos fortes, mais o PT e PTB, os gastos dessa campanha podem atingir, segundo cálculos por baixo, bem por baixo, de Cr\$ 15 a 20 bilhões. Para quem não sabe o que é isso, algumas comparações:

— é dinheiro para construir mais de 20 mil casas populares;
— é dinheiro para pagar mais de um milhão de operários que recebem o salário-mínimo (já

reajustado com os valores a partir de 1º de maio);

— é dinheiro para pagar 60 vezes o prêmio da loteria esportiva a um único ganhador. Para um eleitorado de quatro milhões, cada voto custará Cr\$ 5 mil.

Esses cálculos se baseiam numa estimativa do número de candidatos que cada partido vai lançar para todos os cargos em disputa. As informações foram colhidas junto a secretarias dos partidos, candidatos, cabos eleitorais, gráficas e gente experiente no assunto. Assim, o Rio Grande do Sul terá:

Nº DE CANDIDATOS	CARGO	DESPESAS
25.000	vereador	7.500.000.000,00
550	dep. est.	750.000.000,00
330	dep. fed.	1.000.000.000,00
700	prefeito	1.200.000.000,00
5	governador	6.000.000.000,00
5 a 7	senador	120.000.000,00
26.590/2	3.000 cargos	16.570.000.000,00

OBS.: o número de candidatos por partido ainda depende de legislação federal sobre o assunto, mas possivelmente será definido o critério máximo de três por vaga, por partido, para vereadores, deputados estaduais e federais. Para prefeito e senador, os partidos podem lançar até três candidatos, graças à existência da sublegenda. No caso dos parlamentares, como a eleição é proporcional à legenda, cada partido deve procurar lançar o maior número de candidatos.

governo do Estado, já demonstrou nas prévias do seu partido que a austeridade recomendada pelo governador Amaral de Souza e apregoada nas contas da Previdência eleitoral. Os Cr\$ 10 milhões que Jair teria gasto para derrotar Marchezan e Germano nada significam perto dos Cr\$ 2 bilhões solicitados à Federação das Indústrias e à Federação das Associações Comerciais.

A informação apareceu no Relatório Reservado de 5 a 11 de abril, uma publicação dirigida ao empresariado de todo o país. Seria a retribuição dos empresários aos favores do governo. A iniciativa de resposta partiu da empresa caxiense Marcopolo: doou um ônibus de alto luxo, já apelidado de *Jair-móvel*, equipado com todas as mordomias que facilitam a vida do candidato em suas andanças.

NOVOS

Se os atuais deputados lamentam o que terão de gastar, o que dizer dos novos, sem nome e sem dinheiro, e ainda tendo que disputar credenciais dentro de seu próprio partido? Criatividade é a saída. Como fez o economista Cesar Busatto, candidato a deputado estadual pelo PMDB. Com amigos e simpatizantes, ele espera arrecadar Cr\$ três milhões até novembro. Mas suas grandes cartadas foram um poster de lançamento da candidatura, para o qual teve que fazer um empréstimo de Cr\$ 100 mil e a festa de aniversário de seus 30 anos. Busatto gastou mais Cr\$ 100 mil, porém legitimou sua disposição de concorrer frente a convidados de todos os partidos.

Além de tudo isso, tem mais de 50 cabos eleitorais que nada lhe custam, pois são todos militantes do jornal *Hora do Povo*, uma conhecida tendência do PMDB a qual o candidato pertence. Esse esquema já conseguiu eleger José Fogaça em 78, com a ajuda gratuita de seus 230 alunos de um cursinho pré-vestibular. Sem dinheiro, mas com amigos e simpatizantes, o advogado Heriberto Back está certo da eleição para vereador pelo PDT de Porto Alegre. O grande lance da campanha é a presença constante em muitas vilas, defendendo causas gratuitamente para os *vileiros*.

Independente de questões financeiras, o problema maior é o do PTB, partido de Ivete Vargas. Conta apenas com o dinheiro do advogado Jorge Krieger de Mello, seu candidato a governador que, segundo boatos, estaria pagando razoavelmente cabos eleitorais contratados. Deve-se somar ao auxílio de Krieger a colaboração de duas indústrias caxienses, simpáticas ao vice, Remo Marcucci, vereador da cidade.

Num esquema completamente novo, em termos de política eleitoral, o Partido dos Trabalhadores vai fazer a campanha de Olívio Dutra ao governo do Estado criando um Fundo Comum de contribuições. Ninguém, mas ninguém mesmo no PT, ganha mais de Cr\$ 250 mil mensais. E são poucos os que superam os Cr\$ 100 mil, ou possuem carro e casa própria. Nessa situação, a orientação do partido é uma campanha coletiva, com muita criatividade e contato direto com os eleitores. O PT recém iniciou a escolha de nomes aos cargos legislativos. Por enquanto, vem divulgando apenas a sigla partidária, especialmente através de painéis coloridos, pintados nos muros da cidade por artistas militantes.

Eleições: a atração do ano

Enquanto a Lei Falcão não vem, a democracia invade os vídeos

Ninguém sabe qual o destino da esdrúxula Lei Falcão. A julgar pelas desconstruídas manifestações oficiais, nem o próprio Governo sabe o que fazer com ela, afinal impedir o acesso de candidatos aos meios de comunicação não sintoniza com a abertura em marcha. Mas, enquanto isso, a política está invadindo os vídeos de todo o país, com debates que, se mostram candidatos despreparados para enfrentar este poderoso meio de comunicação (ver box), pelo menos estão despertando a curiosidade do eleitor. E isto, sem-dúvida, deverá ser levado em conta pelos encarregados de disciplinar a propaganda política.

Até agora, a tentativa mais ousada — e que mais rendeu em termos de audiência e prestígio — foi a da TV Guaíba, de Porto Alegre, que reuniu os quatro candidatos ao Governo do Estado no programa *Espaço Aberto*. Em termos regionais, a TV Gaúcha, no início do ano, fizera um programa com os três candidatos à prévia do PDS e, um dia depois da opção do ex-governador Sival Guazzelli pelo PMDB, colocou-o diante das câmeras da emissora, para explicar sua escolha. A TV Estado — do Governo —, também antes do debate da Guaíba, já entrevistara Jair Soares, Alceu Collares e Pedro Simon, porém separadamente. Outros debates que chegaram de fora como Franco Montoro x Reynaldo de Barros, pela TVS, Miro Teixeira x Sandra Cavalcanti, em *Sem Censura*, e os da série *Crítica & Autocrítica*, igualmente não tiveram o mesmo impacto.

"Muita gente achou que o debate foi burocrático", afirma a diretora de Telejornalismo da TV Guaíba, Vera Zílio. "Acontece que fizemos o possível para que todos tivessem as mesmas chances. A única maneira de agir com isenção foi dar a todos a oportunidade de responder às mesmas perguntas". Durante o programa, o telefone da emissora não parou de tocar, com o público reclamando principalmente da postura auto-suficiente de Collares — muita gente evocando sua condição de negro —, do sorriso irônico de Jair Soares, do traje safari usado por Olívio Dutra ou da fisionomia abatida do senador Pedro Simon, ou elogian-

do a conduta serena e democrática dos quatro.

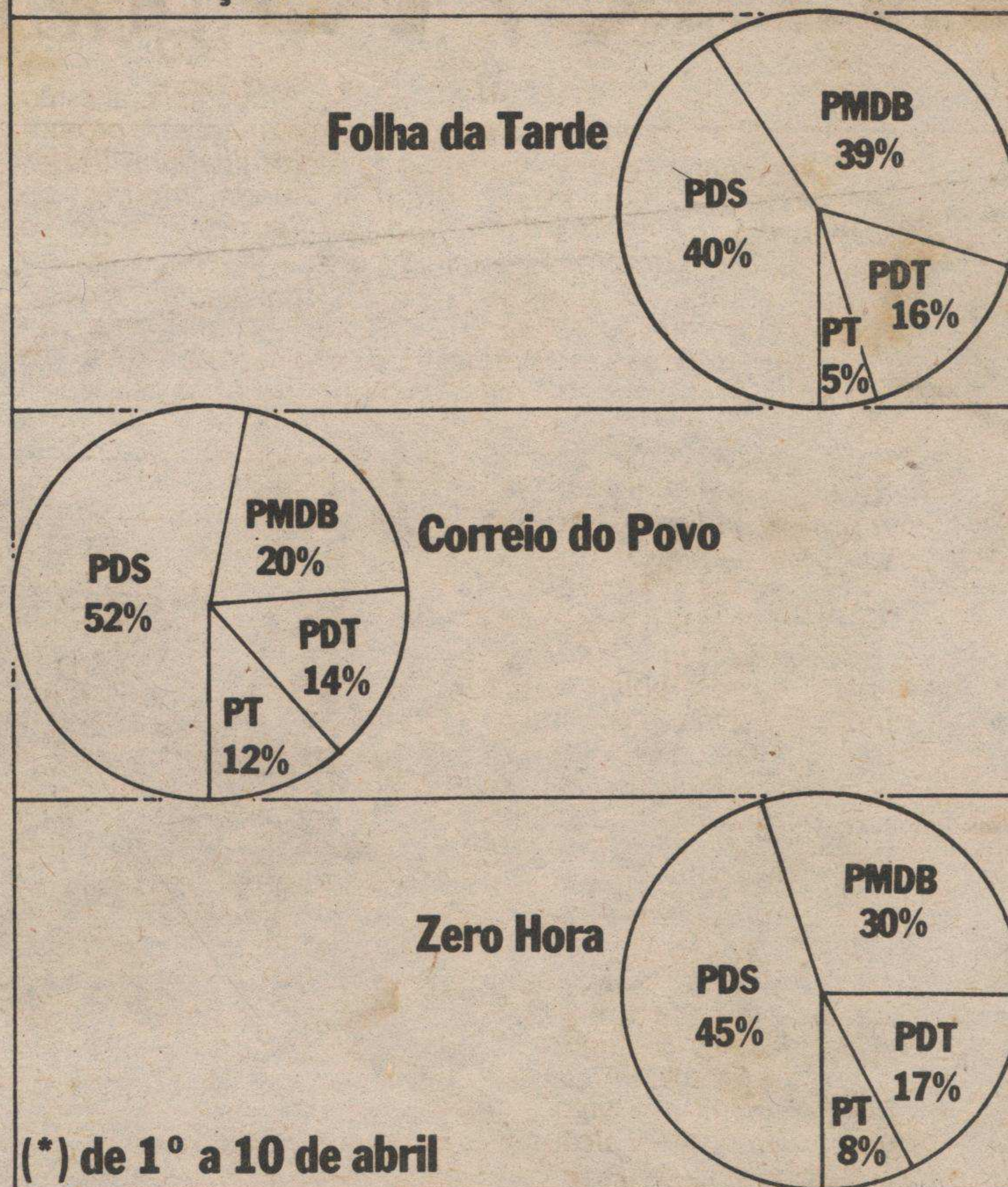
Segundo Vera Zílio, a realização do programa teve contra si uma série de dificuldades. "Passamos quase um mês cercando os candidatos, em Porto Alegre e em Brasília. E, depois de várias tentativas, conseguimos uma data em que os quatro estavam disponíveis". No final, valeu a pena. A Guaíba conseguiu sua maior audiência em quatro anos de existência. Segundo uma pesquisa encomendada pela emissora — que não é assinante do Ibope — à agência de propaganda Escala, dos televisores ligados naquele dia a maioria estava sintonizada no debate. Em termos de *furo* jornalístico, o programa superou outro grande momento da emissora, o debate entre Simon e Brizola, há dois anos, no programa *Távola Redonda*, que registrou o rompimento político entre os dois. Vera Zílio acrescenta que o caminho está aberto e que a tendência é deixar o *Espaço Aberto* prioritariamente voltado para as eleições.

Centralismo da Globo

O sucesso do debate da Guaíba serviu para indicar um caminho inclusivo para as emissoras concorrentes. A TV Gaúcha, líder da Rede Brasil Sul de Comunicações, com estações espalhadas pelo Estado, já está montando sua Central de Eleições, que prevê a criação de programas específicos, na fase pré-eleitoral, e de antecipar os resultados, com a ajuda de computadores, durante o pleito. O esquema foi testado por ocasião da prévia do PDS, com resultados satisfatórios.

O maior problema que a TV Gaúcha enfrenta é o centralismo rígido da programação ditada pela Rede Globo. Ela só dedicou bom espaço de sua programação à prévia do PDS, porque era um período de férias com muitas reprises de filmes enlatados, e só fez um programa inteiro com o ex-Governador Guazzelli, porque a

ESPAÇO DOS PARTIDOS NOS JORNAIS (*)



(*) de 1º a 10 de abril

estréia de *Globo Repórter*, marcada para o mesmo dia, foi atrasada em uma semana. Mas, segundo o chefe de Telejornalismo, Carlos Bastos, a Rede Globo concedeu maior maleabilidade às suas filiadas para produções locais, no programa *Sem Censura*: "Quando o programa tratar de algum assunto mais restrito a Rio e São Paulo, poderemos produzir o nosso *Sem Censura*, com candidatos, não só ao Governo, mas também ao Senado e à Câmara Federal ou Assembleia". De qualquer forma, a programação eleitoral da Gaúcha só se define após a Copa do Mundo — por en-



Bastos: mais flexibilidade

quanto a principal atração da emissora.

Mais livre de problemas de rede e de patrocinador, a TV Estado, do Governo, também está disposta a investir nas eleições de novembro. A TVE mantém o programa *Encarte* especificamente para discutir política. Já entrevistou os candidatos ao Governo (à exceção de Olívio Dutra, que estava viajando), representantes jovens, mulheres, economistas e demais segmentos dos partidos. "Temos a vantagem de trazer pessoas que normalmente não teriam acesso às demais estações porque não dariam Ibope", diz o produtor e apresentador de *Encarte*, Josef Zukauskas. A intenção da emissora se estende a resolver dúvidas do eleitor, como voto vinculado, coincidência de mandatos, voto na legenda e demais casuísmos que certamente dificultarão o eleitor já desacostumado com eleições diretas.

De um modo geral, tanto os responsáveis pela programação das TVs como o público em geral acham que a postura dos novos astros da TV — os candidatos — ainda é muito tímida. "Eles não se aperceberam da força da TV", observa Vera Zílio. "Estão mais precavidos, na retranca", acrescenta Zukauskas. Naverdade, ainda está na lembrança dos mais antigos, o debate entre Paulo Brossard, do então MDB, e Nestor Jost, da extinta Arena, ambos candidatos a senador, em 1974, nas últimas eleições antes do surgimento

da Lei Falcão. Naquela oportunidade, Brossard, com sua refinada ironia, simplesmente arrasou seu oponente, o que, sem dúvida, colaborou para a diferença de quase um milhão de votos em favor do candidato da oposição.

PDS tem mais espaço

Nos jornais de Porto Alegre a campanha eleitoral também ganha espaços. Os tradicionais assuntos da cobertura política, como projetos de lei, CPIs, troca de acusações entre oposição e situação estão sendo substituídos por confecção de discussão de chapas, viagens de candidatos ao interior e, é claro, brigas entre os candidatos.

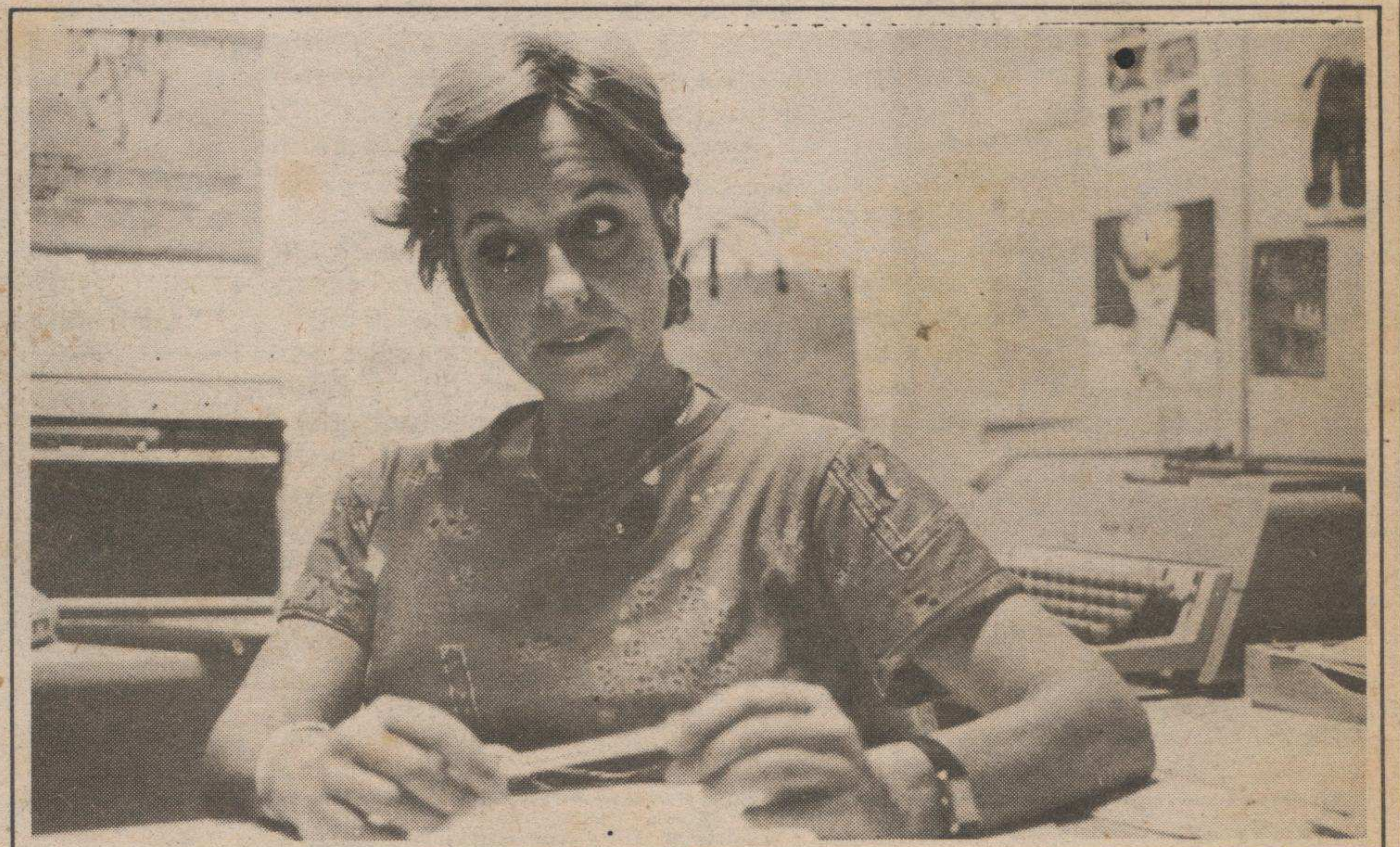
Uma análise comparada dos três principais jornais da capital gaúcha (*Zero Hora*, *Folha da Tarde* e *Correio do Povo*), durante os primeiros 10 dias de abril, revela que o PDS dispôs de maior espaço. Examinando-se o espaço dedicado à política regional (excluindo as colunas assinadas e o noticiário nacional), a *Zero Hora* dedicou 45% ao PDS, 30% ao PMDB, 17% ao PDT e 8% ao PT. A *Folha da Tarde* deu 40% às notícias do PDS, 39% do PMDB, 16% do PDT e 5% do PT. E o *Correio do Povo* concedeu 52% de sua edição política ao PDS, 20% ao PMDB, 14% ao PDT e 12% ao PT. Cabe ressaltar que, no período examinado, as principais notícias da área política foram a escolha dos candidatos a Vice-Governador e Senador, pelo PDS, as viagens de Simon e Collares ao interior, as discussões sobre nomeações feitas pelo ministro Jair Soares, na época da prévia, e a convenção municipal do PT.

Para o jornalista Érico Valduga, presidente do Clube dos Repórteres Políticos e comentarista da TV Pampa, a grande deficiência da cobertura jornalística pré-eleitoral é a falta de análise sobre os programas dos partidos. "A cobertura está concentrada nos candidatos e deixa de lado as questões programáticas", diz ele. "Isso ocorre, de um lado, porque os partidos não se firmaram. Tanto assim que o candidato que se saiu melhor no debate da TV Guaíba foi o Olívio Dutra, justamente porque o PT é o partido que possui um programa melhor definido. E, de outro lado, isto acontece pela falta de preparação dos repórteres que recebem salários baixos e perdem o interesse em se aprofundar e especular".

Rafael Guimaraens



Zukauskas (à direita): preocupação em explicar os casuísmos ao eleitor



Vera Zílio: dificuldades compensadas com prestígio e audiência

A subversão na linguagem política

Um assunto dominou amplamente, os meios políticos brasileiros, em fins de março: os debates políticos entre o senador Franco Montoro (PMDB) e o prefeito da capital paulista, Reynaldo de Barros (PDS), ambos candidatos ao Governo de São Paulo e, entre os quatro candidatos ao Governo do Rio Grande do Sul, o ministro da Previdência, Jair Soares (PDS); o senador Pedro Simon (PMDB), o deputado Alceu Collares (PDT) e o líder sindical Olívio Dutra (PT). Na realidade, o grande impacto dos debates foi a quebra do jejum democrático, imposto pela Lei Falcão a toda a sociedade brasileira, cerceando dramaticamente a participação dos candidatos nos meios de comunicação de massa. Com efeito, não teria o menor sentido a permanência desta lei autoritária, quando se abre espaço para a democracia política. O fato é que os debates entre os políticos entraram na ordem do dia.

Aqui no Rio Grande do Sul, o debate entre Jair, Simon, Collares e Olívio foi assunto para muitos dias de conversas e ainda não está plenamente esgotado. Em primeiro lugar, não foi feita uma análise coerente em todas as suas seqüências daquilo que todos se perguntavam no dia seguinte: quem foi o vencedor?

Certamente se pode fazer uma análise fria a respeito do desempenho de cada um dos debatedores e chegar-se a um consenso, deixando de lado as frases ocas do tipo "quem venceu foi o Rio Grande do Sul", e, a partir de dados objetivos, verificar-se qual o candidato que maior impacto causou no público telespectador. Entretanto, mais importante ainda do que analisar cada candidato por candidato e apontar o melhor, é alertar para esta nova forma de comunicação com o público, que ainda não foi totalmente compreendida em toda a sua amplitude. Nem pelo próprio público, nem pelos candidatos. Ou seja, estamos diante de uma nova linguagem política, muito diferente da velha retórica dos comícios ao ar livre.

Foi este, por exemplo, o maior problema do deputado trabalhista Alceu Collares, que se empertigou diante das câmaras da TV Guaíba, usando uma linguagem rebuscada e arcaica, que entrava em contradição direta com o meio através do qual pretendia enviar seu recado. Da mesma forma, os sorrisos marotos do ministro Jair Soares, surpreendido pelas câmaras, não somou exatamente pontos a seu favor.

De fato, a televisão exige um novo tipo de linguagem, para a qual os políticos ainda não estão preparados. O ar solene e retórico não cabem no vídeo, que apanha o público em sua intimidade. Ou seja, a velha política era uma es-

pécie de ritual, onde o encontro das lideranças com as bases se dava no comício, que exigia a saída de casa, a concentração, o palanque, que distinguia o orador. Este se comportava como um ator, usando gestos e inflexão de voz para uma melhor comunicação com o público, que respondia ao desempenho do orador com aplausos, gritos e até apertes. A televisão mudou tudo: o público não sai de casa, nem se comunica diretamente com o candidato. Não há a tensão quase dramática dos comícios, mas a mais absoluta intimidade. Este dado novo não foi, ao que se pode deduzir do debate, assimilado pelos homens políticos do Rio Grande contemporâneo, os quais se comportam diante das câmeras como se estivessem diante de um auditório. O público, porém, mesmo que disso não tenha consciência, sente a inadequação do comportamento, da postura do candidato com o meio de comunicação através do qual ele se expressa. Daí, certa frustração e perplexidade com a quase totalidade dos debates políticos que ressurgem com todo o vigor nesta época em que a Lei Falcão começa a morrer de senilidade.

A linguagem política do vídeo, portanto, não apela à emoção, mas deve ser basicamente racional, pois se trava um diálogo direto com o público telespectador em sua mais absoluta intimidade, abrindo espaços para que se reflexione e analise. O antigo comício de rua era uma espécie de catarse, não sendo raros os casos em que o orador acumulava frases, provocando delírio no seu auditório, sem dizer nada que fosse concatenado, nem apresentasse uma análise dos fatos que pretendia abordar. Na verdade, a televisão é um juiz implacável, que exige do político um tipo de comportamento novo, em que qualquer deslize está a um passo do ridículo.

Resta saber se isso foi um avanço ou não. Isto é: o público e a democracia ganharam com a chegada dos meios de comunicação eletrônicos? Ou não? Dizem alguns que, os velhos comícios eram mais democráticos, na medida em que fortaleciam os laços comunitários, enquanto a televisão atomiza e aprofunda a solidão individual, impossibilitando a participação conjunta do povo na campanha. Em primeiro lugar, deve se salientar que a comunicação eletrônica não substitui o comício. Já estão exemplos recentes, inclusive nos países desenvolvidos, onde se realizam comícios gigantescos, com imensa participação popular. O contato direto do político com o povo, sem dúvida alguma, vai se manter por todo o tempo que existir política. Em segundo lugar, o simples fato da existência do comício de maneira alguma implica em um

grau maior de democracia: aí estão as grandes encenações, promovidas pelas piores ditaduras (Hitler e Mussolini foram mestres de comícios-monstros). Tanto o comício como a televisão podem ser usados pelas ditaduras fascistas e autoritárias. O problema democrático não está no meio de comunicação, mas nas estruturas

políticas, econômicas e sociais. De qualquer forma parece que a televisão, em um sistema democrático, pode contribuir decisivamente para o aperfeiçoamento deste mesmo sistema. É uma pena que nem todos tenham se apercebido desse fato. Na medida, porém, em que esses debates e entrevistas com

políticos se repetirem, o que fatalmente acontecerá (a não ser que a abertura entre em marcha-ré), certamente tanto o público como os políticos perceberão que há necessidade de formular uma nova linguagem exigida por este poderoso meio de comunicação.

Luiz Pilla Vares

Plante uma idéia de muitas sementes.

A Cotrijuí planta, entre seus associados, a idéia da diversificação de culturas. Como outras iniciativas, a maioria pioneira, essa também já começa a dar bons resultados.

Mas é preciso que mais agricultores participem desse esforço fundamental para levar mais alimentos à mesa do povo brasileiro. E garantir, acima de tudo, um rendimento mais racional para o produtor.

Venha plantar com a gente a idéia da diversificação.

A sua força, a sua voz levarão para frente essa palavra de ordem. E de progresso.



COTRIJUI

A mão e a idéia do homem.



Os candidatos na TV: pouco à vontade com a linguagem eletrônica

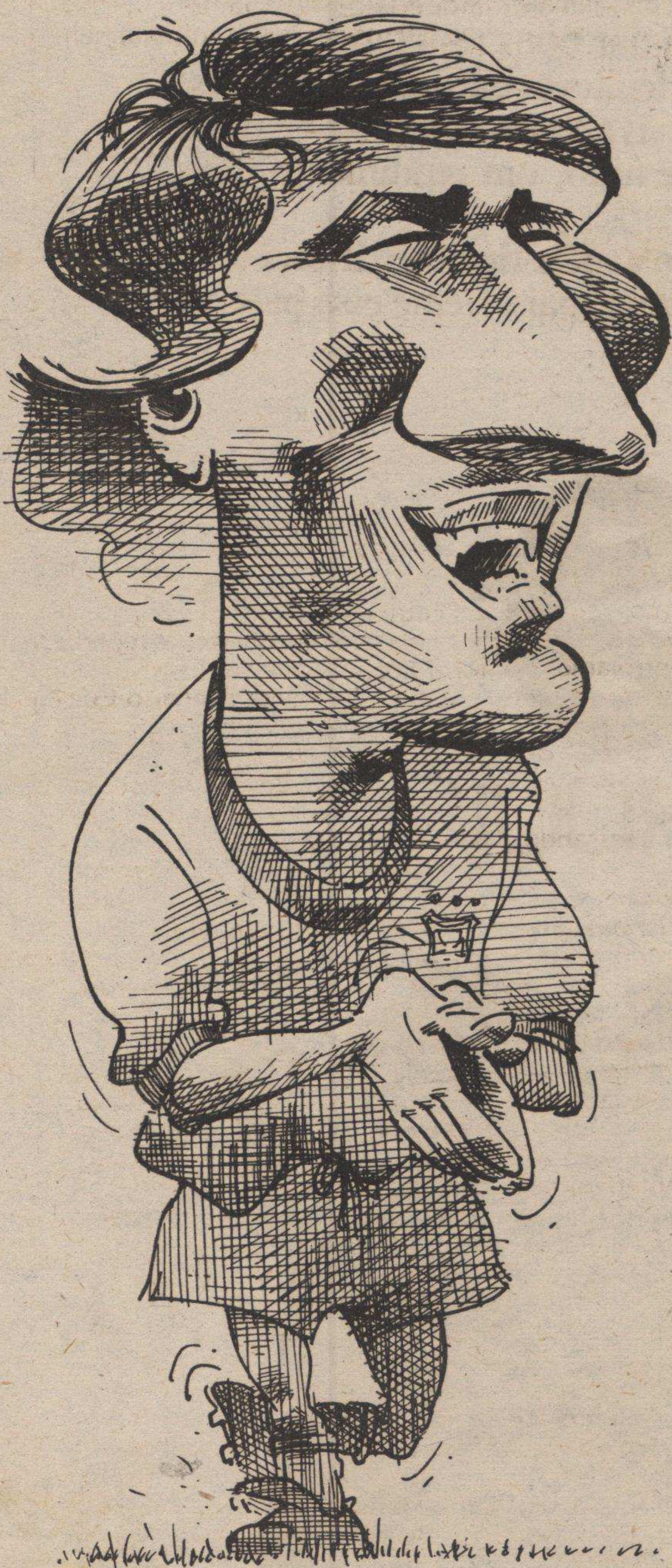
Final da Copa de 82, Brasil x Alemanha, zero a zero, quase no fim do jogo e...

Pênalti para o Brasil

Por Luis Fernando Veríssimo

A última coisa que se pode pedir a um torcedor de futebol é que ele pense a longo prazo. O prazo mais longo que um torcedor de futebol admite é 90 minutos. Quem, vendo um Brasil x Itália, na Copa do Mundo, desgrudaria os olhos da TV para refletir sobre a conveniência ou não de uma vitória do Brasil e o que ela faria pela imagem do "presidente amigo da gente", justamente na época em que o Governo mais reprimia e mais falsificava a sua imagem? Depois dos 90, sim, podia-se lamentar os efeitos da vitória no nosso futuro político. Mas na hora era um, dois, três, quatro, cinco, mil, queríamos que a Itália fosse pra ponta do pavio. Imagine-se na frente da televisão vendo a final do Mundial da Espanha, Brasil x Alemanha, zero a zero, quase no fim do jogo e...

- Pênalti!
- O juiz deu pênalti!
- É a nossa chance!
- Zico vai bater.
- Pronto. O Governo vai ganhar as eleições.
- Não sei.
- Ganhou. O Zico não erra pênalti. Está em cima da hora. O Brasil ganha o jogo e a Copa e o Governo ganha a eleição.
- Mas se o Brasil não ganha a Copa, o povo se revolta, o regime endurece e aí não sai eleição nenhuma.
- Melhor, porque cai a máscara. Melhor não haver eleição do que haver uma farsa.
- Que é isso? Melhor é eleição de qualquer jeito.
- O ideal seria o Brasil perder, o povo não se revoltar na hora e guardar a mágoa para descarregar na urna.
- Bom, aí você já está querendo...
- Ssh, pessoal. Olha o pênalti.
- Lá vai o Zico...
- Não quero nem olhar.



direita
ou esquerda?



Se o Zico marca e o Brasil ganha, o que acontece? Há um carnaval no Rio de Janeiro, será preparada uma grande recepção aos campeões do mundo, que desfilarão pelas ruas num carro de bombeiro, depois rumarão para Brasília. Lá, serão recebidos no Palácio do Planalto. Todos se enfileirão para cumprimentar um a um... o Maluf?!

- Como é que ele chegou até lá?
- A segurança tinha que ter segurado.
- Ninguém segura o Maluf.

Depois de uma breve escaramuça, com Medeiros puxando para trás, pelo rabo do casaco, o governador, que não pára de sorrir, Figueiredo toma o seu lugar. Cumprimenta a delegação e aproveita para pedir a Telê que faça um comercial de propaganda eleitoral para o Governo, algo em torno do tema "em time que está ganhando não se mexe", depois a gente conversa.

Depois da recepção, assediado por repórteres que querem uma declaração e por Maluf que quer lhe abraçar, Figueiredo declara que a vitória foi de todo o povo brasileiro, a não ser pelos eternos derrotistas, os pescadores em águas turvas, os críticos — enfim, todos que não são do PDS. Maluf o beija.

Com a vitória na Copa, melhora consideravelmente a vida de uma parcela da população brasileira: os jogadores, que ganham presentes de todos os lados, milionários contratos de publicidade e um ônibus cada um, do Maluf. O resto do povo continua na mesma e como ainda há uns bons quatro meses antes das eleições, trava-se uma corrida entre os bons efeitos da Copa e a realidade. Entre a sensação de ser o maior do mundo e a sensação de ainda estar na merda. Só resta saber qual a sensação que estará mais forte na hora de entrar na cabine. Se Zico erra o pênalti, o jogo vai para a prorrogação, o Brasil perde, há um carnaval no Rio de Janeiro, por alguma outra razão. Na chegada, Telê explica que sua decisão de não usar pontas vem do seu posicionamento político, pois é contra os extremismos, e os próprios repórteres tentam bater nele com seus microfones. Zico desembarca disfarçado de Paulo Isidoro. Quando os jogadores estão saindo do aeroporto, um carro de bombeiros tenta atropelá-los. Maluf não é encontrado em lugar algum.

Há um grande sentimento de frustração no país. Os serviços de informação advertem sobre a ação de agitadores que tentam se aproveitar da situação. É recomendado que se evite aglomeração em que as pessoas possam começar a falar em futebol, como comícios e eleições. Há notícias de que o Governo pode decretar um pacote transferindo as eleições para novembro de 1986 — dependendo do resultado da outra Copa.

- Ssh, pessoal. Olha o pênalti.
- Lá vai o Zico.
- A longo prazo...
- Quer esquecer o longo prazo?
- Ai, meu Deus...
- É agora...
- Erra, desgraçado. Erra, desgraçado... Que é que estou dizendo? Acerta, desgraçado! Eu não quero nem olhar.

Cupom de assinatura
Coojornal

Nome: _____
End: _____ Nº: _____
Bairro: _____
Cidade: _____ CEP: _____
Estado: _____
Profissão: _____

Assine o Coojornal Ele agora está muito melhor

Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., no valor de Cr\$ 1.900,00, e receba em casa, por um ano, o seu Coojornal.

Coojornal, Rua Comendador Coruja, 372 — CEP 90.000 — Fone: 335099
Porto Alegre — RS

“O erro foi não ganhar o exército para o nosso lado”

Zbigniew M. Kowaleski é um dos poucos altos dirigentes do Sindicato independente Solidariedade, que escapou ao golpe militar de dezembro de 1981, porque estava fora do país. Atualmente, ele reside em Paris e dedica todo o seu tempo à reorganização do movimento sindical mais importante do leste europeu. Especialista em assuntos da América Latina, já que estudou em Cuba, Kowaleski tem vários livros publicados sobre o continente e em março esteve no México, fazendo conferência sobre a Polônia e participando do lançamento do Comitê Mexicano de Solidariedade com Solidariedade. Na cidade do México ele prestou um longo depoimento ao repórter Luiz Recena Grassi, do Coojornal, e ao pesquisador uruguaio exilado Victor Bachetta, que mostramos com exclusividade:

“Nosso sindicato formou-se num país com certas características especiais. Segundo a doutrina oficial, sustentada pelo Partido Operário Unificado Polonês (POUP), a Polônia é um país socialista, onde o poder pertence ao povo trabalhador, ou seja, os meios de produção fundamentais são socializados. Diz a Constituição que somos uma república democrática, enquanto organização de Estado. Pois bem, tudo isto é formal. Há mais de 35 anos, a Polônia possui todas as características de um Estado totalitário, pois as eleições para o Parlamento têm um caráter fictício — só se pode votar em candidatos listados pelo POUP — e o poder econômico e político está concentrado nas mãos de uma minoria que goza dos mais variados privilégios.

Para manter-se no poder, esta minoria burocrática teve que submeter o povo e a classe operária, em especial, a um regime de opressão e repressão capaz de impedir que seu poder fosse questionado. Como resposta, ocorre uma série de revoltas de trabalhadores, de caráter econômico, inicialmente.

Mais recentemente foi a manifestação de 1976, contra o aumento drástico dos gêneros alimentícios. Todas elas tiveram como característica comum o desespero dos trabalhadores, organizando mobilizações espontâneas. No fim da década de 70, pequenos núcleos de trabalhadores mais conscientes, entre os quais aquele que depois seria o presidente do nosso Sindicato, Lech Walesa, decidiram preparar as lutas futuras dos trabalhadores, em condições totalmente novas. Em primeiro lugar, sob a forma de um Sindicato Independente. Em segundo, adotando a tática de não sair à rua e sim entrincheirar-se nas fábricas, declarando greves. A primeira foi a grande greve geral de agosto de 1980, iniciada na costa do Báltico, que redundou a formalização do Sindicato Solidariedade.

A partir daí, mais da metade das bases do POUP passam a militar no Solidariedade. Para dar um exemplo, a maior fábrica siderúrgica da Europa, a de Katowice, o POUP diminuiu de quatro mil filiados em agosto de 1980 para apenas 25, em dezembro de 1981. Verificou-se uma massiva devolução de carteirinhas. Durante a aguda crise de março de 81, núcleos inteiros das bases do POUP declararam organicamente sua adesão à greve convocada pelo Solidariedade.



Kowaleski: “O Solidariedade deseja uma verdadeira socialização dos meios de produção”

Antes do Solidariedade, em termos de organização independente, existiam duas entidades: o Comitê de Defesa dos Operários (KOR) e a Confederação da Polônia Independente (KPN). O primeiro foi organizado por um grupo de intelectuais dissidentes, vindos do movimento estudantil, em 68. Mais tarde transformaram-se num pequeno e eficiente grupo em defesa dos direitos humanos e sindicais, cujo grande mérito foi criar o jornal *Operário*, a primeira publicação independente, que ajudou a divulgar a idéia dos sindicatos livres, com base na experiência das comissões operárias desenvolvidas durante a luta contra o franquismo, na Espanha.

TOMAR O PODER

Nós acreditávamos que a formação de um Sindicato Independente conseguiria resolver os problemas fundamentais do país. No entanto, logo tivemos que nos convencer, lamentavelmente, que o poder existente não pensava em ceder demasiado. Ao mesmo tem-

po, na medida em que nosso Sindicato devia atender aos diversos problemas econômicos que afetavam a população, vimos cada vez mais claramente que o Governo não fazia absolutamente nada para lutar contra a crise. Para exemplificar, um historiador econômico polonês comparou o retrocesso da economia do país com o sofrido pela Rússia em consequência de sua participação na I Guerra, das duas revoluções de 1917, da guerra civil e da intervenção estrangeira, sem que na Polônia estivesse havendo qualquer conflito.

Com a ajuda de sociólogos e economistas, chegamos à conclusão de que é a estrutura do poder econômico que origina esta crise em nosso país. Concluímos que deveríamos tomar o poder desta minoria burocrática para converter em realidade o que está estabelecido na Constituição, e fazer com que os próprios trabalhadores determinem as direções e as características do desenvolvimento econômico do país.

Esta é a nossa proposta: a autogestão operária. As decisões de caráter tático e estratégico das empresas devem ser tomadas pelos trabalhadores ou por seus representantes democraticamente eleitos, enquanto as medidas de caráter operacional corresponderiam à administração subordinada aos conselhos operários. O poder estatal e o partido governante chegaram a admitir a existência da autogestão, mas jamais aceitaram que esses órgãos se coordenassem regional e nacionalmente.

RADICALIZAÇÃO EM 81

Fomos acusados de agravar a crise polonesa, mas ao contrário, lutamos várias vezes para garantir a distribuição de artigos de primeira necessidade à população. No verão de 81, exigimos o direito de distribuição desses artigos, mas a resposta foi negativa sob o argumento de que quem controlasse o consumo básico deteria também o poder político. Nós achávamos, pelo contrário, que isso era necessário para resolver os problemas vitais, mas apenas na região de Lodz é que conseguimos o que queríamos, já que o Governo não tinha mais solução. Controlamos o sistema de racionamento e distribuição, simultaneamente, chegando a coordenar a rede de distribuição desde os centros de coleta, no campo, até as tendas varejistas da cidade, passando pelos armazéns. Em três semanas, melhoramos consideravelmente o abastecimento da cidade, reduzindo as filas e demonstrando a incapacidade do aparelho estatal para controlar a situação.

A crise entre o Solidariedade e o Governo assumiu proporções radicais em fins de 81. A essa altura, os trabalhadores das fábricas já reivindicavam eleições para todos os órgãos representativos do Estado e tinham consciência de que poderiam tomar o poder. Uma pesquisa feita pela célula sociológica do Solidariedade indicou que 88% dos integrantes do Solidariedade estavam dispostos a enfrentar qualquer tipo de medida de confronto ao Governo. Foi nesse momento que se difundiu a tática da “greve ativa”, que consiste em ocupar os locais de trabalho e organizar a produção sob o controle dos comitês de greve.

A direção nacional reuniu-se em 12 de dezembro de 81, em Gdansk, para discutir abertamente a questão do poder, sem que isso significasse que o Solidariedade fosse tomar o poder. Nessa reunião, duas táticas surgiram. A primeira propunha greve geral ativa, para tomar o poder eco-

nômico e acumular forças para a tomada do poder político. A segunda propunha a convocação de um plebiscito sobre a questão do poder político e econômico e, em caso de derrota do Governo, a instalação de um Governo provisório até as eleições gerais. A reunião terminou sem decisão, mas com o consenso de que as duas propostas não eram excludentes, mas poucas horas depois acontecia o golpe e a destituição do Solidariedade.

UMA VISÃO INGÊNUA

Quanto ao papel da Igreja Católica, ela tem uma característica particular: soube ser, nos últimos 36 anos, a força que impediu o poder burocrático de impor seu monopólio ideológico. No entanto, é preciso dizer que ela assumiu uma posição contraditória em relação à nossa luta. Acompanhou nosso movimento, principalmente, em agosto de 80, mas pediu moderação e paciência nos momentos em que o enfrentamento assumia características sumamente graves.

Temos também a consciência de que o golpe estava preparado muito antes de 13 de dezembro. Em fins de 80, enquanto o Partido Comunista da URSS (PCUS) nos acusava de contra-revolucionários, tropas do Exército Soviético concentraram-se na fronteira. Em janeiro e fevereiro, essas tropas foram desmobilizadas, ao mesmo tempo em que o POUP anunciou a militarização das fábricas. Pareceu-nos claramente que houve um acordo entre os dois partidos, de que a intervenção não seria do Exército Soviético e sim do Polonês.

Entre os aspectos negativos, há um erro que não queremos repetir: foi a decisão de não desenvolvermos uma luta para ganhar o Exército para nossas posições. Uma visão ingênua, evidentemente. Houve casos de soldados que vieram pedir auxílio para suas lutas dentro do Exército. Um desses momentos foi quando o Governo, em agosto de 80, resolveu prolongar o serviço militar obrigatório, mas nada fizemos para ajudá-los. Em relação à Polícia, por exemplo, nós não cometemos o mesmo erro. Em março, denunciemos a brutalidade da polícia contra os trabalhadores. A denúncia foi tão forte que as bases policiais passaram a tomar consciência, a discutir seus deveres ante a sociedade e, inclusive, se auto-organizaram num Sindicato de Funcionários da Polícia, naturalmente destruído com a Lei Marcial.

O golpe não aplastou nosso movimento. Estamos vivos. E o movimento já começou a reconstituir-se rapidamente, na clandestinidade. Nosso povo tem experiência de construção de um Estado clandestino durante a ocupação nazista. E não se pode excluir a possibilidade de recorrer novamente a essa tradição de luta. Atualmente, várias regiões já conseguiram se reorganizar. Mesmo que esta seja uma luta prolongada, nossa tarefa imediata é derrotar a ditadura militar, o que não significa automaticamente resolver a questão do poder. Talvez um Governo de transição entre a ditadura e a solução definitiva. Esta seria, no plano político, uma democracia pluralista, onde os trabalhadores pudessem se expressar em todos os órgãos do poder estatal. E, no plano econômico, uma verdadeira socialização dos meios de produção e de comunicação de massa, da educação, da cultura, etc. Uma planificação de baixo para cima.”

O Solidariedade está vivo e decidido a derrubar a ditadura militar. Quer um Governo pluralista com os trabalhadores em todos os órgãos do poder estatal.

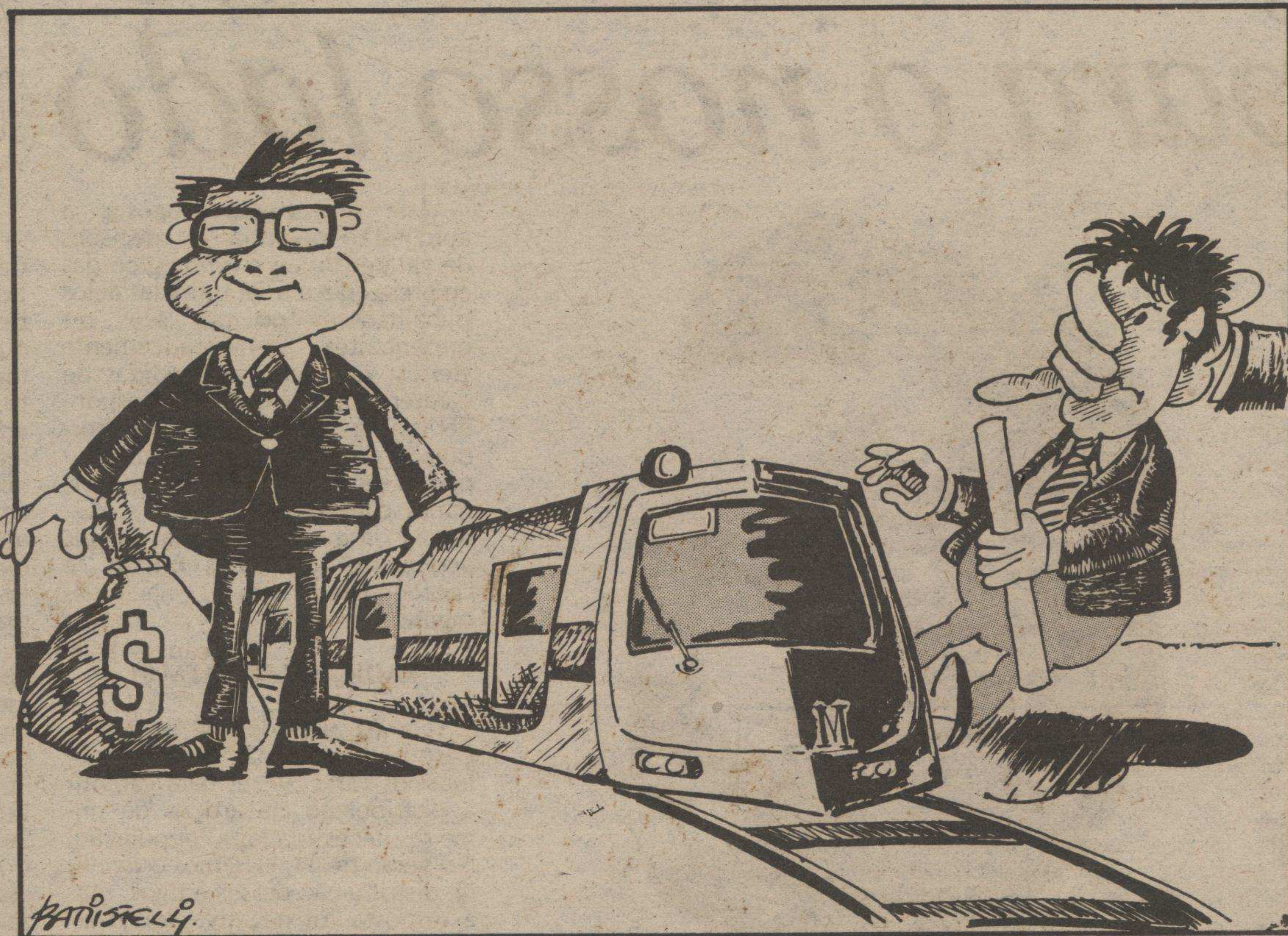
SOLIDARNOSCI

O preço da empresa nacional Mafersa era mais baixo, mas a japonesa Mitsui ia acabar fabricando o trem gaúcho.

Como mudar o resultado de uma concorrência

O trem moderno japonês está ameaçado de não mais vir ao Rio Grande do Sul. Em seu lugar poderá vir o trem fabricado em São Paulo que, além de reforçar a indústria ferroviária nacional, trará emprego para 1.200 metalúrgicos por mais um ano e meio. Isto poderá acontecer se a concorrência internacional promovida pela Trens Urbanos de Porto Alegre Ltda. (Trensurb), uma empresa cuja maior parte acionária está com a Rede Ferroviária Federal, voltar atrás da decisão de comprar 100 vagões — preço calculado em Cr\$ 11 bilhões — da multinacional japonesa Mitsui.

A Trensurb, de fevereiro deste ano para cá, já foi derrotada em duas ações judiciais: a primeira promovida pela empresa estatal brasileira Mafersa, que, posteriormente, retirou a ação judicial; a outra impetrada por um grupo de 13 metalúrgicos paulistas, entre os quais o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão. Esta última ação judicial teve liminar concedida pelo juiz da 1ª Vara Civil, José Jatyr Dall'Agnoll, na última sexta-feira, dia 16 de abril. Esta decisão,



por enquanto, impede a assinatura de contrato entre a Mitsui e a Trensurb.

Pressões do capital multinacional

A ação judicial movida pela Mafersa — a empresa está em processo de privatização e foi ela quem forneceu os vagões para os metrô do Rio de Janeiro e São Paulo — foi retirada pela própria empresa, um dia depois do juiz da 11ª Vara Civil, Aristides Pedroso Albuquerque, ter concedido a liminar. Todo este processo serviu, pelo menos, para mostrar como o capital internacional — representado, no caso, pelo BIRD (Banco Mundial) que entrou com 159 milhões de dólares no financiamento de construção do trem metropolitano de Porto Alegre —, joga com pressões.

Pela argumentação da Mafersa, apresentada ao entrar com mandado de segurança na 11ª Vara Civil de Porto Alegre, a Trensurb burlou as próprias regras do edital de concorrência ao considerar vencedora a Mitsui. Pelos argumentos da estatal brasileira não foram computados, no preço final dos trens japoneses, as taxas portuárias de importação, além do que o sistema de segurança elétrico foi considerado opcional.

No dia seguinte ao da liminar concedida, 18 de fevereiro, a Mafersa retirou a ação judicial. Numa correspondência curta e definitiva ao juiz, a direção da Mafersa, além de pedir o imediato arquivamento do processo, solicita que sobre ele seja mantido "o perpétuo silêncio". É que a Mafersa — cujo controle acionário é do BNDE — recebera ordens do Palácio do Planalto para retirar a ação judicial, sob a argumentação de que não ficava bem uma empresa pública acionar outra empresa pública, além do que não interessava, neste momento, nenhum atrito com o BIRD.

A exigência do Banco Mundial para que a Mitsui seja a forne-

cedora dos trens faria parte, conforme fontes ligadas à indústria ferroviária nacional, de um pacote de exigências dos japoneses acertado com o Governo brasileiro, como compensação do financiamento de 500 milhões de dólares já acertada pelo ministro do Planejamento, Delfim Netto, para o projeto Carajás.

Patriotismo e as regras do Banco Mundial

O presidente da Trensurb, Paulo Genes Muratore, escolhido pela Rede Ferroviária Federal para presidir a Trensurb na fase de implantação do trem metropolitano, justamente pela fama de "tocador de obras", disse que a decisão da Comissão de Licitação, que havia escolhido a Mafersa para fornecer os trens, foi uma "decisão patriótica". Entretanto, disse ele, as "regras" do Banco Mundial in-

dicavam a Mitsui com o preço menor. E, irritado, desabafou a um repórter: o que é que vocês da imprensa querem? Querem que o Banco Mundial não dê o dinheiro? Se quisermos o trem terá que ser o da Mitsui ou por acaso o Estado tem dinheiro para construí-lo sem financiamento?

Apesar do seu silêncio sobre o assunto, o presidente da Mafersa mostrava numa carta escrita ao colega de diretoria da Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP), o secretário dos transportes de Porto Alegre, Jarbas Haag, poucos dias depois de ter retirado a ação judicial contra a Trensurb, toda sua revolta por ter sido obrigado a tomar esta medida. José Carlos Viana Couto, em tom de desabafo, contava ao colega que a Mafersa realmente tinha recebido pressões — "vindas de cima" — para retirar a ação e, que o seu preço oferecido era inferior ao da Mitsui.

Ônus político para três ministros

Apesar do assédio da imprensa, o presidente da Mafersa manteve o silêncio sobre o assunto até o seu depoimento na CPI da Assembléia Legislativa. Ao deputado Carlos Giacomazzi (PMDB), presidente da CPI, Viana Couto confessou que toda a movimentação em cima do assunto deverá servir para que "pelo menos isto não venha a se repetir no futuro". É que vêm mais concorrências por aí, deste tipo. Estão sendo implantados trens de subúrbio em Belo Horizonte — onde o ministro dos Transportes, Eliseu Resende, tem interesses políticos muito grandes —, em Recife e Salvador. Há muitas dúvidas, entretanto, apesar das ações judiciais, de que o Banco Mundial reavalie esta decisão. Há versões de que, obrigado a arcar com mais este ônus político contra si, os ministros Delfim Netto, Ernani Galveas e Eliseu Resende teriam tentado convencer a direção do BIRD para uma reavaliação da concorrência com o que, obviamente, ela não concordou.

Olides Canton

Faça seu pedido pelo reembolso postal para Coojornal — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS

COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO

A experiência das cooperativas no capitalismo alemão

COOPERATIVISMO E COMPETIÇÃO
A experiência do Cooperativismo alemão na busca de adaptação ao regime capitalista.
Coleção Cooperativismo
Selo Debate n° 1
Cr\$ 200,00

O brigue das idéias gostosas.

Móveis. Louças. Cerâmicas. Palhas. Livros.
Luminárias e aquelas coisinhas pra presente.

tempos modernos

AV. INDEPENDÊNCIA, 925 FONE: (0512) 25.4453

Direitista

O espectro ideológico das eleições de 1982 já incorporava alguns setores da esquerda clandestina mais ou menos assumidos mas, do lado oposto, faltava alguma audácia. Faltava. "Sou um homem de direita", anuncia o coronel Milton Weyrich, candidato pelo PDS à Assembleia Legislativa. Ex-comandante da Brigada Militar gaúcha, 45 anos, Weyrich explica que "a maioria dos direitistas estava aguardando alguém que tivesse a coragem de provar que a direita é o único caminho para combater as esquerdas". Para desconforto de alguns pedessistas, o ex-integralista Weyrich não hesita em definir seu partido como "de direita".

Único candidato a assumir a condição de direitista — decisão que exige certa ousadia depois do refluxo dos duros pós-Riocentro — Milton Weyrich admite que o eleitorado ainda não capta abstrações ideológicas como direita e esquerda, mas não desanima: "Logo que conhecer meu posicionamento durante a campanha e principalmente depois, com minha atuação na Assembleia, ele saberá". Dono de opiniões insólitas — "Fidel Castro é uma espécie de Jânio que não renunciou" —, ou inesperadas — "Dom Evaristo Arns é um homem bem-intencionado" — ele entende também que "a pobreza no Brasil de hoje é a miséria de antes de 1964 em busca da remissão" e que "Garrastazu Médici foi o homem certo na hora certa".

Sua propaganda diz que estamos diante de um "nacionalista de direita", mas os que pensarem na semelhança de termos com o Partido Nacional-Socialista Alemão não devem ficar tão inquietos. Weyrich garante que Hitler foi "um grande político", mas "um monstro moral". Maior inquietação deve ser a do próprio Weyrich com a divulgação de interessantes documentos supostamente vazados da PM-2, sigla

EU ESTOU COM OS MELHORES

Deputado Estadual



MILTON WEYRICH

PDS 82

Weyrich: "democrata de direita"

que identifica o serviço secreto da BM.

São dez xerox de relatórios da PM-2 que detalham minuciosamente os passos do ex-ministro Luis Fernando Cirne Lima e da senhora Érica Bier no período que foi de 21 a 30 de julho do ano passado, incluindo fotos e viagens ao interior. Que interesse haveria no ex-ministro, na época um dos líderes do extinto PP no Rio Grande do Sul? No dossiê da "Operação Cirne Lima", desovado em jornais e gabinetes de políticos, provavelmente, por obra e graça dos adversários de Weyrich dentro da própria BM, que também caçam os votos preciosos da corporação, consta que o trabalho fora feito a pedido do industrial Jorge Gerdau Johannpeter (Siderúrgica Riograndense), ex-marido de Érica. Em troca, Weyrich receberia uma ajuda substancial para sua campanha. Weyrich protesta: "Não sei como o meu nome foi envolvido nisso".

Verdade ou não, o certo é que a campanha do ex-comandante da BM tem-se notabilizado como das mais pródigas da história do Rio Grande. O lançamento da candidatura é prova disso. Cerca de 20

mil pessoas ocuparam o Parque de Exposições de Esteio atraídas não se sabe se pela oratória do candidato ou pelo suculento carreteiro servido logo após. O regabofe, divulgado em out-doors em Porto Alegre, durou quatro horas e foi financiado integralmente por "simpatizantes da candidatura". Weyrich, que chegou a Esteio escoltado por motoqueiros e cavalarianos, assegura que seu comício foi o maior já realizado por um candidato a deputado estadual em toda a história do Estado.

Será que o ex-comandante se elege? Apesar de disputar eleitores com o também ex-comandante da BM, Jesus Linares Guimarães, deputado eleito pelo PDS, e com Cícero Viana e Pedro Américo Leal, igualmente eleitos pelo partido do governo, nenhum dos seus assessores acredita que Weyrich faça menos de 60 mil votos, número três vezes superior ao necessário para elegê-lo.

Com o apoio do secretário de Segurança, Leivas Job, cujo filho Ricardo Job, candidato a vereador, faz dobradinha na sua chapa, Weyrich espera atrair os 22 mil homens na ativa da BM, sem contar os aposentados. Mas seu apoio é palpável também fora da área militar. "Só me decidi a ser candidato quando homens da indústria e comércio exigiram isto de mim. Disseram que queriam garantir a eleição de alguém que pudesse proteger o futuro de seus filhos. Isto me comoveu". (Ayrtton Centeno)

Cio da Terra

Pelo menos cinco mil jovens são esperados, em Caxias do Sul, em setembro, para participarem de debates, palestras e shows no 1º Encontro da Juventude Gaúcha, uma promoção da União Estadual de Estudantes. O conjunto de atividades — denominado sugges-

Cio da terra



tivamente de Cio da Terra — pretende levar ao pavilhão da Festa da Uva gente tão importante como o padre Ernesto Cardenal, ministro da Educação da Nicarágua Sandinista, o escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez, o brasileiro Fernando Gabeira, o teatrólogo José Celso Martinez e o primeiro presidente da UNE reconstruída, Rui Cesar Costa e Silva.

Mas a idéia geral, segundo o presidente da UEE, Aldo Fornazieri, é "abrir o debate sobre a questão cultural, focalizando questões que tocam a juventude de hoje", como o sindicalismo, a vida política do país, a situação internacional, o teatro, o cinema, a literatura, o sexo e as drogas, além, é claro, do movimento estudantil. Durante os três dias em que esse amplo leque de assuntos estiver em pauta, a direção da UEE — a chapa Travessia, formada pelas tendências Resistência e Peleia — pretende defender a visão de que "a cultura é uma questão política e não meramente promocional, como vinha sendo tratada pelo movimento estudantil".

Embora já conte com o apoio da Comissão da Festa da Uva e da prefeitura de Caxias, a UEE tentará acertar um patrocínio para a

promoção, tentando evitar um novo adiamento. Planejado para o início de abril, o Cio da Terra ficou para o segundo semestre por falta de recursos para trazer os principais artistas e debatedores. Para não quebrar o acordo com Ednardo, Cida Moreira e o grupo Pre-meditando o Breque, a UEE aproveitou a presença dos músicos em Porto Alegre para levantar fundos: mas, apesar de lotado o salão de atos da reitoria da UFRGS, o lucro foi pouco superior a 100 mil cruzeiros, devido à "inexperiência do pessoal", conforme um diretor da UEE.

Sem preocupações dessa ordem, a UEE realiza agora em maio o Seminário Estadual de Ensino. Com a colaboração do DCE e da Associação dos Docentes da UFRGS, PUC e Unisinos e ainda o Centro dos Professores, o Seminário quer discutir toda a política educacional vigente, a partir de promoções idênticas que estão acontecendo nas principais cidades do Rio Grande do Sul. (Chico Daniel)

Colonialismo

Cidadãos ilhéus, abaixo o imperialismo! Nós viemos vos libertar. Doravante, não sois mais súditos da coroa. Adeus, libra esterlina; adeus, habeas-corpus; adeus, eleições livres.

Conhecereis agora as delícias do fascismo e da inflação. Estareis definitivamente sob a proteção de nossas gloriosas forças armadas. E se uma negra ingratitude vos levar a ignorar todos esses benefícios, desaparecereis da face da Terra, tão desaparecidos que não ressurgireis dentre os mortos em dia algum. E as lágrimas de vossas mães irão regar as flores daquela praça, que bem sabeis.

Cidadãos ilhéus. Nós vos libertamos. Que querem mais? Abaixo o colonialismo! (Carlos Rafael Guimaraens)

VOTE COM O COOJORNAL

Chegue nas urnas com a camiseta de quem sabe das coisas:

conhece as posições do LULA



a retórica do JÂNIO



os feitos do JAIR



os projetos do COLLARES



as propostas do SIMON



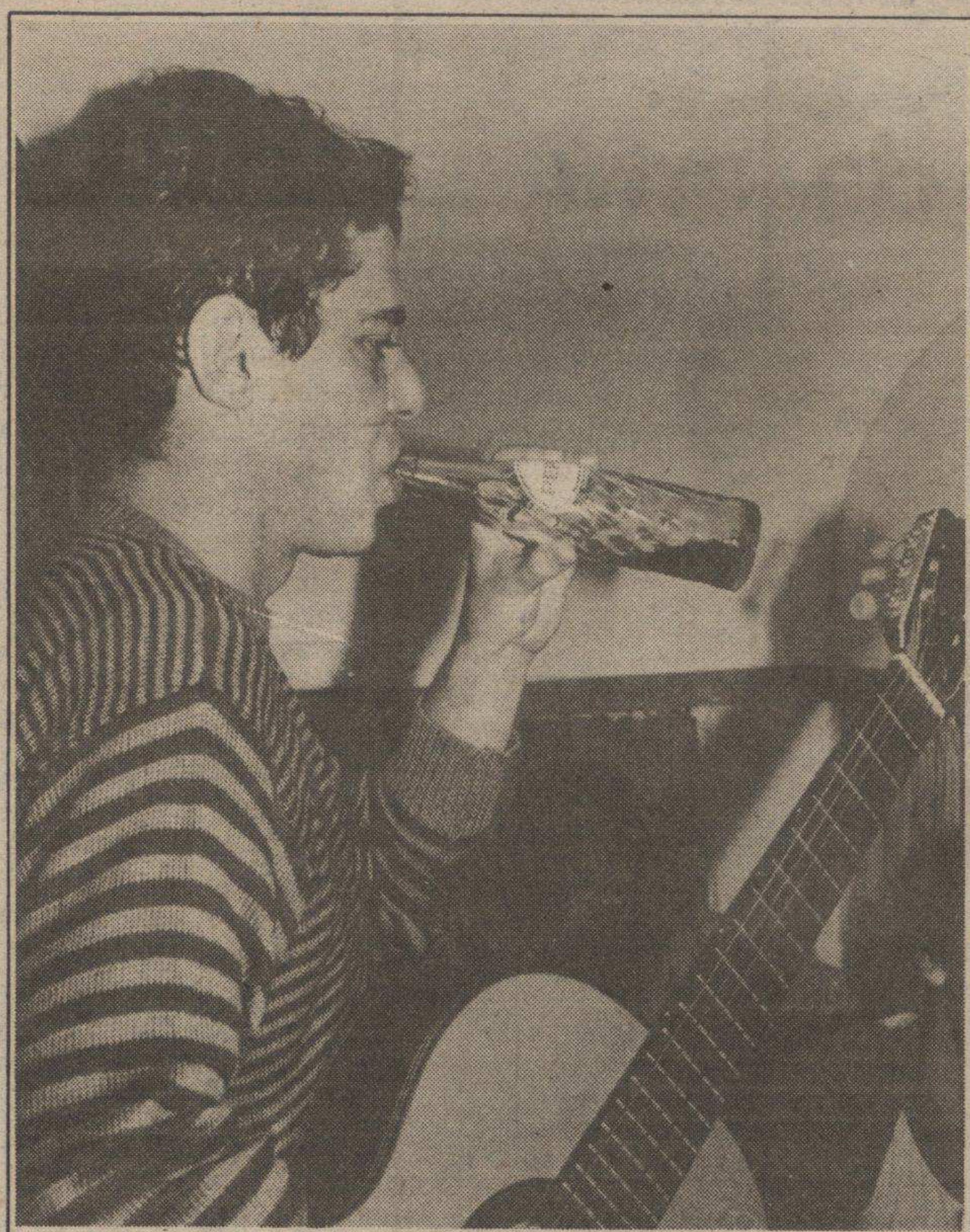
e a campanha do OLÍVIO



Além das transas da Ivete com o Brizola, as idéias do Miro e o empenho do Jaison, conte com outros ingredientes importantes numa decisão política, como informações sobre comportamento ou ecologia e cultura. Na imprensa independente, os fatos sem manipulação.

Assinatura para o exterior US\$ 60,00
Assinatura anual por apenas Cr\$ 1.900,00
(Porte a pagar para assinatura do interior do RS e outros estados)

FAÇA SUA ASSINATURA E GANHE A CAMISA DO COOJORNAL



Fotos: Luiz E. Achutti



O reverso da grande noite

Para as 50 mil pessoas presentes ao Estádio Beira-Rio, o show em homenagem ao Dia do Trabalhador foi inesquecível. Durante cinco horas, os principais nomes da música brasileira cantaram seus principais sucessos para um público que dançou, pulou, consumiu centenas de litros de cachaça para espantar o frio e não arredou pé até às duas da madrugada do dia 1º, quando Kleiton e Kledir encerraram o espetáculo cantando *Deu Pra Ti*. Pouca gente poderia imaginar os inconvenientes registrados nos bastidores, à margem da festa.

A proibição partida da Rede Globo — que obteve a exclusividade para agravar o show em troca da produção, avaliada em Cr\$ 15 milhões — de que os artistas falassem de política ou sequer lessem o manifesto de fundação da Associação dos Músicos Arranjadores e

Regentes (Amar), causou um profundo mal-estar. "A gente foi a Porto Alegre pensando em fazer um tipo de show, mas houve uma série de ingerências que impediram", limitou-se a comentar, João Bosco, evitando entrar em detalhes antes da reunião, marcada para a semana seguinte, entre os músicos e o Centro Brasil Democrático (Cebrade), promotor do show. A Globo também proibiu que outras emissoras entrassem no estádio. Alguns artistas também se queixaram na truculência dos policiais civis encarregados da segurança.

Mas, sem dúvida, apesar da presença de nomes como Gilberto Gil, Simone, Paulinho da Viola e outros, o nome mais aguardado pelo público era o de Chico Buarque, que desde 1971 não se apresentava em Porto Alegre. Antes de se apresentar, Chico refugiou-se num dos três



trailers estacionados atrás do palco, para servirem de camarim aos artistas, e ficou tocando violão, entre goles de uísque, às vezes, esquecendo as letras das músicas que escolheu para cantar.

Quem acompanhou seu comportamento constatou o verdadeiro pavor que sente do palco. À certa altura, quando Nara Leão entrou para avisar que partiria um ônibus para o hotel, Chico fez menção de acompanhá-la provocando risos nos presentes. Quando ainda faltavam três artistas para sua apresentação, acabou o uísque. Ele disse brincando: "Sem uísque não dá para cantar". E contentou-se em tomar uma Pepsi-Cola para molhar a garganta seca.

Quando Djavan encerrava sua participação, Chico saiu do trailer dirigindo-se ao palco, reclamando a bebida que não veio, carregando o violão e uma expressão de medo e constrangido pelos olhares e os flashes dos fotógrafos. Era uma hora da madrugada, quando ele subiu no palco sob uma verdadeira ovação do público. Cantou *Meu Guri*, *As Vitruvas*, errando um trecho da letra, e, finalmente, *O Que Será*. Levantou os braços, saudando o público, e retirou-se rapidamente para o trailer e daí para o hotel.

As cooperativas nos países subdesenvolvidos

O que uma cooperativa pode fazer na economia de um país do Terceiro Mundo? As cooperativas podem realmente contribuir para a mudança de estruturas econômicas? "Cooperação e Desenvolvimento" é um raro livro sobre o papel das cooperativas, analisando estes assuntos em profundidade. São 240 páginas de informação e análise sobre a importância deste sistema econômico para a estratégia de crescimento de um país como o Brasil.

O autor, Dieter W. Benecke, aprofunda estudos sobre a economia dos países em desenvolvimento; o que se pode esperar das cooperativas neste processo; os fatores positivos e negativos da atividade cooperativa; o Estado controlador da atividade cooperativa; a busca de novos caminhos para superar o fracasso da política de desenvolvimento nos países capitalistas e socialistas.

COOPERAÇÃO & DESENVOLVIMENTO

O papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países do Terceiro Mundo

Dieter W. Benecke

DEBATE 2

Uma co-edição COOJORNAL e ASSOCENE



Preencha o cupom anexo e remeta-o junto com vale-postal ou cheque, para a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre — Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — 90000 — RS.

Solicito enviar...exemplar(es) do livro "Cooperação e Desenvolvimento", ao preço unitário de Cr\$ 500,00 cada.

Nome: _____

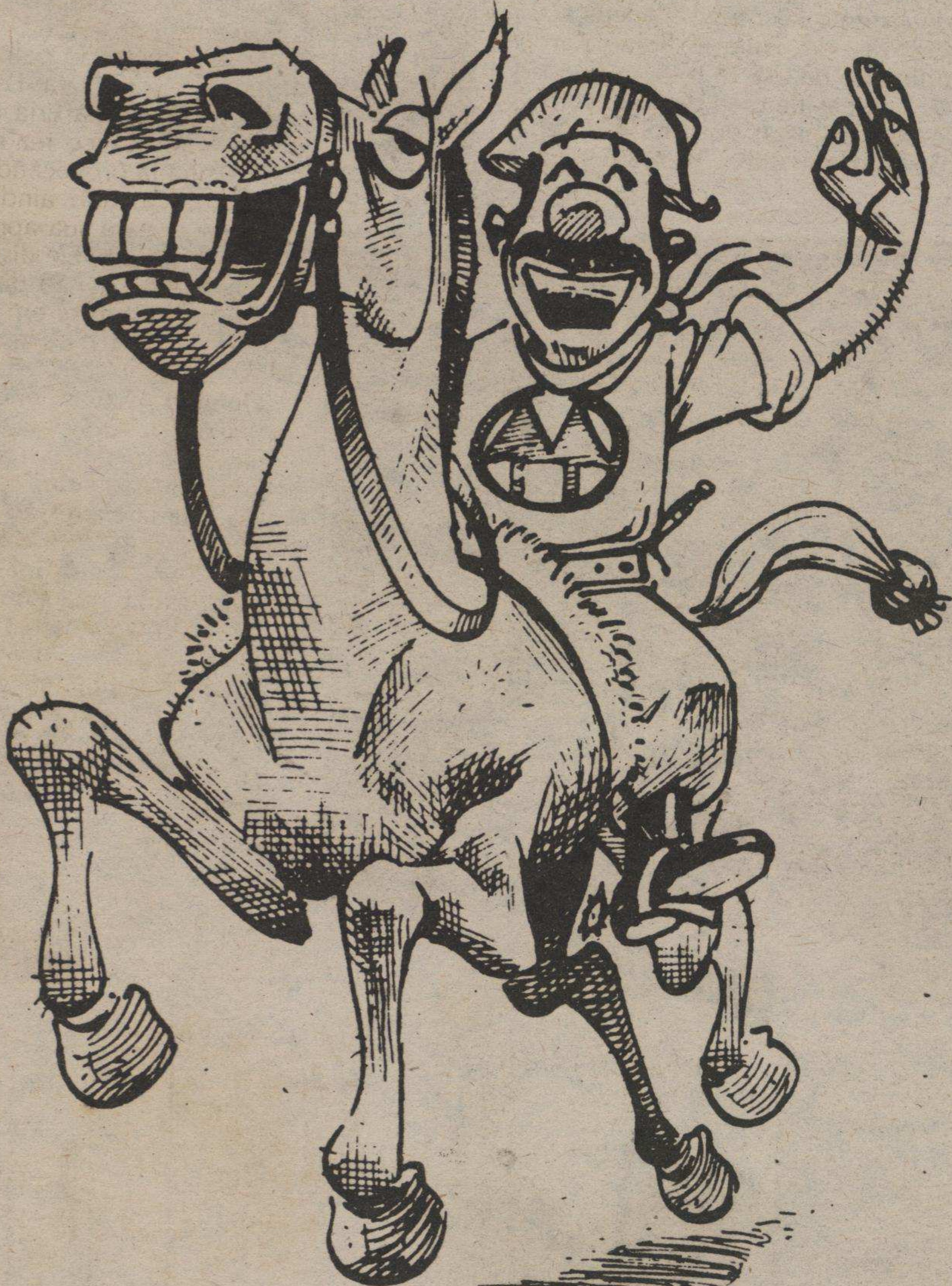
Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____

Cooperativas mostram a sua força

♪ ADEUS PRIMINHA, ♪
QUE EU VOU ME EMBORA ...



Cooperativas perdem o medo e falam de política, de partidos e de independência

"O boi puxa o arado porque não sabe a força que tem"
DITO POPULAR NO RS

O seminário realizado pelas cooperativas do Rio Grande do Sul nos dias 17 e 18 de abril, em Canela, foi definido como uma "reunião histórica", depois da qual o cooperativismo gaúcho — tido como o mais antigo, mais organizado e mais rico do país — não será mais o mesmo.

Estiveram presentes 150 representantes de 470 cooperativas, sete federações, duas centrais e toda a cúpula da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul. E a reunião, nos dois dias de discussões em grupos e plenário, realmente teve lances marcantes.

Por exemplo: pela primeira vez circularam livremente expressões como "ideologia", "abertura política", "constituente", "candidaturas", "partidos políticos", no bojo de assuntos proibidos, verdadeiros tabus dentro do cooperativismo pós-64.

Também pela primeira vez, a experiên-



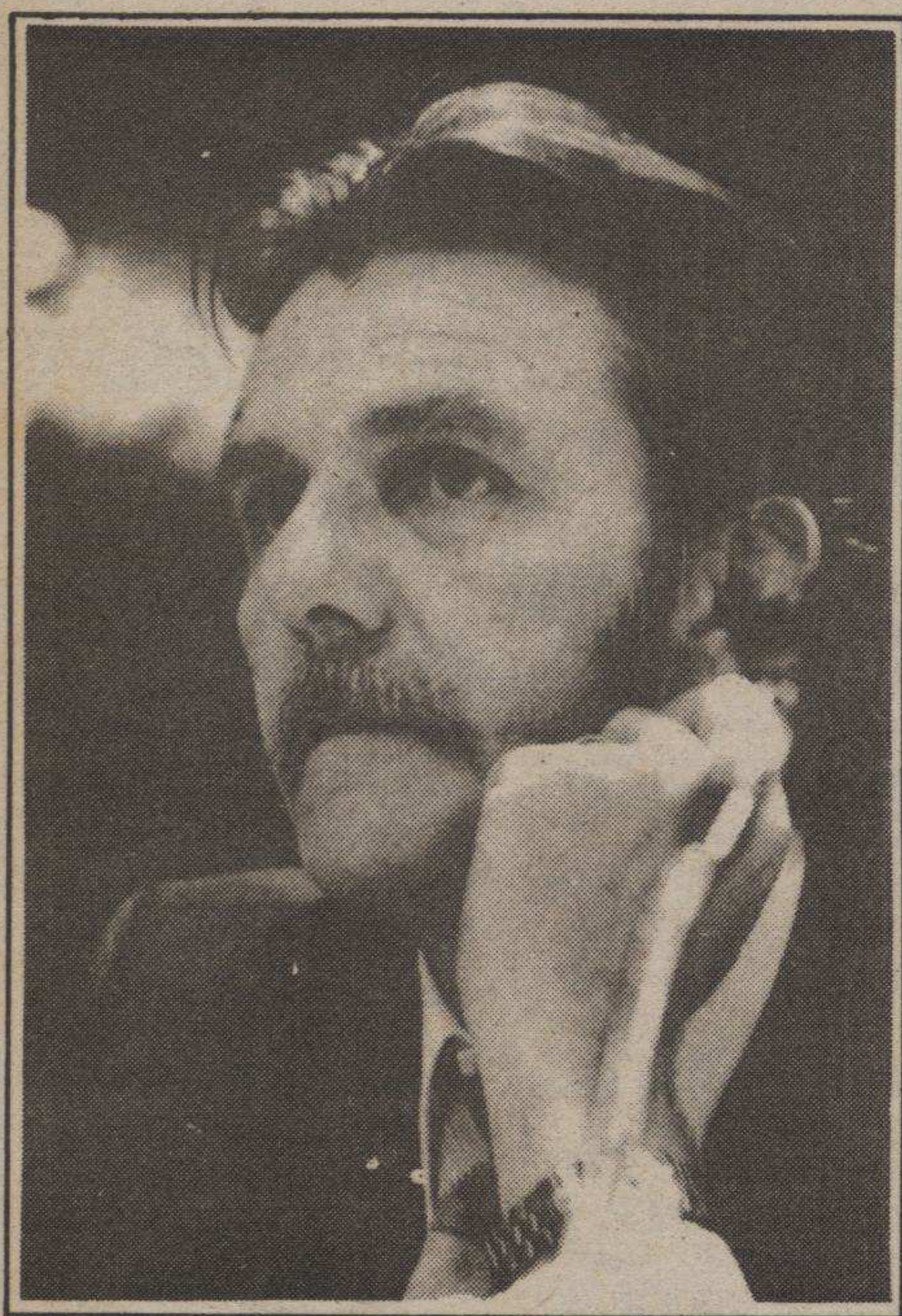
GESTÃO DEMOCRÁTICA POR ATACADO

Também nas vendas a atacado de material escolar e de escritório, os objetivos cooperativistas, visando preços mais baixos e maior qualidade, são alcançados com gestão democrática e eficiência empresarial. Comprove no *Atacado Cepal* a prática de uma nova ideologia de vendas nas tabelas e no atendimento.

CEPAL

SETOR DE ATACADO
Barão do Amazonas, 1076





Seno Dreyer: esperar o quê?

e temos a indústria, mas estamos trabalhando com 1/3 da nossa capacidade, porque quem decide a quota que vamos esmagar é o governo e aí não influímos", diz Jarbas Pires Machado, presidente da Fecotriço, para embasar sua tese de que não é mais possível superar os obstáculos apenas pela eficiência operacional, sem entrar para o terreno da influência política.

Jarbas é um dos líderes dessa nova fase na qual o fator político entra em jogo. Ele conhece bem a fase anterior, que teve início nos anos 60, com o ressurgimento das cooperativas incentivado pelo boom da soja. O cooperativismo tinha maus antecedentes no Rio Grande do Sul, primeiro Estado onde ele germinou trazido por imigrantes alemães, no início do século. Foi pioneiro, mas na década de 50, no en-

tanto, ele havia quase desaparecido, devastado pela grande fraude do "trigo papel". Tornou-se mal visto.

Retornou nos anos 60, pela mãos do governo que tinha interesse em expandir a lavoura de soja para torná-la exportável. Pulularam as cooperativas na região, tornando viável as lavouras dos minifundiários, sendo conduto fácil para a política oficial. "Tornaram-se excelentes armazéns das indústrias", afirma Jarbas. E acrescenta: "Nesta época pensava-se assim: o problema é o intermediário, então vamos acabar ou neutralizar o intermediário. E se montou uma gigantesca estrutura de comercialização. Viu-se, depois, que os ganhos eram perdidos na industrialização. Partiu-se, então, para implantação de indústrias. E assim vamos sendo forçados a um processo cumulativo de capitalização incessante, obrigados a reinvestir indefinidamente, como mera resistência. Em sete anos, segundo Jarbas, as cooperativas de produção se obrigaram a imobilizar um capital superior ao da maioria de todas as instituições financeiras do governo do Estado. "É um peso morto, que somos obrigados a carregar e a aumentar".

Como mobilizar 400 mil pessoas

Além da luta direta no mercado capitalista, as cooperativas começaram, a partir de 1977, a sofrer um combate intermitente do comércio, que passou a minar o cooperativismo no terreno político. Os varejistas, preocupados com a expansão



Dürr: rompimento com a Brascoop

dos departamentos de consumo das cooperativas de produção, unira-se aos atacadistas e se lançou oficialmente ao ataque público, através de suas entidades de representação, incluindo a Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul.

Alegação básica do comércio, seguida também pela indústria: as cooperativas se valem de benefícios governamentais para fazer concorrência desleal às firmas convencionais, submetidas a uma enorme carga tributária e fiscal. O cooperativismo nunca soube se defender bem destes ataques. Despreparadas não conseguiram sequer reagir quando o governo Amaral de Souza nomeou para a Secretaria da Indústria e Comércio do RGS, o presidente da Federação do Comércio, Antônio Carlos

Berta, arquiinimigo do cooperativismo (falecido no ano passado).

Ainda hoje não sabem bem como defender-se. Na Assembléia Geral extraordinária realizada em 11 de novembro do ano passado, foi recomendado à direção da OCERGS "munir-se de dados para responder a qualquer tipo de ataque". Sem conseguir neutralizar a principal arma usada pelos inimigos — a desinformação do público em geral sobre as cooperativas — elas se mantêm numa tímida defesa, respondendo nas páginas internas às acusações que seus adversários fazem em manchetes.

"A Cooperativa Central Gaúcha de Leite é do interesse de 400 mil pessoas. Mas como mobilizar estas pessoas a favor da CCGL quando ela está sendo atacada pelas indústrias, se elas nem sabem direito o que é a CCGL?", perguntava Jarbas no seminário. E acrescentava: "Como vamos mobilizar as 200 mil famílias ligadas à Fecotriço em apoio à Defesa (fábrica de defensivos das cooperativas), atacada pelas multinacionais?"

"Como podemos aceitar que hoje, tendo a maior rede de armazenagem do Estado, a maior rede de indústrias, o mais amplo sistema de assistência técnica, o produtor não esteja melhor? O produtor nunca ganhou tão pouco", completava Jarbas.

Assim como a explosão das cooperativas de soja estimulou o cooperativismo em todos os campos, sua crise também se reflete em todo o sistema. Em Canela ficou evidente, por exemplo, que os problemas maiores são comuns a todas elas: a dificuldade em transferir benefícios reais ao as-

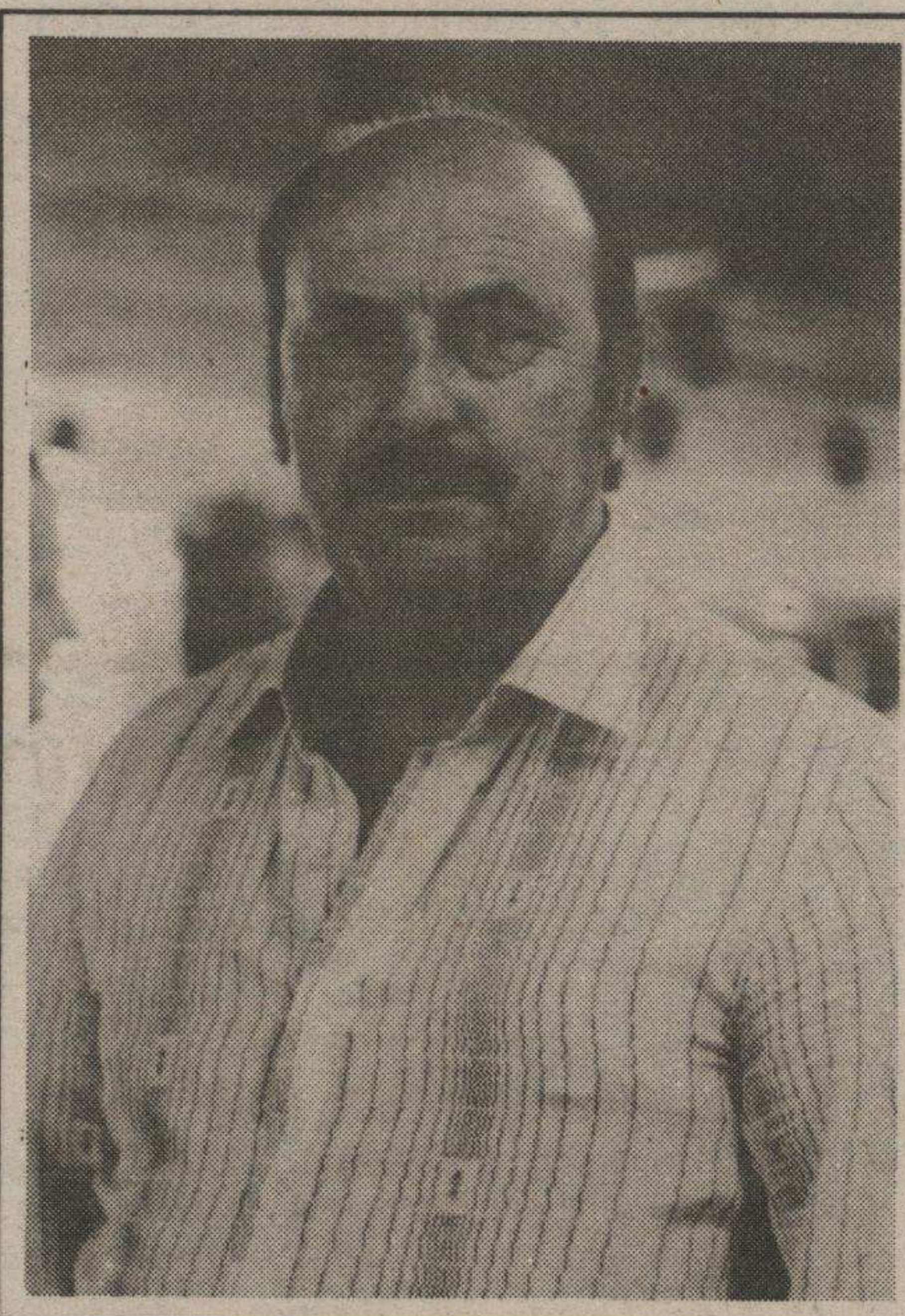


Figueiredo fala das cooperativas

Para as cooperativas, a visita do Presidente Figueiredo ao Rio Grande do Sul, no final de abril, foi marcante. Em seu pronunciamento, transmitido por uma rede regional de TV, dia 27, ao lado de temas políticos como eleições, liberdade de imprensa, compromisso democrático e realizações governamentais, Figueiredo dedicou algumas frases entusiasmadas à importância do cooperativismo na busca da melhora de vida de produtores e consumidores.

Disse ele: "Um dos instrumentos de alcance desta meta prioritária do Governo — ajudar o produtor não só no aumento da produtividade, senão também na elevação geral de seu nível de vida consiste, sem dúvida, no cooperativismo genuíno e autêntico, que tem por finalidade o incremento das economias particulares e, como suprema razão, o desenvolvimento econômico, moral e espiritual do homem, ou seja, da pessoa de produtores e consumidores integrados solidariamente na vida cooperativa. Esse cooperativismo são e autêntico terá sempre amparo do Governo, pois nele vislumbramos, nesse mundo conturbado pelo choque de extremismos, uma das vias abertas à consolidação de nosso perfil econômico. Pode ele operar uma distribuição mais racional da renda e acimentar os laços de solidariedade que, no trabalho, reunirá os brasileiros".

O presidente da Fecotriço, Jarbas Pires



Jandir Araújo: estamos prontos

Machado, assegura que as cooperativas recebem com satisfação esta manifestação do presidente, "principalmente neste momento em que o cooperativismo é questionado por outros setores econômicos do Rio Grande do Sul principalmente da indústria e do comércio". Referindo-

se ao momento em que Figueiredo falou da melhora das condições de vida do produtor, o presidente da Fecotriço ressalta "hoje em dia, os associados das cooperativas encontram-se numa das piores fases de sua história, totalmente descapitalizados".

Os elogios do Presidente João Figueiredo ao cooperativismo, segundo Jarbas Machado, animam as cooperativas a cobrarem soluções para os problemas dos agricultores. "O discurso é um voto de confiança e, ao mesmo tempo, aumenta a responsabilidade dos cooperativistas de levarem suas questões ao Governo Federal. chegou a hora das cooperativas colocarem suas propostas na mesa de negociação".

Já o presidente da Cooperativa Tritícola de Santo Ângelo (Cotrisa), Jandir Araújo, afirma que o cooperativismo se encontra esquecido por parte dos órgãos federais. Para ele, o discurso do Presidente Figueiredo, "deve ser transformado em realidade, com um maior apoio ao cooperativismo, em termos de recursos voltados à educação cooperativista e ao financiamento da produção".

Araújo salienta que as cooperativas estão lutando com dificuldades e que as palavras do Presidente são um novo alento: "Estamos prontos para apresentar nossas sugestões de alteração de estruturação da política agrícola do país, caso formos convocados", garante. (R.G.)

UM COOPERATIVISMO FORTE E AUTÊNTICO SE FAZ COM A UNIÃO E O TRABALHO DO HOMEM.



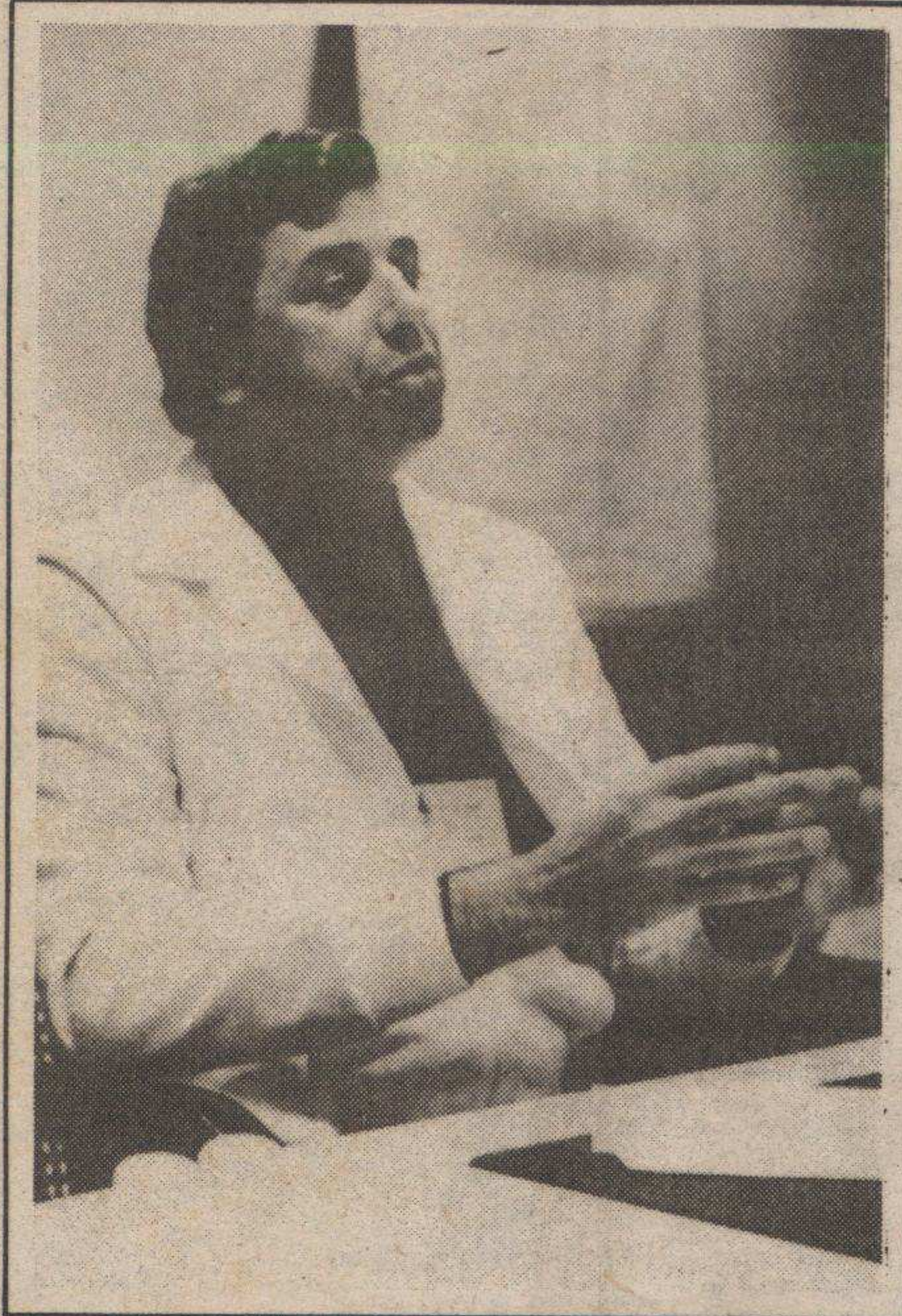
A COOPASSO simboliza a história daqueles que juntos, buscam a certeza de um futuro melhor. COOPASSO — nossa união é o nosso progresso.

COOPERATIVA TRITÍCOLA DE PASSO FUNDO LTDA.

COOPASSO

AV. PRESIDENTE VARGAS, 100
FONE 313-1055

Óleo de soja coopasso • Sabão em barra • Farinha de milho • Farinha de trigo • Rações e concentrados



Jarbas Machado: capital imobilizado

cia cooperativista que se realiza no Rio Grande do Sul e que hoje envolve mais de dois milhões de pessoas, teve a coragem de proclamar o seu direito a buscar um caminho próprio, mais independente, mas de acordo com seus interesses.

Em decorrência disso, o seminário de Canela teve ainda a marca de um outro fato que, no entender de muitos líderes, é o mais relevante de todos: a derrota aglutinou os diversos ramos de cooperativas — de trabalho, agrícolas, de serviços, médicas, todas vivendo em generalizada e mútua desconfiança. Serviu também para aplainar divergências entre algumas lideranças do setor mais importante, o da produção.

Em síntese, se viu em Canela o primeiro resultado do trabalho de um grupo ainda pequeno, uma espécie de "segunda geração" de líderes que está se firmando, dando uma nova substância ao cooperativismo, por eles encarado, de forma mais abrangente — como uma doutrina que busca transformar a sociedade e não apenas como mero instrumento de obtenção de melhores preços, servindo a grupos isolados de produtores e consumidores.

Foi sob inspiração deste grupo — que inclui desde o novato João Batista Pinzon, que entrou há pouco mais de um ano como interventor na Cooperativa dos Estudantes de Porto Alegre, até o veterano Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente da Cotrijuí há 10 anos — que se tomaram as principais deliberações do seminário.

Nada como um bom chute nos...

No saguão do luxuoso hotel Laje de Pedra, observando a movimentação dos companheiros que debatiam em grupos, o presidente de uma cooperativa tentava explicar, com uma frase de humor duvidoso tanto e tão repentino entusiasmo por questões que há muito permaneciam à margem das discussões dos cooperativistas:

— "Então, tu não sabe que um chute nos c... faz o cérebro funcionar?"

Ele queria dizer que o Seminário, convocado apressadamente, foi motivado e alimentado pela derrota que as lideranças gaúchas sofreram no início de março, num dos lanceis da política interna do cooperativismo nacional. Os gaúchos tinham

como certa a nomeação de Mário Kruei Guimarães, vice-presidente da Fecotrigo, para uma diretoria do Banco Nacional de Crédito Cooperativo, o BNCC, em substituição a outro gaúcho, Tertuliano Boffil. Na última hora, porém, paulistas e mineiros, que hoje dominam a Organização das Cooperativas do Brasil (OCB) — a quem cabia fazer a indicação do diretor — se uniram e conseguiram indicar um paranaense.

Há anos que os gaúchos se sentem prejudicados nesta política que se pratica em torno da ocupação de cargos nos órgãos de cúpula, em Brasília: OCB (Organização das Cooperativas do Brasil), CNC (Conselho Nacional de Cooperativismo), BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo) e BRASCOOP (Fundação Brasileira de Cooperativismo).

A OCB é a entidade de representação das cooperativas, mas foi criada por decreto governamental e funciona como um "órgão consultivo do governo", ao qual todas as cooperativas brasileiras são filiadas e contribuintes obrigatórios. Os outros dois, o BNCC e o CNC são órgãos oficiais nos quais as cooperativas têm representação e a Fundação, criada há pouco, não tem atuação significativa para os gaúchos.

No entanto, no ano passado, as cooperativas do Rio Grande do Sul pagaram Cr\$ 11 milhões em mensalidades à OCB, quantia que representou 33% da arrecadação da entidade, além de Cr\$ 2,7 milhões à Brascoop. Este ano vão contribuir com Cr\$ 50 milhões. Apesar disso, são constantemente derrotados com votos do Acre e outros Estados menores, manipulados pela cúpula.

No orçamento deste ano, de um total de Cr\$ 250 bilhões para investimentos, o BNCC tem apenas Cr\$ 8 bilhões para o Rio Grande do Sul. A perda do cargo no Banco foi, portanto, a gota d'água (ou o chute, como afirmou o cooperativista) que faltava para o rompimento.

Vocês se comem uns aos outros

A derrota estimulou também o tipo de raciocínio expresso por Seno Dreher, presidente da OCERGS, num dos intervalos do seminário: "Se não temos força para indicar um diretor no BNCC, vamos esperar o quê?". Na mesma linha de pensamento veio à tona o problema da falta de representatividade das cooperativas que embora formem o maior complexo econômico do Estado e um dos maiores do país não tem poder político significativo.

Foi a derrota ainda responsável pelo retorno à discussão de uma outra questão: a falta de união entre as cooperativas do Rio Grande do Sul. Um dos argumentos usados pela direção da OCB foi que não havia unanimidade entre os gaúchos quanto à indicação de Mário Kruei Guimarães. Ele seria candidato da Fecotrigo e suas 88 filiadas, indicado sem qualquer consulta aos outros ramos do cooperativismo. "Vocês estão se comendo uns aos outros", teriam dito os homens da OCB.

Enfim, a derrota trouxe à tona todas as fragilidades de um movimento que tem como base, princípios socializantes e que cresceu tanto a ponto de não mais poder se mexer sem esbarrar nos calos do sistema capitalista que o cerca e o influencia.



Ben Ilgenfritz: pacto político

Estamos carregando um corpo morto

Atualmente, os produtores gaúchos cooperativados respondem por 90% da produção de arroz do Estado, 90 da produção de trigo, 80 da soja, 50 do leite, 95 da lã, tendo ainda expressiva participação na produção de carne e vinho. As cooperativas do sistema Fecotrigo (Federação das Cooperativas de Trigo e Soja) têm patrimônio líquido de Cr\$ 18 trilhões e são donas de 10 fábricas de óleo de soja, com capacidade para esmagar dois milhões de toneladas de grãos por ano. "Temos o grão

O IV Seminário de Canela foi considerado histórico pelos 150 representantes de cooperativas presentes.

Além do rompimento com a OCB, o encontro aplainou divergências entre lideranças e mudou o cooperativismo gaúcho.



Pela primeira vez circularam livremente expressões como ideologia, abertura política e outros tabus

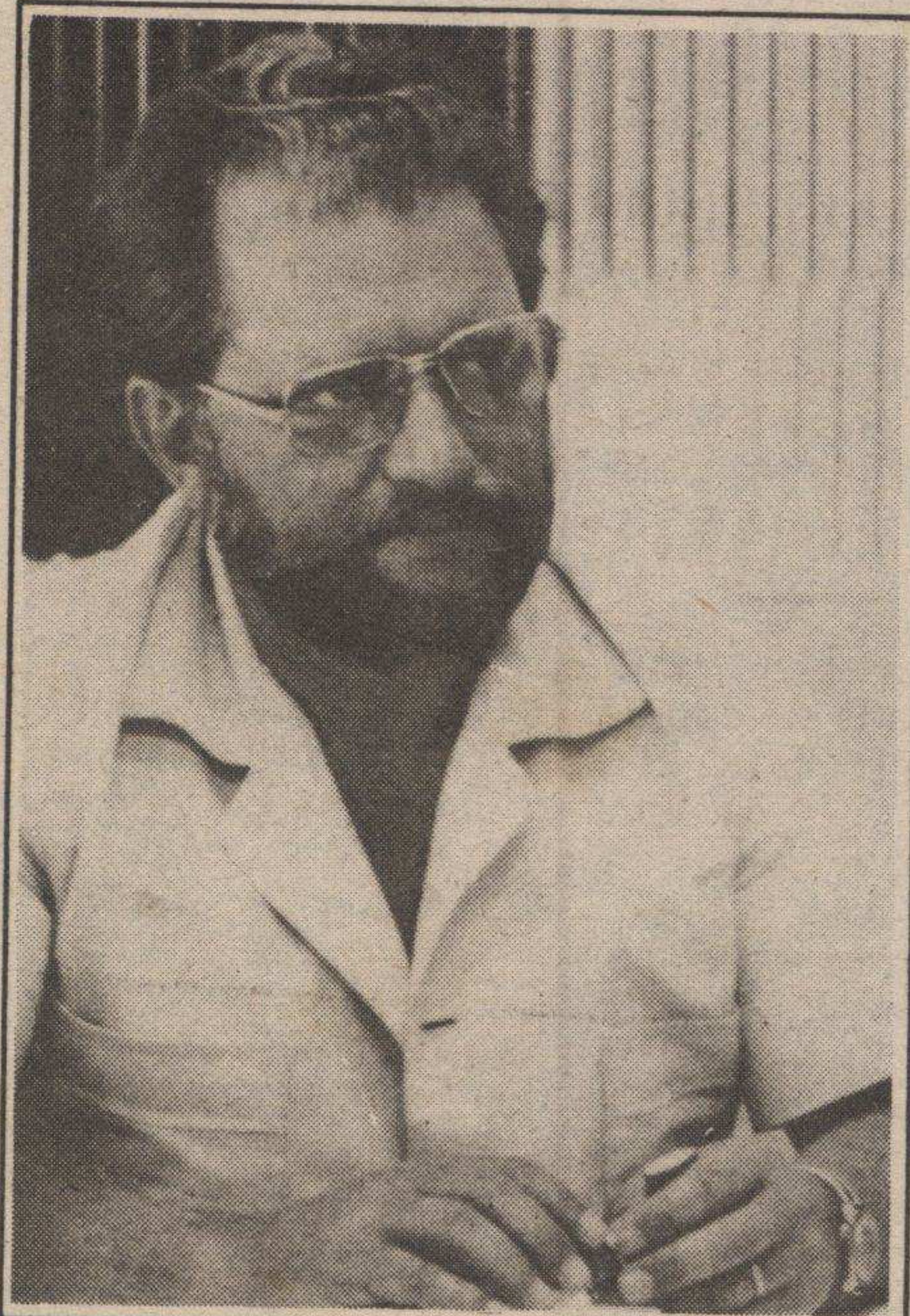


MÉDICOS COOPERATIVADOS RECEITAM A DEMOCRACIA

Uma dose de co-gestão, cooperação de todos numa administração democrática, a fórmula cooperativada para maior qualidade e custos mais baixos com a eliminação dos intermediários. O Sistema Unimed aplica a receita para melhor assistência médico hospitalar de sua empresa e de sua família, com atendimento no próprio consultório do profissional escolhido.

Porto Alegre — RS
Rua Santa Terezinha, 142
Fone: 31-1677

UNIMED



João Batista Pinzon: primeiro passo

sociado, a debilidade financeira, a dificuldade de encontrar o caminho para a gestão democrática, a falta de preparo para resolver as contradições, entre prática, num meio capitalista e os postulados da doutrina cooperativista.

Pacto político para reunir forças

Neste quadro e sob o impacto da derrota em Brasília, enfatizada já no discurso de abertura do Seminário, feito por Seno Dreher, presidente da OCERGS, não foi difícil obter a aprovação de um "pacto político", como definiu Ruben Ilgenfritz.

De acordo com este pacto político, a Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul passou a ter a partir do Seminário uma atuação meramente formal, para cumprir a lei. A inclinação da maioria dos presentes era pelo rompimento puro e simples com a OCB, suspendendo inclusive o pagamento das contribuições. "Se o governo quer um órgão consultivo, ele que trate de pagar", disse Alexis Setti, presidente da Cooperativa Central de Crédito Rural.

Mas levantou-se em seguida que, para suas operações com os bancos, as cooperativas necessitam de um certificado de regularidade quanto às contribuições à OCB que, inclusive são obrigatórias pela Lei 5.764, que regula o Cooperativismo. Se as cooperativas gaúchas parassem de contribuir, a OCB não daria mais os certificados, criando embaraços insuperáveis. Decidiu-se, então, por um "esfriamento" nas relações: os representantes do cooperativismo gaúcho na OCB simplesmente deixariam de comparecer às reuniões e a OCERGS passaria a ignorar sua existência em Brasília.

Em relação à Brascoop sim, a decisão foi de rompimento formal. Alguns como Frederico Dürr, presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Leite (CCGL) e diretor da Brascoop representando o RS chegaram a defender a adoção de uma atitude semelhante à tomada em relação à OCB. Mas, sob o argumento de que "desde o início nós participamos meio contra à vontade na Brascoop", acabou sendo aprovado o rompimento.

Simultaneamente, o "pacto político" incluiu a criação de um grande conselho formado pelos presidentes de federações e

centrais e, representantes de cada grupo de cooperativas singulares que não têm federação e que assume a direção da política cooperativista no Estado. Atuando em forma de colegiado este Conselho será a primeira oportunidade em que os ramos menores e ainda incipiente do cooperativismo — cooperativas de trabalho, de crédito, de consumo — sentarão à mesa para discutir problemas comuns com a ala mais poderosa, formada pelas cooperativas de produção agrícola.

"Se formos esperar que desapareçam as divergências para sentar juntos e discutir nossos problemas, nunca vamos sentar na mesma mesa. Sempre haverá divergências, o produtor de milho vai querer sempre o melhor preço pelo seu milho e o criador de porco vai sempre querer pagar menos pelo milho e pelo farelo. Mas a única maneira de reduzirmos estas contradições ao mínimo é sentando e discutindo. Só assim vamos conseguir formar um movimento cooperativista no Estado". Assim Ruben Ilgenfritz defendeu a formação do conselho com a presença de todos, grandes e pequenos.

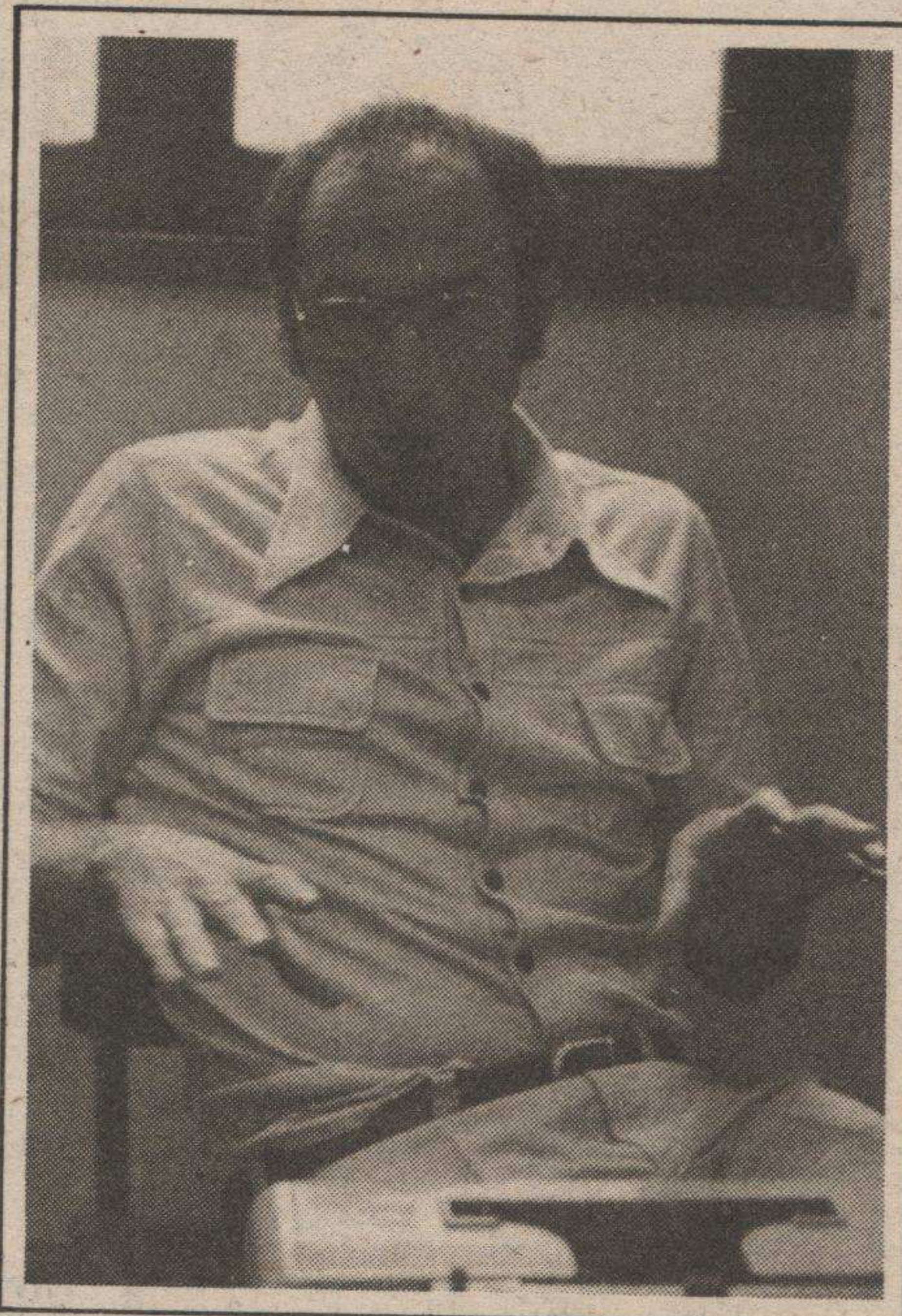
"Este é o primeiro passo efetivo para a integração tão falada e tão pouco praticada", disse João Batista Pinzon, da CEPAL. Ele deu, depois, um exemplo de como esta integração poderá ter efeitos práticos: "Temos 244 cooperativas de produção no Estado, que produzem cerca de 300 itens, incluindo alguns essenciais como: carne, arroz, soja e derivados, leite e derivados, etc. Se elas discutirem realmente seus problemas em conjunto poderão chegar à conclusão que podem montar em todos os principais centros do Estado, grandes hipermercados que vendam alimentos diretamente ao consumidor, proporcionando menores preços e melhor retorno ao produtor".

O Conselho poderá ser também o foro onde poderá ser apressado o debate sobre as normas legais que hoje regem o cooperativismo e que são, em muitos pontos, inadequadas e desatualizadas, causando transtorno à existência de muitas organizações pequenas. Um exemplo é o enquadramento das cooperativas de táxis, que vivem numa situação absurda: elas são consideradas cooperativa de consumo e o associado não é o motorista, mas o táxi (consumidor de gasolina). Há um ano a Cooperativa de Táxis de Porto Alegre luta para passar à categoria de "serviços" e ainda não conseguiu. Isto, sem falar no absurdo que é manter subjugadas ao Incra, um órgão do Ministério da Agricultura, as cooperativas de todos os ramos.

Resoluções finais do Seminário

As principais resoluções do Seminário foram: definida uma diretriz política para o cooperativismo gaúcho saber o que realmente deseja; idealizada uma nova estrutura da Ocergs para uma melhor representatividade dos associados e uma perfeita coesão e integração do sistema cooperativista; distanciamento da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e da Fundação Brasileira de Cooperativismo (Brascoop) e busca de representatividade através de uma Ocergs fortalecida; deliberado que os cooperativados de todos os setores vão atuar efetivamente no processo eleitoral para a escolha de candidatos a cargos nos poderes executivo e legislativo. Isso será feito através de um programa a ser definido

pelas bases e que será apresentado pelas entidades aos candidatos para que rejeitem ou se comprometam com as reivindicações dos cooperados; definido que o próprio sistema cooperativo passará a se autogerir, assumindo atribuições do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), delegados ao sistema na forma de convênios; autorizado o Conselho Administrativo da Ocergs para estudar a viabilidade e as vantagens da criação de um Conselho Regional de Cooperativismo; e, finalmente, composta comissão para instituir e regulamentar o prêmio Cooperativista do Ano, a ser entregue a cinco cooperativistas que se destacarem pelo seu trabalho de integração.



Marchese: todos querem eleição direta?

Se vier a ter existência efetiva, o Conselho poderá ainda ser importante na busca de autonomia que as cooperativas gaúchas estão empreendendo, visando sair debaixo da tutela do governo, criando, elas próprias, seus organismos de regulação e controle (Movimento, aliás, que conta com a boa vontade do Incra.).

Quem quer eleição do Presidente?

O Seminário esquentou quando os temas saíram do terreno da política doméstica para uma área mais delicada, que o cooperativismo até então tinha contornado como se fosse um espaço proibido: "Temos que acabar com essa ideia falsa de neutralidade política que temos, essa ideia de que quem está nas cooperativas não pode participar da política. Pode sim, todos podem participar, devem participar porque a participação é a base da democracia, que é a essência do cooperativismo", disse Jarbas Pires Machado, introduzindo a discussão sobre a posição do cooperativismo frente ao momento político-partidário.

"Acho que as cooperativas devem dizer claramente que defendem as eleições livres e diretas para todos os níveis, pois este é um postulado com o qual elas estão comprometidas por sua própria estrutura. Tam-

bém devemos dizer que somos favoráveis a uma Constituinte, à ampliação das prerrogativas do legislativo, temos que sair de cima do muro, se queremos ter expressão política", acrescentou Ruben Ilgenfritz.

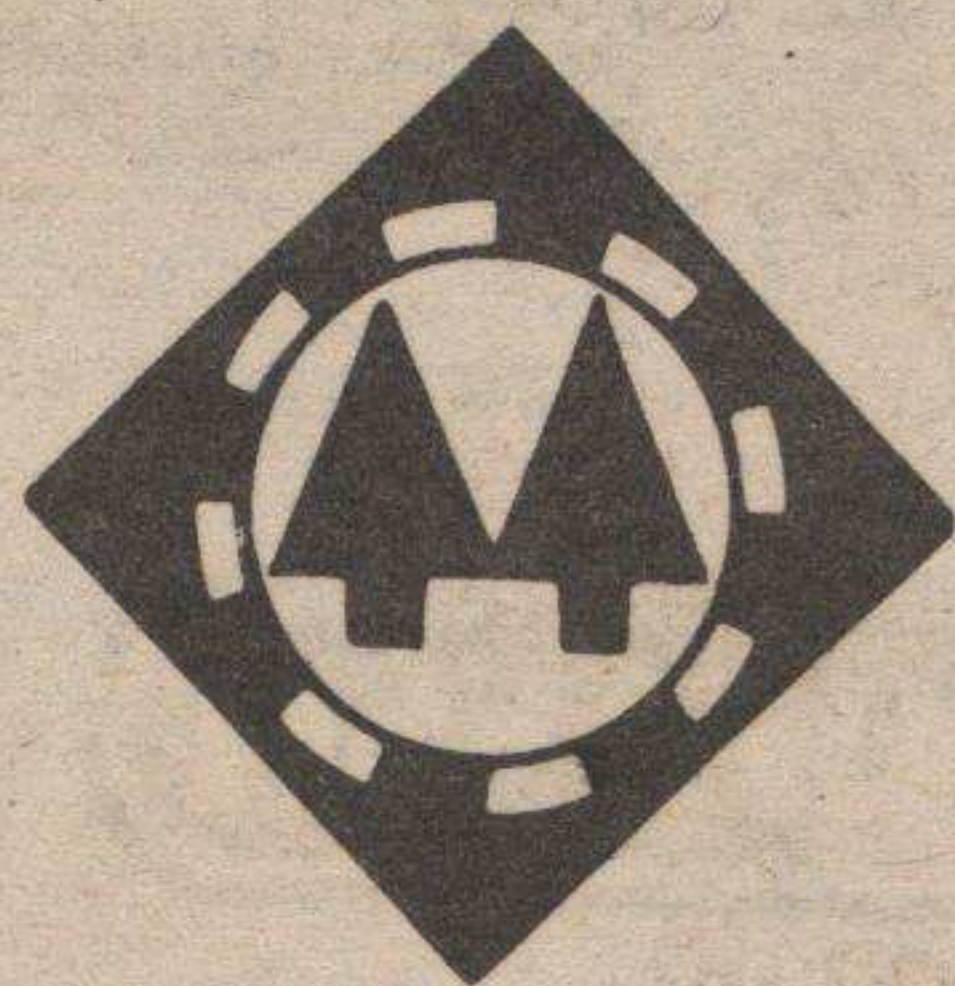
O plenário recebeu com reservas estas posições. Elias Walmor Marchese, diretor da Cooperativa Central de Crédito Rural disse que era "contra a uma manifestação explícita a favor de eleições diretas em todos os níveis, pois muitos podem ser contra a eleição do presidente, por exemplo". Um outro presidente de cooperativa sugeriu que se aguardasse a realização das eleições para, só então, se manifestar, pois "tomar uma posição agora poderá parecer que se está duvidando das intenções do governo. Se não houver eleição, aí sim, a gente se manifesta protestando", disse ele.

Arnaldo Mallmann, presidente da Unimed de Porto Alegre, tentou argumentar a favor de uma posição mais incisiva, salientando o caráter antidemocrático do regime implantado em 64, mas não pode prosseguir, interrompido, grosseiramente, por vaia. A mesa, percebendo a tendência conservadora do plenário, resolveu recuar, retirando os condimentos mais picantes da proposição, para que ela não ficasse indigesta, depois de tantos anos de jejum. Ficou apenas uma afirmação genérica de apoio ao projeto de abertura, numa demonstração de habilidade da liderança.

Indicar candidatos, arma perigosa

Outra questão a discutir era a posição a ser tomada frente à política-partidária. Era consenso que as cooperativas não se deviam omitir nas eleições. Mas como participar? A tendência dominante era pela organização de lista de candidatos a serem apresentados ao corpo de associados como merecedores de confiança do sistema. Estes candidatos, independente de partido, deveriam comprometer-se com o cooperativismo. A ideia foi minada, no entanto, pelos argumentos de que seria quase impossível estabelecer critérios precisos para a escolha de destes candidatos, prestando-se esta organização de listas a inúmeros equívocos e a usos indevidos. No final, Ilgenfritz matou a questão afirmando: "Acho muito perigoso ficar indicando este ou aquele candidato. Em primeiro lugar, porque não há nem clareza sobre o que seria 'apoiar o cooperativismo', pois o cooperativismo não sabe claramente qual o seu rumo. O correto seria nós estabelecermos um programa básico, que atendessem às nossas necessidades, o que nós pretendemos no terreno econômico, no terreno político. Mas para isso, precisamos nos voltar para as bases, saber quais são seus anseios, pois só assim mobilizando as bases poderemos ter força política e com isso obter apoio de candidatos ou partidos. Por enquanto, não sei. Qual é a nossa força em termos de votos? Sinceramente, a Cotrijui tem 48 mil pessoas ligadas a ela, mas quantos votos isso representa? Eu não sei, a gente não sabe a força que tem neste terreno".

A questão ficou no ar. Mas já estava suficientemente claro, naquele final de seminário, que o cooperativismo do Rio Grande do Sul havia acordado para a necessidade de procurar o seu espaço no novo quadro político que está se armando no país.



COTRISA

Cooperativa Regional Tritícola de Santo Ângelo
RIO GRANDE DO SUL — MATO GROSSO DO SUL

HÁ MAIS DE 25 ANOS ACREDITANDO NO HOMEM E NO TRABALHO

INDICADOR PROFISSIONAL

Dr. João Carlos Domingues

Pediatra

CREMERS 7537
CPF 165332080/064
José de Alencar, 1.296, Apto. 1
Porto Alegre RS
Fone: 33-0505

Dr. ANTONIO CARLOS GERBASE

dermatologia
venereologia

CREMERS 6646
CIC 192173310/16

Marechal Floriano, 91/814
24.66.01
Diariamente: 15-18H

**Este espaço
foi reservado
para o seu
anúncio**



Luiz Goulart Filho
OAB 7182 CIC 183730030/53
Hélio Goulart
OAB 12.600 CIC 220083570/15

Advogados

Horário: Das 10,30 às 11,30 e
Das 17,00 às 19,00 hs
Demétrio Ribeiro, 1078 cj. "B"
fones: 25-8393 33-6476

Nereu Lima

CPF-MF 082058760-53
Advocacia Criminal
Borges de Medeiros, 410
salas: 509/510
tel: 24-6049 Porto Alegre

Geraldo Nogueira da Gama

Advogado

OAB 5951 CPF 059035050/15
Rua Cel. Genuíno, 421
— 12º andar
Fone 25-0154
Porto Alegre RS

LUIZ LOPES BURMEISTER
OAB 2334

**ADVOCACIA
TRABALHISTA
DE EMPREGADOS**

Andrade Neves, 159/105
Fone: 25-5866
Porto Alegre



Luiz Carlos Calachi Moraes

*Advocacia Trabalhista
P/Empregados*

Andrade Neves, 159 sala: 64
fone: 33-5445
Edifício Amazonas

Rovilio Antonio Breda
OAB/RS 2583

Abade P. Bulhões
OAB/RS 2835

AVENIDA BORGES DE MEDEIROS, 453
CONJ. 81 FONE: 24.69.23

ADVOGADOS

**Este espaço
foi reservado
para o seu
anúncio**

João Carlos Gastal - OAB 599
Newton Domingues Kalil - OAB 7061
Regina de Lima Motta OAB 9242

*Falências e Concordatas
Direito Fiscal
Inventários — Separações — Divórcios
Rua Ramiro Barcelos, 330
2º and. fone: 24-9846*

**Advocacia em Geral — Questões
de Direito das Sociedades Cooperativas**

Dr. Marco Túlio de Rose
OAB 9551 — CIC 133.646.690/15

Dr. Luiz Rache Vitello Filho
OAB 11.613 — CIC 202.967.700/00

Dra. Liliansa Berry Veiga de Rose
OAB 10.987 — CIC 210.190.880/87

**Rua Uruguai, 335, s/37 — Fone: 25-2687
Porto Alegre**

ADVOGADOS

HÉLIO ALVES RODRIGUES
OAB 3975 - CPF 001520800/15
JÚLIO CESAR ALVES RODRIGUES
OAB 3408 - CPF 001520990/34

**ANDRADE NEVES, 159 - CONJ. 21/22
FONES: 24-8616 E 25-8035**

**Mario Chaves
Carlos Franklin Araújo
Vera Lucia Kolling**

ADVOCACIA DE EMPREGADOS

Andrade Neves, 155 conj. 35/36
fone: 24-3159 Porto Alegre

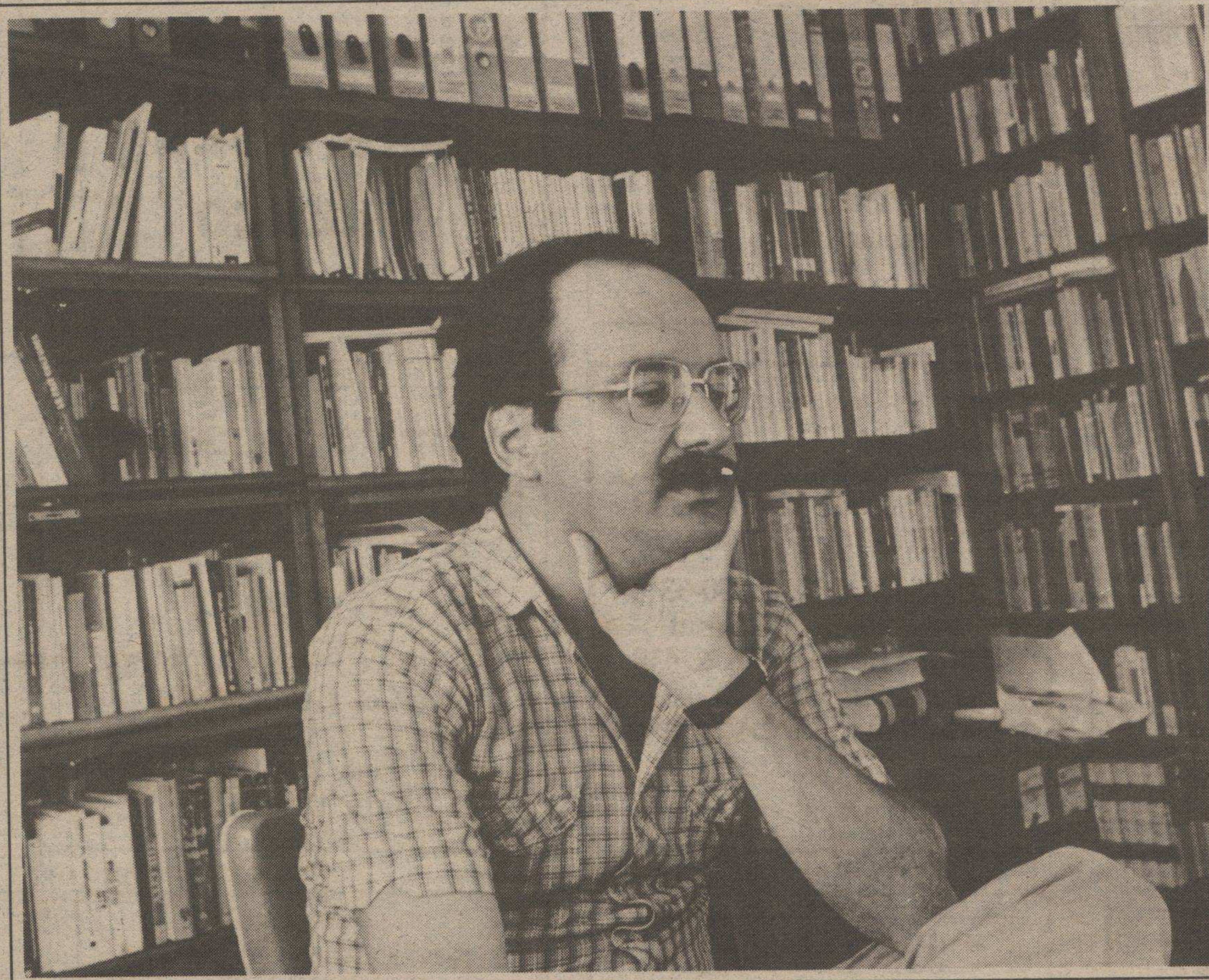
Acadêmicos buscam canais para atuarem na sociedade

A exemplo de outros setores da sociedade brasileira, a comunidade acadêmica ainda não está estruturada e se ressentida, entre outras coisas, da falta de comunicação com as demais camadas sociais e com o próprio governo. Marginalizados pelo regime militar instalado em 1964, que durante 16 anos não tolerou nenhuma forma de oposição ou crítica e centralizou na esfera federal todo o poder, os intelectuais foram confinados ao isolamento que caracterizou a sociedade brasileira nesse período e que só foi rompido com a abertura. Esta provocou uma certa descontração na sociedade como um todo, propiciando o ressurgimento do debate, do posicionamento crítico e de lideranças que hoje reiniciam a difícil tarefa de organizar o povo para que este possa decidir sobre os rumos da Nação.

Qual é o papel da comunidade acadêmica, hoje, dentro da sociedade brasileira? O que busca e como interage com os demais segmentos do país? Na tentativa de desvendar o espaço do intelectual que trabalha nas universidades brasileiras, o Coojornal ouviu algumas figuras de expressão dentro da comunidade acadêmica gaúcha.

Manuel André da Rocha, 39 anos, é professor do Departamento de Direito Público e Filosofia do Direito da UFRGS, além de representante eleito dos professores assistentes no Conselho Universitário (órgão máximo da administração universitária). É também professor de Direito na Unisinos.

Rubem Oliven, 36 anos, é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRGS e coordena o curso de pós-graduação em Antropologia, Política e Sociologia. Participa do Conselho Universitário, onde representa (na condição de suplente) os professores adjuntos. Além disso, é membro da APERGS (Associação dos Pesquisadores do Rio Grande do Sul) e do Conselho Científico da Associação Brasileira de Antro-



Rubem Oliven: professores vivem angustiados pela ameaça de corte das verbas

pologia. E é também diretor da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisas e Ciências Sociais.

Diogo de Souza, 33 anos, é chefe do Departamento de Bioquímica da UFRGS, dedicando-se à pesquisa e ao ensino. É membro da ADUFRGS (Associação dos Docentes da Universidade do Rio Grande do Sul).

Juracy Marques, 51 anos, é diretora da Faculdade de Educação da UFRGS. Dedicou-se à pesquisa e ao ensino de Psicologia Social e de Sistema Universitário (no curso de pós-graduação em Educação) e de Metodologia da Pesquisa (no mestrado em Psiquiatria).

Lívio Amaral, 30 anos, é professor do Departamento de Física da UFRGS. É também secretário regional da SBF (Sociedade Brasileira de Física) e membro da ADUFRGS.

A Universidade é o único lugar onde se pode fazer pesquisa pura, sem a preocupação de obter resultados imediatos. Esta característica essencial, lembrada por Rubem Oliven e Juracy Marques, reflete-se profundamente no papel desempenhado pela comunidade acadêmica na sociedade. Ao contrário do político — que se preocupa fundamentalmente com a ação —, o intelectual dispõe do distanciamento e do vagar necessário à análise. E na opinião de Juracy é através do próprio trabalho acadêmico, no qual se insere a análise dos fatos e ações, que a Universidade desempenha seu principal papel político na sociedade.

De um lado — continua Juracy — a Universidade não só reflete, como reproduz a vivência da sociedade em suas relações internas. Por outro lado, no entanto, devido à realização de pesquisa básica, a Universidade é capaz de manter uma coesão em torno de uma subcultura universitária, comportando-se, assim, de uma forma diferente do resto da sociedade. E é aí que reside sua capacidade de influenciar a sociedade na busca de seus caminhos. Juracy não vê essa característica como um isolamento do meio acadêmico da sociedade como um todo. Ao contrário, é isso que possibilita uma contribuição da Universidade para a realização de mudanças globais que, sozinha, ela não seria capaz de fazer.

Opinião semelhante tem Diogo de Souza, para quem a Universidade é um dos elementos que, junto com outras entidades, podem provocar a mudança nos rumos do país. Ele acha que o resultado da atuação e da liderança universitária, na sociedade, ainda é pequena no Brasil e explica que só entende liderança em função de reformulação. Ao mesmo

tempo, observa que a elite que caracteriza a universidade brasileira não é de pensamento, e sim monetária, no sentido de que o meio acadêmico é integrado por pessoas oriundas de uma camada privilegiada, em condições de perseguir uma carreira universitária. Na Universidade, afirma Diogo, há líderes, como existem em várias outras categorias. Embora reconheça a validade das lutas internas, ele acha que a verdadeira luta deve ser para mudar o país como um todo. Por isso mesmo, sua intenção como chefe de departamento é preocupar-se mais com a política (no sentido amplo) do que com a administração.

Para Manuel André da Rocha, o principal papel da comunidade acadêmica seria criar uma consciência crítica de que o conhecimento promovido pela Universidade é usado pelo Estado. Assim, não aceita uma atitude de "lavar as mãos", como Pilatos, sob o argumento de que o saber em si é neutro, e que o uso que dele se faz foge ao alcance do intelectual. Em seu entender, o professor deve se esforçar para reverter o processo e mudar o *status quo*, tendo sempre presente que a natureza da atividade acadêmica é essencialmente política. "Pode-se educar um aluno para ser carneiro, ou então desenvolver nele uma consciência crítica", a partir do questionamento dos próprios valores transmitidos como verdades científicas e filosóficas.

Recursos humanos são ignorados e falta comunicação

As tentativas de mudança dentro da própria Universidade, no entanto, esbarram sempre na

realidade global do país e no centralismo que rege o atual modelo brasileiro. Esta é a posição de Lívio Amaral, para quem a Universidade só poderá exercer seu papel de liderança, e interagir com a sociedade, se houver uma mudança do modelo de desenvolvimento adotado para o país. Segundo Juracy Marques, tenta-se hoje, no Brasil, um compromisso regional das várias universidades. Isto significa que estas buscam um diferenciamento, em função da própria comunidade onde se inserem. No entanto, devido à falta de canais de comunicação entre os diversos setores da sociedade, este chamamento, entre o meio acadêmico e a comunidade, se dá em termos individuais e não institucionais.

Um aspecto destacado por Rubem é que o governo não utiliza os recursos humanos existentes nas universidades. E cita como prova o fato de que os físicos brasileiros sequer foram consultados por ocasião da negociação do acordo nuclear. Existe toda uma tradição de tomar decisões de cima para baixo. Outro exemplo embaraçoso foi o alto investimento feito pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) no Vale do São Francisco, onde financiou um projeto para o desenvolvimento agropecuário da região, com resultados desastrosos. Surpreendida com o fracasso, a Embrapa lembrou-se, então, de contratar acadêmicos para explicar o fato — e estes demonstraram que o projeto simplesmente não havia levado em conta as peculiaridades da região. O lógico teria sido fazer a consulta antes de executar o projeto.

Os demais segmentos da sociedade tampouco aproveitam os recursos humanos presentes no meio acadêmico, assinala Lívio Amaral. Em outros países, por exemplo, existe uma forte interação entre universidade e indústria. Mas no Brasil o desenvolvimento industrial é dependente e essa interação, então, não acontece.

A inexistência de canais de comunicação é uma queixa geral. Entre 1975 e 78, observa Lívio Amaral, a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) era o único setor nacional em condições de expressão. Naqueles anos, professores e alunos reunidos discutiram grandes temas nacionais, como a abertura e o acordo nuclear. Em 78 e 79, no entanto, surgiram outros canais importantes: é desta data a criação da maioria das associações de docentes universitários em todo o país, seguindo o exemplo da ADUSP (Associação de Docentes da Universidade de São Paulo, que tem origem numa entidade com mais de 20 anos de existência e que inspirou as demais ADs). Mesmo assim, ele considera que o debate dos problemas nacionais é hoje apenas incipiente.

A condição de elite da Universidade fica mais forte, em nosso caso, justamente porque inexistem mecanismos de interação entre o meio acadêmico e a sociedade, conclui Lívio. Em termos institucionais, nem a Universidade, nem a sociedade tomam a ini-



A natureza da atividade acadêmica é essencialmente política. Pode-se criar um carneiro ou a consciência crítica

CANINI

A comunidade acadêmica ainda não existe como tal, mas está para se formar. E esta formação é um processo longo e dispendioso, viabilizado somente nesta última década e sem garantia de continuar



Por Regina Vasquez

ciativa. As associações, como a SBPC, são apenas canais alternativos. Fora disso, a atuação do meio acadêmico é lenta, através do próprio trabalho de formação intelectual, dentro do qual as grandes questões nacionais não são discutidas, principalmente nos cursos de ciências exatas, onde não são tema de estudo específico.

Já para Diogo de Souza, o alcance das associações de docentes é mais amplo. Ele acredita que as ADs podem e devem associar-se com o povo (que não está na Universidade) através de outras entidades como as associações de bairro, os sindicatos, os próprios partidos políticos. Através dessa interação, Diogo vê a possibilidade de uma transformação nos rumos da Universidade resultar na transformação dos rumos da Nação.

Na UFRGS, a exemplo de outras universidades federais, a única ligação formal com a comunidade se dá através da proreitoria de extensão. Entre os projetos atualmente desenvolvidos, Juracy Marques cita o Pericampus (um programa de atendimento às vilas que circundam o campus do Vale), o Itapoã (uma tentativa de trabalhar com uma comunidade rural nos arredores da capital) e o Programa Unimúsica (que facilita a apresentação de músicos gaúchos para o público em geral).

Não há autonomia para estruturar classe acadêmica

A comunidade acadêmica, observa Juracy Marques, ainda não existe como tal, mas está para se formar. E esta formação é um processo bastante longo e dispendioso. Rubem Oliven lembra que até 1968 o número de estudantes universitários no Brasil ainda era pequeno e a maioria dos professores tinha contrato de tempo parcial, o que significa que não podiam dedicar-se exclusivamente ao trabalho acadêmico. A única exceção era a USP (Universidade de São Paulo) e outros grupos esparsos de pesquisadores de ciências exatas. Foi somente na década de 70, com a instituição dos regimes de tempo integral e de dedicação exclusiva, juntamente com a expansão da pós-graduação, que a comunidade acadêmica cresceu.

Ainda hoje, no entanto, os professores, alunos e funcionários da Universidade vivem angustiados pela falta de autonomia universitária e a constante ameaça



Diogo: fé no papel das ADs



Juracy: compromisso regional



Lívio: mudança só se for global

de descontinuidade de recursos que possibilitem seu trabalho. Com raras exceções, as universidades dependem diretamente de órgãos federais como o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisas) e a Finep (Financiadora de Ensino e Pesquisa) — os principais financiadores da pesquisa acadêmica no Brasil. Os contratos são renováveis a cada dois anos e os pesquisadores têm, então, de se dedicarem também à negociação, para garantirem a obtenção e continuidade dessas verbas. A realidade, no entanto, é que os acadêmicos e as universidades pouca influência têm na destinação dessas verbas. Há poucas semanas, por exemplo, a Finep decidiu, sem consultar ninguém, suspender as verbas para pesquisa na área de Ciências Sociais.

A falta de autonomia das universidades é apontada com unanimidade, pelos professores, como um entrave à liderança da comunidade acadêmica na sociedade. Rubem Oliven defende uma maior autonomia, e sugere que o rígido controle do trabalho acadêmico, hoje exercido pelos órgãos federais externos à administração universitária (como o CNPq e a Finep) seja substituído pela ação reguladora do próprio mercado.

Democracia é pouco praticada dentro da Universidade

Lívio aponta a necessidade de uma maior liberdade acadêmica, através da garantia de recursos do



Manuel: consciência crítica

Estado e de um processo democrático de escolha dos dirigentes universitários, juntamente com a criação de mecanismos de controle dos próprios acadêmicos para avaliar e discutir o que é feito nas universidades. Como exemplo desses mecanismos cita a associação de docentes.

A Universidade deve ser autogerida, diz Manuel André da Rocha, explicando que para isso é preciso um processo de democratização interna, com participação de professores e alunos. Na prática, isto requer uma alteração na legislação universitária, o que poderia ser promovido imediatamente, mas necessitaria da aceitação por parte do governo. Ele observa, no entanto, que o "ranço do autoritarismo" está presente em toda a legislação brasileira, não se limitando aos

atos institucionais já revogados. Uma mudança, portanto, requer a desmontagem de todo o aparato jurídico consolidado em quase duas décadas do atual regime.

Mesmo dentro das universidades, porém, a decisão está centralizada em reuniões, sendo tomada em reuniões fechadas, havendo pouco exercício de democracia interna. A observação é de Rubem Oliven, que atribui essa realidade, em grande parte, à desarticulação que caracteriza a atual estrutura universitária e à falta de troca de informações entre as pessoas.

A participação dos acadêmicos na vida partidária é considerada legítima e natural, mas existem diferentes visões sobre a atuação dos partidos dentro do campus. Para Manuel André da Rocha, a participação política e partidária é essencial dentro da Universidade. E ele vê as eleições de novembro próximo como um evento de grande importância: "O simples fato de ocorrerem eleições já é uma mudança qualitativa, pois significa a aceitação do governo da probabilidade de ser derrotado". Assim, independentemente do resultado das urnas, ele considera positiva a realização das eleições.

Juracy Marques é contra a atuação dos partidos na Universidade, ressalvando que esta posição se refere à fase atual, que ela acredita possa ser superada no futuro. Seu argumento é que os partidos ainda não estão organizados e "a nossa capacidade de viver com as incertezas ainda é baixa, porque não estamos habituados à vivência partidária". Em sua opinião, mais importante do que trazer à vida universitária os conflitos da vida partidária é, hoje,

estudar a política. Quanto às eleições, não prevê um efeito direto sobre as universidades, principalmente as de grande porte (mais de 15 mil alunos), porque está convicta de que estas são capazes de defender sua autonomia no que é essencial.

Suprapartidária — é assim que Rubem Oliven vê a Universidade. Por isso, considera benéfico que a Universidade reúna, em si, a maior variedade de posições políticas, sem ter vinculação com o partido no poder (qualquer que seja). No meio acadêmico, diz ele, o intelectual será respeitado por seu trabalho, produção, idéias, honestidade, independentemente de suas posições políticas. E observa que se a Universidade ficar atrelada a um partido, as idéias não poderão ser questionadas, uma vez que um partido exige disciplina e nele, por uma questão tática, muitas vezes será necessário defender uma idéia da qual se discorda.

Eleições: efeito regional gera pouca expectativa

Se a abertura teve um impacto muito grande na Universidade — "pode-se respirar e falar mais livremente" —, o mesmo não deverá acontecer com as eleições de novembro, diz Rubem. Muito vai depender do resultado das urnas, mas mesmo que a oposição vença, os órgãos federais não serão afetados e, assim, as universidades federais também não o serão, exceto em São Paulo, onde o efeito regional irá se refletir diretamente nas três principais universidades, que são estaduais: USP, UNESP e Unicamp.

Segundo Lívio Amaral, não existe hoje uma interação entre os partidos e a comunidade acadêmica, e não será a Universidade que vai propor isso. Quanto aos partidos, a preocupação deles agora é vencer as eleições.

Impedir os partidos de atuarem dentro do campus é criar uma barreira a mais além das que já existem, afirma Diogo de Souza, para quem a ação partidária é válida a qualquer hora e em qualquer lugar. Ele vê a Universidade como qualquer outro espaço onde os partidos devem se manifestar até mesmo para conscientizar os eleitores. No entanto, como professor universitário, considera que nenhum dos atuais partidos é representativo nem de um grupo (mesmo minoritário), nem de uma ideologia. Existe apenas um confronto entre situação e oposição.

A UNIDONTO PROPÕE A TODAS AS COOPERATIVAS UM BOM NEGÓCIO

A Unidonto oferece assistência odontológica pelo sistema cooperativista.
A Unidonto oferece consulta e tratamento odontológico com hora marcada.
A Unidonto oferece seu plano de assistência familiar.
A Unidonto oferece preços mais baixos.
Solicite a presença de um executivo da Unidonto.



unidonto
PORTO ALEGRE

sociedade cooperativa de serviços odontológicos ltada.

Unidonto Porto Alegre Fone 24-5380 Av. Borges de Medeiros, 596 4º andar G. 42

Chegar ao poder decisório, meta dos sindicatos

Para evitar que a organização da classe trabalhadora seja desmantelada com uma simples caneteada de um ministro

Em 1977, portanto em plena vigência do Ato Institucional nº 5, quando não se falava em abertura e sim em "distensão lenta e gradual", 110 sindicatos gaúchos divulgaram um documento contendo severas críticas ao modelo econômico e às restrições à liberdade política e sindical. O documento, nascido dos sindicatos autênticos que formavam a Intersindical, foi um marco e o principal sintoma do crescimento das entidades de trabalhadores, que nos anos seguintes atingiria o clímax, com as greves no ABC paulista e em outros estados, resultando na formação de uma Central Única dos Trabalhadores. No entanto, a formação da comissão pró-CUT, no ano passado, coincidiu com um momento de refluxo do movimento sindical, determinado, de um lado, pelo endurecimento dos patrões e do Governo e, de outro, pelas divergências internas dos sindicalistas. Para debater estas questões, o Coojornal reuniu cinco presidentes de Sindicatos e membros da Intersindical gaúcha: João Paulo Marques, do Vestuário; Milton Motini Machado, dos Bancários; Paulo Roberto Paim, dos Metalúrgicos de Canoas; Clóvis Ilgenfritz da Silva, dos Arquitetos e Lauro Hagemann, dos Jornalistas.

— Entre 1975 e 1980, o movimento sindical atravessou um período de grande mobilização no país. No Rio Grande do Sul, destacou-se a atuação da Intersindical, que reúne os sindicatos considerados autênticos. Como se encontra o movimento sindical hoje em dia?

Clóvis Ilgenfritz da Silva — O sindicalismo brasileiro sofre os males de um Governo instituído no golpe de 64 que teve por objetivo a defesa do capital. Portanto, seu alvo principal, além das organizações clandestinas e dos partidos, foi o sindicalismo. Tanto que houve várias modificações em leis, em especial na Constituição, mas a CLT permanece a mesma de 1943, em que o Sindicato permanece como órgão de assessoria do Governo. De 64 para cá vimos inúmeras perseguições aos trabalhadores, intervenções em sindicatos e cassações de lideranças, além da criação de inúmeros sindicatos pelo Governo, que usa como correia de transmissão de seu pensamento.

Até 1975, os sindicatos limitaram-se apenas a atender as questões meramente assistenciais, obedecendo à determinação do Ministério do Trabalho. Mas a situação agravou-se de tal forma, em termos de política salarial, desemprego e má qualidade de vida, que provocou o surgimento de movimentos e lideranças autênticas, como foi o caso do documento de 1977, em que 110 sindicatos gaúchos expressaram seu protesto contra a falta de liberdade sindical e a política econômica do Governo. O documento saiu numa época difícil e ali começou a nossa Intersindical que hoje, apesar das dificuldades, é o organismo de maior representatividade dos trabalhadores gaúchos.

Esse movimento tem uma grande diferença do sindicalismo praticado antes de 64, embora ainda permaneçam lideranças daquela época que são pontos de apoio do Governo para reprimir a classe trabalhadora brasileira, especialmente entre as federações, onde há muitos traidores.

João Paulo Marques — O trabalho da Intersindical começou em 1975 com dois sindicatos: o do Vestuário e o dos Bancários. Era meu primeiro mandato e o primeiro do Olívio Dutra nos Bancários, uma geração nova. O meu sindicato mudou depois de 40 anos, por exemplo. Na época assumiu o Lula em São Bernardo, e outros. Em 1977, já fazíamos reuniões mensais da Intersindical nacional. Pô! o documento de 77 saiu embaixo do AI-5. Não fizeram nada porque já havia uma articulação. A gente fazia reuniões no terraço, escondido.

Começamos a ganhar força com a abertura da imprensa, mas é bom lembrar que tínhamos um trabalho de base para meter os peitos. Iamos às fábricas, o que o meu Sindicato não fazia há não sei quantos anos. Nós fizemos a primeira convenção coletiva de trabalho e já estávamos com férias de 30 dias. Nas greves de 1979 e 1980 é que o Governo começou a ferrar a gente. Mandou que os patrões não fizessem mais nenhum acordo coletivo, os dissídios passaram a ir direto para o Tribunal, sem negociações, aprovaram o salário semestral e esvaziaram os sindicatos.

"Então os pelegos reapareceram. De 80 para cá, só eles aparecem na imprensa. Com aquele monte de cassações e intervenções, muitos sindicalistas começaram a se assustar. Quando o pau comeu, muita gente recuou.



João Paulo: "As reuniões eram escondidas, lá no terraço".

Assim não dá. Todo mundo tem que continuar participando da Intersindical. Além disso, a questão partidária nos dividiu. Cada tendência procurou seu partido e isto enfraqueceu o movimento sindical. Um exemplo foi a Conclat. Foi uma briga de tendências. Mas aqui no estado é diferente. Cada um tem sua ideologia, mas nas discussões dos problemas dos trabalhadores, todos fecham.

Lauro Hagemann — O esvaziamento dos sindicatos tem várias origens. Nos sindicatos de profissionais com formação universitária existe a excessiva partidização, como consequência da prática política do movimento estudantil. No nosso Sindicato, por exemplo, há um afastamento flagrante dos velhos profissionais que têm medo de não conseguir dialogar com as novas correntes profissionais.

E nós ainda não conseguimos dissociar a atividade sindical da atividade política, o que prejudica o sindicalismo. É fruto da nossa imaturidade, já que houve uma renovação de 95% das lideranças sindicais. As duas coisas estão ligadas, mas a prática deve ser separada.

"Nós temos que reavaliar nossas posições"

Motini — O movimento sindical vive uma crise de identidade, dissociando-se da realidade concreta dos trabalhadores, inclusive dando origem ao neopeleguismo. O ingresso da classe média e da pequena burguesia levou o movimento a um teorismo exagerado. Quer dizer, estamos fazendo bons documentos, bons discursos, mas estamos nos afastando da realidade concreta do trabalhador. Nós temos que reavaliar nossas posições.

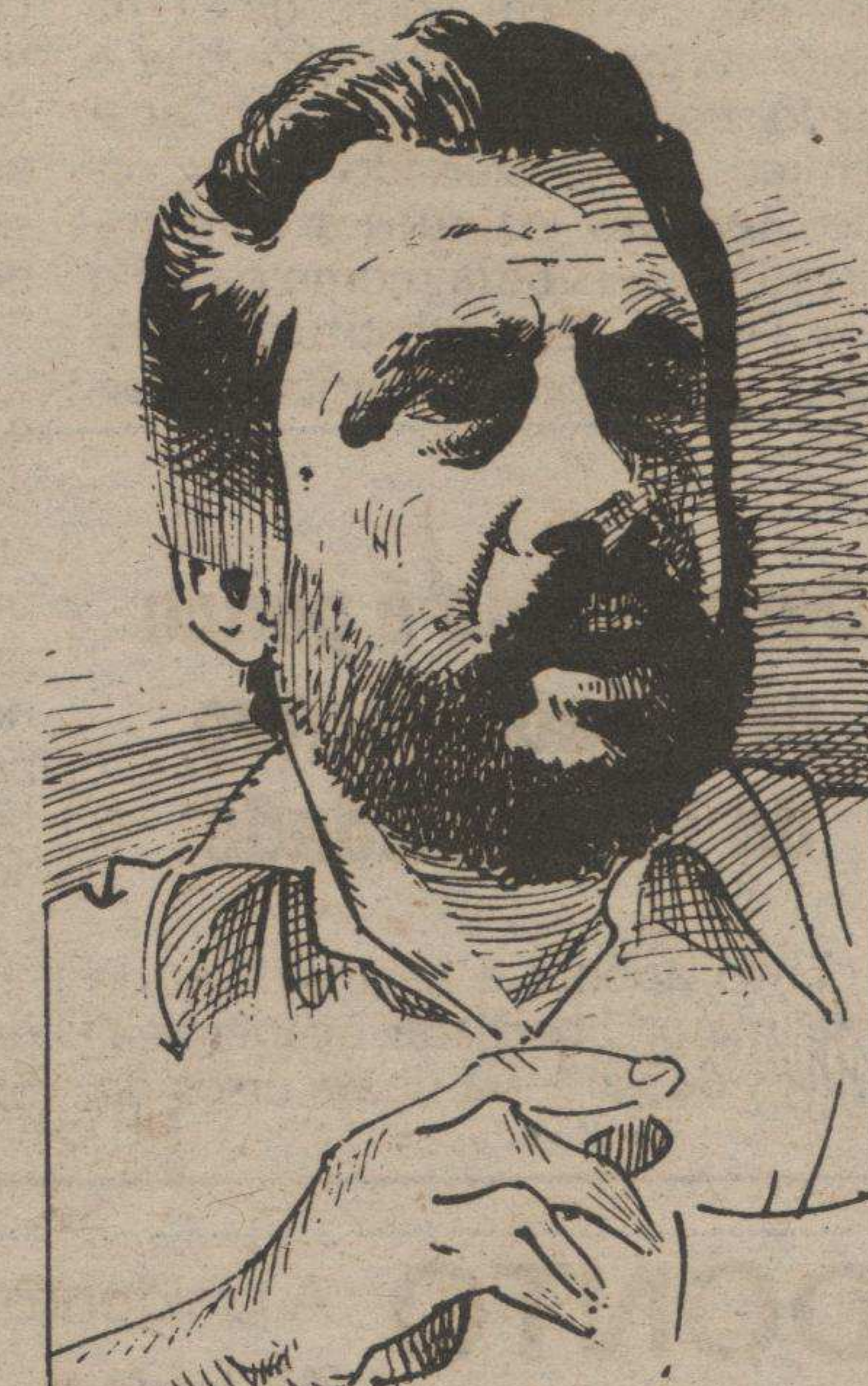
— Está na hora de voltar à base?

Motini — Exatamente. Assumir na prática e não no discurso. Existem dirigentes sindicais que têm verdadeiro horror de voltar à prática, já que o nível de repressão das fábricas e nos escritórios é grande. Isto acontece pela falta de identidade política. O dirigente sindical licenciado de seu trabalho deve aproveitar para aperfeiçoar-se e voltar entendendo o que ocorre e transmitindo a seus companheiros. Temos que ter claro que o movimento sindical não se limita às reivindicações econômicas. Esta visão economicista po-

de levar o trabalhador a um consumo desenfreado, como o regime quer. Há necessidade de uma definição política clara. As questões partidárias são momentâneas e os sindicatos são suprapartidários.

Paulo Roberto Paim — O Motini colocou bem quando disse que o sindicalismo foi para uma vitrine. Estou há seis meses na direção de um Sindicato, depois de um ano como oposição, e noto que não está sendo feito o trabalho nas fábricas, nas vilas populares, o trabalho de base. Por exemplo: fui a uma reunião em São Paulo e vi companheiros como o Arnaldo Gonçalves, dos Metalúrgicos de Santos, dizendo que não podemos realizar este ano o Congresso dos Metalúrgicos, porque é um ano de Copa do Mundo. Vocês acham que esta é a opinião dos trabalhadores nas fábricas ou dos desempregados? Não, é a opinião das cúpulas. Na fábrica o operário quer é saber da rotatividade tremenda, de por que ele está passando fome. Pois o Congresso não saiu por causa da Copa... Nós não aceitamos isso.

Depois fui a Brasília e vi lá o Ari Campista, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria discursando para mais de 500 sindicalistas. E todo mundo na base do "gloriosa CNTI", "Ministro Ari Campista". Nós, trabalhadores da base, pegamos o microfone e dissemos que a CNTI não representa nada para o



Clóvis: "Fomos criticados por misturar-nos com operários"

trabalhador. É muito bacana o seu Ari Campista sair dando entrevista no jornal achando uma greve legal, mas ele não representa, nem sabe o que pensa a classe trabalhadora. Então, ou se parte para organizar os trabalhadores ou não se tem nada.

Motini — O movimento sindical não está tendo a capacidade de exigir o cumprimento da lei mais elementar. Falta inclusive consciência profissional de cada categoria para interpretar os seus problemas.

Clóvis — Tudo o que foi dito a gente fecha. A questão dos sindicatos de nível universitário me toca. Os arquitetos têm Sindicato há apenas oito anos. Começam a surgir sindicatos fortes, nesta área, com a proletarização da classe média, que antes era liberal e hoje não é mais. A grande maioria é empregado ou autônomo, o que é pior do que desempregado. Nós temos até patrões no nosso Sindicato. No início, fomos duramente criticados por setores da classe média por nos misturarmos com metalúrgicos, trabalhadores do Vestuário, Bancários, etc. É o problema de identidade que fala o Motini. Mas não é através dos discursos que vamos resolver este problema. É no trabalho.

"O regime aperfeiçoou a repressão"

Lauro — Esta nossa conversa desemboca numa questão primária: a consciência de classe. De 64 para cá e até antes, os sindicatos nunca se preocuparam com a conscientização classista do trabalhador e isto não se consegue apenas com o didatismo prático e sim com uma escola dentro do Sindicato ou da Intersindical. Temos que ter a preocupação de criar nossos próprios quadros, abrindo a cabeça dos companheiros para a consciência de classe. Esse fenômeno ocorre principalmente nos sindicatos mais intelectualizados. A classe média é a mais confusa deste País. Não sabe se é operária, se é aburguesada e essa confusão reflete-se no movimento sindical. Para o meu gosto, a composição da Comissão pró-CUT é excessivamente constituída desses sindicatos. Já a classe operária não se deixa envolver com facilidade, porque tem pelo menos intuição de classe.

"A base está jogada num processo de confusão e é por isso que geralmente surge a ideia de que o dirigente sindical não deve alistar-se em partido político."

— Voltando ao atual momento do sindicalismo, dá para se constatar que com o crescimento do sindicalismo autêntico, o sistema rachou. Mas acabou dando a volta por cima. Os banqueiros manipularam a luta de classes, obtiveram benefícios, como a liberação da taxa de lucros, e voltaram a aliar-se com o sistema. Ou não?

Clóvis — Eu diria que houve um processo de conquista para que acontecesse esse racha. Foram os trabalhadores, creio eu, que tiveram um papel histórico muito importante. O regime, em contrapartida, aperfeiçoou a repressão, criou a semestralidade, a taxa de produtividade, mantendo a recessão e diminuindo o Produto

Nacional Bruto, prejudicando o trabalhador e causando um refluxo no movimento sindical.

— E como superar isto?

Clóvis — Através de um trabalho unitário, direto com os trabalhadores, ignorando inclusive o que está acontecendo na superestrutura que tenta nos abafar. Bem, achamos que o pluripartidarismo também foi uma conquista da sociedade brasileira, apesar da forma como foi feita. Acho que muitos outros partidos, como o Partido Comunista, deveriam ser legalizados. Mas nós só iremos ao poder decisório quando houver mais liberdade. Nas greves do ABC de 1979 e 80, muito bem sucedidas, os trabalhadores venceram todas as etapas, mas um telefonema do ministro baixou todo o trabalho à cota zero. Portanto, os dirigentes sindicais devem defender a participação política do trabalhador, seja em que partido for.

“O PDS sempre prejudicou o trabalhador”

Motini — As lideranças devem mostrar aos trabalhadores que o sistema joga sobre eles. A integração do trabalhador dentro de uma categoria, discutindo os problemas de sua vila, a escola de seus filhos, a questão da saúde, tudo isto é função do Sindicato. Nós temos graves contradições. Existe um Sindicato em Porto Alegre, um dos maiores do Estado, que possui uma escola montada e dirigida pela própria categoria, mas lá não se fala das questões sociais. Ali estão filhos de mestres, contramestres, técnicos, a futura geração que deveria ser preparada para a política sindical, por exemplo.

— Estamos falando muito em voltar às bases, em articulação a partir do local de trabalho. Mas vocês não acham que existe toda uma manipulação dos meios de comunicação por parte do sistema, a respeito da qual os trabalhadores devem ser alertados?

Clóvis — O momento exige uma postura diferente das lideranças e das bases. Essas são manipuladas pela alienação. Tem que haver união da participação sindical com a política partidária para tornar o sindicalismo mais forte. Independentemente da sigla. Quando se diz que o PT é classista é porque ele realmente tem essa conotação. Os outros, não. São setores dentro dos outros partidos, apenas. Na discussão e participação é que os trabalhadores vão fixar posição sobre seu partido e seu Sindicato.

João Paulo — O novo sindicalismo não surgiu de uma análise política geral e sim dos problemas da nossa base. Fizemos um movimento em nosso Sindicato e ninguém era político. Eu nunca fui político, sou operário. Não entramos no geral porque não sabíamos. Eu não estava preparado para mostrar que o problema daquele companheiro que trabalhava sobre um piso molhado não era só dele e sim de todos os trabalhadores.

Clóvis — Existem questões como o Imposto Sindical que acaba beneficiando apenas um grupo privilegiado de cada categoria.

Existem categorias de 40, 50 mil trabalhadores, em que apenas quatro ou cinco mil são sindicalizados e apenas dois ou três mil recebem os favores oriundos do Imposto Sindical. Há falta de consciência, alienação da diretoria que não sabe qual a função do Sindicato, o papel do homem na sociedade ou as questões partidárias. Hoje, apenas uma minoria está consciente que deve fazer política.

— O Clóvis é presidente do Sindicato dos Arquitetos e secretário geral do PT gaúcho, o Lauro é candidato do PMDB a vereador de Porto Alegre e o João Paulo é membro da Executiva Regional do PDT. Esta atuação partidária não cria confusão junto à base?

João Paulo — No meu sindicato não existe esse problema, porque os nossos dois advogados pertencem aos outros partidos da oposição. Então, existe espaço para todo mundo. Só não entra propaganda do PDS.

— Por que não do PDS?

João Paulo — Não pode, porque ele sempre prejudicou o trabalhador. Mas da oposição, quem quiser pode levar sua propaganda. E agente está sempre discutindo política.

— Mas não surgem comentários, por exemplo, como ocorreu no caso dos professores, de que o dirigente quer se promover porque é candidato?

João Paulo — Para mim não interessam esses comentários dos caras que fazem o jogo do Governo. Interessa a base com quem eu convivo.

Clóvis — O maior prejuízo vem de fora para dentro da classe trabalhadora. A estrutura de comunicação do Governo é voltada justamente para isso. Ele tem seus agentes da repressão para criar confusão no meio sindical. Os nossos companheiros podem ter dúvidas a respeito de nossa participação em partido, mas a discussão deve ser enfrentada de maneira aberta. Tem muita gente indo aos sindicatos e dizendo que é apolítico. Ou esse cara é do PDS ou está tentando manipular os companheiros para a tendência



Motini: “Está na hora de assumir na prática, não só no discurso”.



Paim: “Por causa da Copa não sai o Congresso dos Metalúrgicos”

dele. Ninguém é apolítico ou apolítico. Quando não se posiciona é porque alguém o está manipulando.

“Não tenho confiança no projeto político”

Motini — Isso, no nosso caso, também foi jogado por companheiros do movimento sindical, questionando a minha representatividade e a do companheiro Olívio Dutra. O próprio banqueiro usou isto na mesa de negociação e até segmentos do próprio Partido dos Trabalhadores questionam este tipo de coisa. Eu acho que temos que assumir uma posição, mas devemos evitar que as questões das siglas partidárias limitem a discussão das questões concretas do trabalhador.

Paim — No Sindicato, o pessoal sempre pergunta se sou candidato e qual o meu partido e pede para não misturar as coisas. Não sou contra o caminho partidário, mas acho que ele se conquista na prática. Vejo com bons olhos que o movimento sindical está infiltrado por partidos políticos, que publicam em seus boletins a discussão do dia-a-dia do trabalhador. Pessoalmente estou procurando um partido que se identifique com o trabalhador de base, mas ainda não tenho confiança no projeto político montado.

Clóvis — Mas tu tens consciência disso. É diferente do que eu falei.

Motini — É que geralmente há uma inversão. Primeiro o pessoal quer levar a proposta partidária e depois a prática sindical.

Clóvis — Correto. As coisas estão atropeladas. Nós, do Partido dos Trabalhadores, temos uma proposta que não tem pressa. Esse momento eleitoral é que está precipitando as coisas. Quanto ao que o Paim falou está certo. Mas quem diz isso conscientemente, já está se definindo politicamente, se não em termos de partido, mas mais cedo ou mais tarde vai se manifestar na prática político-partidária.

Lauro — Eu aprendi na minha prática sindical anterior a 64 que o sindicato sozinho não resolve os problemas. Agora, isso não quer dizer que os partidos que aí estão representem o veículo ideal para se levar este trabalho. Nós ainda estamos em busca de um caminho e o sistema joga com isto.

Motini — Parece que a in-

definição programática está ajudando a criar esta confusão. Acho que o movimento sindical deve ter uma orientação para exigir que os companheiros que são candidatos tenham um compromisso mínimo com o sindicalismo.

Lauro — De certa forma, a Conclat apontou uma direção para um caminho socialista da classe trabalhadora. Foi um primeiro passo, ainda não muito claro, mas que se contrapõe aos interesses do sistema.

Motini — Pena que esses documentos estejam guardados nos gabinetes dos dirigentes sindicais e não sejam levados nem na prática, nem na teoria.

— As resoluções da Conclat estão chegando às bases? E será que a Conclat deste ano vai pro brejo como o Congresso dos Metalúrgicos?

João Paulo — De que forma chegariam às bases se elas não participaram de sua organização? De vez em quando chega uma pilha de documentos para as direções, mas os trabalhadores estão preocupados com seu emprego, seu salário, sua família. Claro que a gente procura discutir. Quanto à próxima Conclat, é difícil que saia, porque 80% dos dirigentes sindicais da comissão pró-CUT são candidatos nas eleições de novembro.

Motini — Eu vejo alguns problemas. O primeiro é estabelecer prioridades, o que a CUT não vem fazendo. Segundo, esse é um ano rico e acho que a Conclat deve sair em cima de uma questão programática unitária.

Paim — A Conclat deve sair. Se estamos dizendo que a vida política não atrapalha o movimento sindical, então deve ser realizada. Canoas, hoje, tem cinco mil desempregados. O patrão demite 100 hoje e admite 100 amanhã, ganhando menos. Os companheiros estão fazendo fila na porta do Sindicato pedindo ajuda para se manterem. Claro que temos críticas ao movimento sindical gaúcho, afinal a Conclat está marcada para agosto e ainda nem se falou em Conclat.

Clóvis — Na Conclat do ano passado, que foi um marco muito importante para o nosso movi-



Lauro Hagemann: “Não dissociamos ação política da sindical, ainda”

mento, aconteceu uma coisa que é sintoma da situação atual. Existiam cúpulas bem preparadas, no sentido de dominarem as informações sobre a realidade nacional e os representantes das bases querendo coisas, às vezes, diferentes do que pretendiam essas cúpulas. Nós erramos porque, no momento que surgiram duas chapas para a comissão pró-CUT e não houve condições de escolher qual das duas representaria melhor as bases, transferiu-se esta responsabilidade às cúpulas. Mas claro que ela não é um organismo fracassado. Só que não podemos esperar mais um ano para discutirmos questões prementes. Tem que sair este ano para definir as questões de encaminhamento e organização da classe trabalhadora. Quanto aos sindicalistas serem candidatos, acho que devem ser mesmo, para invadir o Congresso, as Câmaras de Vereadores e devem estar comprometidos com as lutas populares.

“Propomos que o associado vote na oposição”

Lauro — Concordo com o que foi dito. A Conclat deve sair este ano. Tenho participado das reuniões da Comissão e o problema político-partidário parece que está resolvido, tanto que as decisões têm sido tomadas por consenso. Existem dificuldades financeiras e de estrutura, já que a CUT não é reconhecida pelo Governo.

— Qual a orientação que as direções sindicais devem dar às suas bases em relação às eleições?

Lauro — O que podemos recomendar ao associado é que a eleição é um ato muito importante e que cada um escolha seu candidato preferencial. Naturalmente, devido à opressão que enfrentamos, levamos a proposta que o associado vote na oposição.

Clóvis — Tentarei mostrar à categoria que o trabalhador deve participar do poder decisório. Cada um deve escolher seu candidato dentro do movimento social partidário que mais se ajusta à busca de melhores condições de vida. Automaticamente, temos uma oposição ao regime.

Paim — Entendemos que o trabalhador tem importância muito grande no episódio das eleições e entendemos que existem dois partidos de oposição, não interessa quais são, que mostram na prática que estão mais próximos do que o trabalhador entende.

Motini — A experiência de uma categoria que teve seu Sindicato sob intervenção, demonstrou claramente que o regime é totalmente desfavorável à categoria bancária e os dirigentes sindicais devem ter um compromisso bem claro que o atual modelo econômico é contrário aos interesses do povo brasileiro.

João Paulo — Falamos às bases que elas devem votar em candidatos que já prestaram serviço ao povo brasileiro e aos trabalhadores. Mas como é que podemos dizer ao trabalhador para votar em quem ele quiser se a legislação obriga a votar num único partido? Os sindicatos devem mostrar como os associados devem votar, para que seus votos sejam dados aos representantes dos trabalhadores.

ARGENTINA
ONTEM

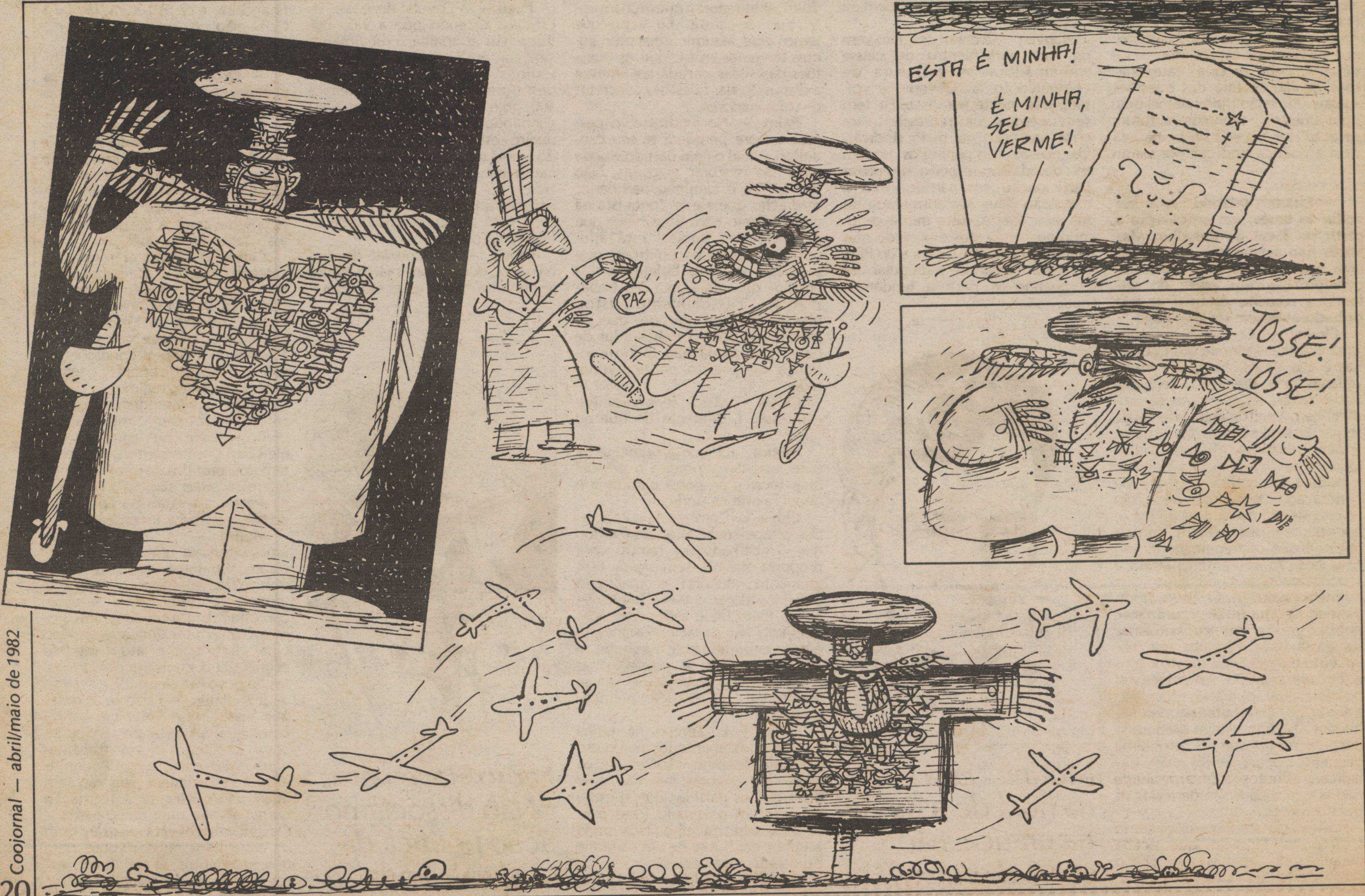


ARGENTINA
HOJE



SANTIAGO

canini



Sepé Tiaraju: herói ou gaúcho bunda-mole?

Por Eduardo Bueno

Uns dizem que o lendário cacique foi um líder. Para outros sua postura foi "pouco gauchesca"

O altivo cacique entrou no tribunal ladeado por dois policiais militares e sentou-se, calado, no banco dos réus. Na presença de uma platéia inquieta, sob um clima de tensa expectativa, o juiz deu início à sessão. Voz imponente, argumentos afiados e bem fundamentados, o promotor foi o primeiro a falar. Caminhando de um lado a outro da sala, fez uma longa série de violentas acusações ao chefe indígena. Para a promotoria, o líder nativo era, acima de tudo, um inimigo da unidade nacional e da formação rio-grandense. Seus pretensos atos de valentia haviam sido todos falsos, mitológicos; seu comportamento na batalha final, "pouco gaúchesco" e sua fuga, indesculpável. Além de tudo — e a história guardou inúmeros registros disto — o cacique era, indubitavelmente, um racista. Seus gritos ordenando a morte dos cambás — como os guaranis chamavam os negros — foram ouvidos por muitos portugueses durante o combate de Rio Pardo, em princípios de 1754. Um homem assim só merecia um destino: a condenação pura e simples, o desprezo e o esquecimento dos rio-grandenses.

O relato irado do promotor mexeu com a platéia. Foram necessários alguns minutos até que o juiz conseguisse reestabelecer o silêncio e passar a palavra para a defesa. Igualmente apoiado em extensa bibliografia documental, o advogado do cacique iniciou a sua exposição com a mesma veemência e as mesmas ironias que seu rival. Para ele, era simplesmente ridículo acusar alguém de "inimigo da formação rio-grandense" num momento em que o Rio Grande do Sul ainda estava longe de existir, num tempo em que o estado não passava de uma terra de ninguém.

Um homem capaz de tantos atos de bravura — vários deles documentados e nem um pouco "falsos ou mitológicos" — podia ser considerado "o protótipo do cavaleiro cristão, galhardo, puro, desinteressado, sem medo e sem mancha". E mais: deveria ser reconhecido como "o verdadeiro líder da primeira e genuína revolução — de índole democrática e conteúdo cívico-social deflagrada no território rio-grandense".

Ao invés de condenação, um homem assim merecia um monumento, uma estátua para "eternizar no bronze seu heroísmo, coragem e despreendimento".

Depois de exaltadas manifestações da platéia, o júri retirou-se da sala do tribunal para dar seu veredicto. Foram instantes de aflição. Minutos mais tarde, júri e réu estavam de volta para ouvir a sentença. Em voz grave e pausada, com os olhos fixos na assistência e não no papel, o juiz revelou o veredicto final:



— O cacique José Tiaraju, alferes real e corregedor de São Miguel é considerado inocente por este júri. As acusações contra ele são infundadas e, ao invés de condenação, este ardoroso chefe indígena merece uma profunda e sincera homenagem da gente gaúcha. E, acreditamos, uma estátua deve, de fato, ser erigida em sua honra.

Erguido nos ombros por dezenas de admiradores, o cacique foi tirado da sala do tribunal, vibrante e satisfeito. Lá fora, na praça central, a festa se prolongou por muitas horas...

Os episódios deste tribunal tão formal quanto surrealista foram, de fato, reais. Não se desenvolveram, é claro, na presença do verdadeiro Sepé, mas sim mais de 200 anos depois de sua morte, ocorrida em fevereiro de 1756. O júri foi montado na sede do CTC de Caçapava, em princípios da década de 60. O corpo de jurados era inteiramente composto por tradicionalistas e o promotor de acusação era o advogado e folclorista Antonio Augusto Fagundes, de 47 anos, atual diretor do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul. O advogado de Sepé foi Alcides Saldanha, atualmente suplente de Pedro Simon no Senado.

O julgamento durou mais de três horas e foi realizado ainda sobre a influência direta da polêmica iniciada em novembro de 1956, quando o major do Exército, João Carlos Nobre da Veiga, sugeriu que o Executivo gaúcho erigisse uma estátua a Sepé Tiaraju, no bicentenário de sua morte. O Governo passou a questão para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. E o Instituto, após um mês de pesquisas, preferiu considerar que "a ação de Sepé, no sentido dos interesses e do futuro do Rio Grande e do Brasil, foi uma ação negativa, adversa". E negou a construção do monumento.



Foi o que bastou para iniciar-se um verdadeiro confronto entre as instituições tradicionalistas, históricas e folclóricas do Estado. Os jornais *A Hora* e *O Dia* acompanharam e registraram a polêmica. E as reportagens da época repetiam até a exaustão que "nenhum gaúcho estava imparcial". A discussão se estendeu às ruas, aos bares e aos cafés. Hoje, a polêmica continua acesa. Já não se discute, é claro, nas esquinas ou nos bares, mas o assunto ainda provoca conflitos. Afinal, Sepé Tiaraju foi um herói ou um gaúcho bunda-mole? As opiniões divergem tanto que, para alguns estudiosos, Sepé sequer era gaúcho.

José Tiaraju era alferes real e corregedor da Redução de São Miguel. Como tal, era chefe do cabildo ou conselho de caciques — organização nomeada pelos padres e que, sob as ordens deles, dirigia as Reduções. De idade e nacionalidade desconhecidas, Sepé era alfabetizado: falava guarani e espanhol, escrevia em latim, mas desconhecia o português. A rebelião liderada por ele começou em fins de 1750, quando o Tratado de Madrid estabeleceu

que, em troca da Colônia de Sacramento — localizada em frente a Buenos Aires — os espanhóis dariam aos portugueses as Sete Missões Orientais, aquelas que se localizavam à esquerda do rio Uruguai. Apesar de serem geralmente submissos aos padres, os guaranis recusaram-se a abandonar suas Reduções, resistindo durante dois anos aos portugueses e espanhóis. Sepé morreu em sete de fevereiro de 1756, num sábado, na Sanga da Bica, próxima à cidade de São Gabriel, quando tentava fugir de um destacamento espanhol. Desde então, seu nome virou mito. Um mito genuinamente gaúcho.

Mas a verdade é que não existe nenhum documento provando a nacionalidade de Sepé. Também nada se conhece sobre sua família, nem se sabe que idade tinha quando morreu. Ele pode muito bem ter nascido no Paraguai ou na Argentina e depois ter sido trazido para São Miguel, para chefiar o cabildo daquela Redução — afirma Antonio Augusto Fagundes.

Como colunista de folclore, gaúcho do jornal *A Hora*, Fagundes acompanhou toda a polêmica de 1956. E ao longo de todos esses anos juntou uma comprometedoramente documentação com relação a Sepé. Apesar, de usá-la no júri de Caçapava, ele não conseguiu "condenar" o cacique:

— Sepé foi "absolvido" em Caçapava porque o júri era formado por tradicionalistas, gente emocional, que se deixou envolver pelos mitos que cercam o assunto. Eu queria um júri só de historiadores, gente que sabe que o papel histórico de Sepé foi opaco. Só o que se sabe com certeza com relação a ele é que ele foi um grande cavaleiro, já que conseguia aparecer quase que simultaneamente no grande triângulo Missões-Rio Pardo-Santa Tecla, cobrindo esta enorme distância sempre a cavalo. Fora isto, nenhum outro ato da sua pretensa "valentia" jamais ficou comprovado. Além disso, imaginar Sepé nu ou de tanga comandando um grupo intrépido de indígenas é um engano. Ele andava fardado, de sapato de fivela, banda de oficial e chapéu armado — o advogado completa.

É preciso acrescentar também que, como se não bastasse tal indumentária, Sepé provavelmente deve ter comandado um exército guarani na perseguição a grupos charruas e minuanos. "Organizado à espanhola, com armas de fogo européias, chefiado por uma elite

nativa aculturada, a milícia indígena guarani auxiliou os governos platinos em várias expedições punitivas contra tribos insubmissas ou nômades", revela o arqueólogo Arno Kern, autor de uma tese de mestrado sobre a organização política das Missões.

— Nem mesmo a frase "Esta terra tem dono", atribuída a Sepé, foi dita por ele — prossegue Fagundes. Quem falou isso foi o cacique Guairacá, de Guaira. O que Sepé realmente disse foi: "Esta tierra es nuestra. Nosotros la recibimos de Dios y de San Miguel". E Deus e São Miguel não são valores indígenas, mas brancos, europeus e cristãos. Além disso, morrer fugindo, com uma lança nas costas, não é uma forma muito gauchesca para se morrer...

— De qualquer maneira, matar pelas costas também não é uma forma muito gauchesca de se matar — rebate Tarcísio Taborda, diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do RGS, admirador incondicional de Tiaraju, nome com o qual batizou seu filho, hoje com 27 anos. "Na verdade, os conquistadores jamais tiveram a intensão de documentar o heroísmo dos índios, daí a dificuldade de se encontrar relatos de atos de bravura de Sepé. Mas mesmo assim, quais os atos de valentia que a história guardou, por exemplo, de Tiradentes? Valentia não se mede por documentos, mas por consagração popular, o que Sepé conseguiu de sobra. Apesar disto, não só o Rio Grande do Sul, mas toda a região das antigas Missões está em dívida com Tiaraju, que passou à história como perdedor. No caso específico de nosso estado, isto se deve a uma tradição anticlerical muito profunda, que começou no Império, passou pelo período positivista e se prolongou até pouco tempo atrás. Sepé sempre foi associado àquela experiência jesuítica e, por isso, jamais foi reconhecido como o grande herói que de fato foi.

— Na verdade, esta polêmica em torno de Sepé Tiaraju é criada por aqueles que querem reduzir a história do Rio Grande do Sul a um único período, o período luso/açoriano — comenta o arqueólogo Kern. Dentro da concepção de história total, eu não posso pensar assim. Para mim, a história do estado começa há 12 mil anos, data do mais antigo vestígio arqueológico encontrado aqui. Tudo o que aconteceu de lá até hoje, é a nossa história. Sepé se inclui nela, sem dúvida. Assim como a Espanha, primeira metrópole a possuir estas terras. Dentro deste contexto, Sepé foi um personagem histórico como outro qualquer, com méritos e falhas. Mas a verdade é que até hoje ele ainda não foi seriamente estudado. Mas mesmo o que não tenha sido nada do que se diz ou até merecendo as acusações que lhe fazem, o que é certo é que seu papel mitológico é real e importantíssimo. Pode-se dizer que Sepé está vivo e atuante na memória popular, independente de todas as intelectualizadas discussões travadas em torno dele. E isso é o mais importante.

DELPHUS®

COMPLETE SUA OBRA DE ARTE
COM UMA MOLDURA
DE ALTA QUALIDADE.

A DELPHUS COLOCA A SUA DISPOSIÇÃO
A EXPERIÊNCIA E A ARTE DE SEUS PROFISSIONAIS.

CRISTÓVÃO COLOMBO, 1.103 - FONE 22.32.32 - PORTO ALEGRE - RS

O sentimento argentino pelas Malvinas

Las Malvinas son argentinas, escrevem as crianças argentinas em seus cadernos escolares desde a idade mais tenra. Repetem o tema os textos de estudo, e não falta a canção alegórica para exaltar nas festas escolares a posse argentina. Sempre foi assim, com Governos militares ou democráticos. Os mapas incluem a forma de arquipélago e a História está cheia de ações isoladas e simbólicas para reivindicar a posse das ilhas, algumas ironicamente paradoxais: até um dirigente Montonero, morto pela ditadura militar, seqüestrou, na década de 70, um avião para plantar a bandeira argentina nas ilhas ocupadas pelos ingleses.

Isto tudo, apenas para explicar a explosão popular de um nacionalismo que se torna incompreensível fora da geografia daquele país, porque é invocado por um Governo precisamente impopular. Este é o aspecto novo da extemporânea guerra pelas Malvinas.

Para não repetir situações conhecidas do conflito entre Argentina e Inglaterra — a força da repetição passa a ter uma realidade maior do que possuem — é preciso observar as causas profundas que determinam este tipo de comportamento coletivo rotulado de nacionalismo. Ademais, pela proximidade geográfica, pela condição de países igualmente dependentes em sua economia, pela semelhança em seus destinos políticos e até pela surpreendente simpatia popular que gerou o conflito das Malvinas no Brasil, importa entender os processos históricos, políticos e culturais que determinam a aparente adesão dos argentinos a um Governo militar impopular.

É claro que o Governo do general Galtieri pretendeu popularizar-se legitimando uma reivindicação justa, incorporada historicamente como sentimento nacional. Mas é preciso não cair na tentação de confundir povos com governos pelo simples fato de que estes governos invoquem a soberania. O colonialismo ficou atrás e sua versão moderna se chama multinacionais.

"Nada será igual na Argentina depois de 2 de abril" — dia da invasão das Malvinas —, se diz agora em Buenos Aires e o vaticínio é acertado, porque no triunfo ou fracasso militar da guerra das Malvinas está o destino político da

Argentina. Não importa referir aqui a influência do conflito sobre a Inglaterra, porque pouco haverá de modificar-se na Inglaterra, fora uma eventual troca de governo. A senhora Thatcher poderá deixar de ser *A Dama de Ferro* para regressar a suas tarefas em seu laboratório químico. Será substituída por um governo trabalhista, ou não, mas a guerra das Malvinas não atenta contra a solidez de um regime consolidado em anos de prática democrática.

O caso da Argentina é diferente. Tanto militares como civis estão aderindo quase com desespero a um conflito externo, devido à agudíssima crise econômica e política em que vive o país para salvar como naufragos a razão de sua própria existência militar ou política. Retirada a tábua de salvação aparecem dramaticamente as diferenças passadas. Porque, se o Governo do general Galtieri utilizou um sentimento coletivo para popularizar seu desgastado Governo, a oposição argentina soube oportunamente valer-se do mesmo sentimento nacional para colocar o povo na rua. E os argentinos têm boa experiência em sair às ruas para expressar iras contidas ou euforias exaltadas: em 1945, as multidões operárias que saíram à rua conseguiram libertar Perón, preso então por seus colegas militares. E durante os governos peronistas, mobilizações populares nunca vistas na América Latina saíram às ruas para demonstrar seu apoio ao Governo. Em épocas mais recentes, em 1968, estudantes e operários foram à rua na segunda cidade da Argentina, Córdoba e, na rebelião conhecida como *Cordobazo*, provocaram a queda do Governo do general Onganía.

Colunas intermináveis custodiaram Perón noite e dia, quando regressou à Argentina, após 18 anos de exílio, para pressionar o governo militar a outorgar uma abertura maior que a prometida. Com os mesmos cantos herdados do passado — adaptados ao futebol em épocas de ditadura e dura censura —, os peronistas, que constituem o grosso das multidões que se concentram na *Plaza de Mayo*, defronte à sede do Governo, e os argentinos em geral confiam na eficácia da mobilização popular. Os militares a temem.

Além disso, ele também se encontra incorporado ao folclore coletivo semelhante ao gerado



pelo futebol, e que a psicologia social poderá explicar em termos de carências, frustrações ou despojos. Importa aqui, assinalar essa repetição de Governos militares, sucedidos de Governos peronistas e que, como uma tragédia histórica, mantêm a Argentina presa a seu próprio passado.

Desde os anos 30 em diante, os golpes militares têm interrompido sempre os processos democráticos com o argumento de defender precisamente as democracias que atacavam e que realmente visavam a alterar a estrutura de poder herdada do peronismo. Incapazes os militares de consolidar o velho modelo de uma Argentina agroexportadora, os protestos sindicais e políticos os obrigavam a outorgar uma abertura democrática que não fazia outra coisa senão transferir para os políticos as crises que não podiam administrar, por uma impopularidade crescente. Cada novo golpe militar superava o anterior pela crueldade da repressão. Mas ela não chegava a tanto que não pudesse ser invocado com o tempo o "nem vencedores, nem vencidos" que irmanava novamente as antigas diferenças em governos de *Unidade Nacional*.

Até que o regresso de Perón, em 1972, e a esmagadora vitória eleitoral com quase 70% dos votos do Governo peronista e a aparição das organizações de luta armada, na década de 70, geraram o golpe militar de 1976, o mais trágico sofrido por um país americano. Foram mortos milhares de delegados sindicais, dirigentes políticos e militantes estudantis. Mais de 20 mil pessoas foram seqüestradas de suas casas ou locais de trabalho por forças paramilitares e até hoje não se sabe delas. Se fala na existência de campos de concentração e o medo imobilizou um país habituado a sair à rua gritar suas reclamações. Com um crescimento semelhante ao de Cambodja, uma dívida externa de 40 bilhões de dólares — o maior en-

dividimento *per capita* do mundo —, uma recessão generalizada, a outrora poderosa indústria local esmagada, a Argentina atravessa a maior crise econômica e social de sua história. A impopularização militar é crescente e as mobilizações de rua vinham sucedendo-se ultimamente.

Três dias antes da invasão das Malvinas, a polícia reprimiu uma mobilização da Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e deteve cerca de duas mil pessoas. Hoje, o país aparece unido em torno das Malvinas. Políticos e sindicalistas viajam ao exterior como emissários do Governo para convencer sobre a legitimidade da posse das ilhas e para melhorar também a deteriorada imagem dos militares argentinos, por causa da violação dos direitos humanos. Mas em política a generosidade não existe e terminado o conflito, virão as cobranças para compartilhar a euforia do triunfo ou culpar os responsáveis da derrota. Mais difícil ainda que manter uma batalha naval no Atlântico Sul, os militares argentinos têm pendente uma explicação que lhes é cobrada semanalmente, também na Praça de Maio: Onde estão as milhares de pessoas desaparecidas quando os militares combatiam a subversão? Porque, como dizia um cartaz na Plaza de Mayo: "Las Malvinas son argentinas, los desaparecidos también!"

Mas a guerra das Malvinas não somente alterará a situação interna da Argentina e a relação entre políticos e militares. Também o presidente Reagan terá que refletir profundamente sobre as travessuras de seus filhos de criação. Finalmente, foi o Pentágono que propiciou o *golpe branco* contra o moderado general Roberto Viola para introduzir Galtieri no poder e ganhar um *gendarme* de sua política em El Salvador.

E esse aliado converteu seus inimigos ideológicos em amigos políticos, ao buscar taticamente o apoio da URSS somente porque é o maior inimigo de seu amigo.

E finalmente uma última observação. Talvez porque nestes países da América Latina, o inimigo externo se reduz simplesmente ao adversário esportivo nos enfrentamentos futebolísticos, entristece comprovar como o conflito pelas Malvinas despertou os aspectos mais lúdicos do comportamento humano. Quase como um *jeu de flipperama*, a batalha naval foi transmitida como se estivesse se tratando da final de Grêmio e Flamengo. Com apostadores na rua torcendo para Inglaterra ou Argentina.

As guerras são decididas pelos militares e quem sofre são os civis. Quem sabe, a recordação dessas tragédias transformou os europeus em pessoas profundamente preocupadas com a possibilidade de uma nova Guerra Mundial. Ali não se joga a guerra, se teme. E o conflito das Malvinas é arriscado, porque parece uma guerra da teimosia de protagonistas tão intransigentes como Galtieri, Mrs. Thatcher e Reagan.

Norma Elena Morandini, jornalista e psicóloga argentina, atualmente residindo em Porto Alegre.

Não-me-Toque em Pé de Guerra.



Barco Branco em Mar Azul, Werner Zotz, Editora Nórdica, 62 págs. Não-Me-Toque em Pé de Guerra, Werner Zotz, Editora Nórdica, 60 págs. Xisto no Espaço, Lucia Machado de Almeida, Editora Ática, 112 págs.

Os dois primeiros livros, lançados pela Nórdica, são do premiadíssimo escritor paranaense Werner Zotz, especializado em literatura infanto-juvenil. O *Barco Branco em Mar Azul* é um livro de aventuras sobre quatro amigos que se envolvem em pescaria. *Não-Me-Toque em Pé de Guerra* apresenta uma sátira ao sistema social que vigora no país, com todos os ingredientes que agradam ao público jovem. Já *Xisto no Espaço*, vencedor do prêmio Jabuti, de 1967, mostra uma ficção científica onde o herói Xisto encontra uma civilização com valores bem diferentes dos que conhece.

30 Anos Esta Noite, Miriam Gomes de Freitas, Editora Movimento, 48 págs.

A autora gaúcha faz um balanço de seus 30 anos, utilizando-se de uma bem cuidada linguagem poética. Os poemas, estruturados quase cronologicamente, revelam toda a amargura e sensibilidade, partindo de um clima suicida até a abertura para a vida.

Encruzilhada Natalino, Laerte Meliga e Maria do Carmo Janson, Editora Movimento, 118 págs.

O livro do jornalista Meliga e da professora Maria do Carmo tem o mérito indiscutível de mostrar que os colonos sem terra acampados no município gaúcho de Ronda Alta não estavam servindo de instrumento político, como o Governo estadual acusou. Montado unicamente com depoimentos de 22 colonos mais os religiosos que atendiam ao acampamento, *Encruzilhada Natalino* é um documento dos últimos 20 anos da história agrícola do Rio Grande do Sul. Os depoimentos sólidos dos personagens são um painel de todo o processo de empobrecimento do pequeno agricultor e, principalmente, do que ocorreu em Ronda Alta nos últimos dois anos. As promessas, as manobras políticas e as tentativas de dividir os colonos — em parte, bem sucedidas — constituíram-se numa página negra da história gaúcha, mas serviram para que os acampados dessem um exemplo comovente de resistência frente às adversidades. A leitura de *Encruzilhada Natalino* é obrigatória para a compreensão do problema rural do país, principalmente para os que não acreditam na capacidade de organização popular. (RC)

VISTA A CAMISA DO COOJORNAL!

O COOJORNAL fez uma bela camiseta para você e seus amigos usarem neste verão.

Custa apenas 400 cruzeirinhos e tem nos tamanhos 42, 46 e 50.

Venha buscar a sua aqui no COOJORNAL ou peça pelo Reembolso Postal.

Cr\$400,00

cooJORNAL

ESPAÇO
ed. do instituto dos arquitetos do brasil
dias, 166

LIVROS & ARTES
livros de arquitetura, arte, fotografia, cinema, literatura
BAR-RESTAURANTE
almoço, lanches, aperitivos e janta ao som de jazz e MPB

Nas telas, o jovem cinema gaúcho

Quando menos se espera, a dinâmica do processo cultural abre espaços para o novo. Todos os acontecimentos culturais marcantes, começam timidamente, quase solitários, diluídos no panorama geral, até surgir um primeiro núcleo de unanimidade. É quando a linguagem consegue chegar a um senso comum, se estabelece a identificação básica e os grupos adquirem noção de si. Aí o raio se amplia e o acontecimento está. Então perde seus donos, torna-se público. Foi o que ocorreu no Brasil, na Semana de Arte Moderna de 1922, divisor das artes plásticas, com a Bossa Nova, divisor da música, etc.

No Rio Grande do Sul, os anos 70 germinaram e fizeram brotar novidades com sabor de movimento, depois de anos de panorama geral semi-identificado. Há um primeiro momento de unanimidade em música e, entre outros exemplos, surge o cinema. Embora se faça cinema há muito tempo, não temos uma tradição cinematográfica, nenhum consenso, nenhuma linguagem que indique um caminho novo ou próprio. Mas, de dois anos para cá, isso começou a mostrar sinais de mudança, com uma geração de jovens *cinemeiros*, que está conseguindo comunicar-se com sucesso. O processo ainda é embrionário, mas deve-se reconhecer que esses novos cineastas vão forjando uma linguagem ideológica que não havia, vão definindo um caminho básico que possui o curioso e fascinante componente das primeiras descobertas.

DIVISOR DE ÁGUAS

Ano passado no Festival de Cinema de Gramado, o longa-metragem em Super 8, *Deu Pra Ti Anos 70*, chegou a competir, em termos de acontecimento, com os filmes profissionais. O projeto de Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil provocou manifestações de atores e diretores famosos, recebeu inéditos espaços na imprensa. E por que motivo provocou sensação? Porque acrescentava. Porque, com fluência e talento da equipe, desenvolvia uma história muito bem conduzida, formal e ideologicamente. No festival, todos sentiram que *Deu Pra Ti Anos 70* passaria a ser um divisor, tanto para a carreira de Nadotti/Assis Brasil, como da cinematografia gaúcha. O filme abria



Baun, Amon, Henkin e Nadotti: maneira de encarar a vida

espaços porque possuía o elemento da identificação coletiva, a história de uma geração de um bairro. Isso é antigo: quanto mais regional, mais universal.

Deu Pra Ti Anos 70 foi exibido mais de 100 vezes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, assistido por um público superior a 15 mil pessoas, record para este tipo de bitola. Um espanto diante do panorama anterior: projeções quase secretas, assistidas apenas por amigos e aficionados.

O sucesso do filme abriu mercado para outras produções. Não se pode afirmar que estamos diante de um movimento, nem dizer

que esta história é a semente do amadurecimento e profissionalização do cinema gaúcho. Mas os indícios de alguma coisa nova já estão aí.

NOVAS PRODUÇÕES

Enquanto Nadotti/Assis Brasil recebiam o prêmio de melhor curta-metragem gaúcho para *No Amor*, estreando na bitola 35 mm, dois outros Super-8 destacavam-se na mostra paralela: *A Palavra Cão Não Morde*, de Roberto Henkin e *Coisa na Roda*, de Werner Schünemann, que ganhou o primeiro prêmio. E, enquanto *No Amor*, já estava praticamente negociado para exibições no Rio Grande do

Com o sucesso de *Deu Pra Ti Anos 70*, os novos cineastas de Porto Alegre deixaram sessões privadas e chegam ao grande público



Werner Schünemann e seu grupo: como vive a geração dos anos 70

Sul e outros estados, *Coisa na Roda* e *A Palavra Cão Não Morde*, estreavam no circuito paralelo em Porto Alegre.

Werner diz que o espaço aberto por *Deu Pra Ti* mostrou que o grupo poderia empatar dinheiro num super-8, com possibilidade de retorno. Aliás a receita é a mesma: como pensam, vivem e se transformam os que pertencem à geração juvenil da década passada. A temática de *A Palavra Cão Não Morde* é diferente, mas seus produtores Sergio Amon, Roberto Henkin e Gilberto Baum concordam que *Deu Pra Ti*, abriu um espaço para o cinema em Super-8, com potencialidades para absorver um público efetivo. O grupo, que já fizera quatro filmes, incluindo *A Revolução dos Bichos* — prêmio de melhor curta em animação (Super-8) no Festival de Gramado de 1980 — acha essa produção insuficiente para revelar a homogeneidade de seu trabalho. "Somos um grupo de cineastas sem estilo, trabalhando numa bitola maldita e num país surrealista", dizem.

Mas o que pensam outros cineastas gaúchos e os críticos a respeito desta geração? Antonio

Jesus Pfeifel, pesquisador e diretor de vários curtas, acha que *Deu Pra Ti* é um trabalho inovador, em termos de linguagem e que Nadotti está se revelando um bom diretor e não um simples interessado em fazer um ou dois filmes e depois abandonar tudo. Davi Quintana, que dirigiu o longa gaúcho *O Homem Que Deve Morrer* e o curta *Meu Nome é...* (apresentado este ano em Gramado), opina que Nadotti e os demais fazem filmes para um público restrito, "da idade deles".

A IDENTIFICAÇÃO

Os críticos acham que é cedo para se ter uma idéia clara a respeito do futuro dos novos cineastas, mas concordam que eles têm capacidade de trabalho e sensibilidade, em termos cinematográficos. Ivo Stigger, do *Correio do Povo*, argumenta que "seria perigoso e prematuro cobrar muitas coisas deles, pois estão apenas começando, embora revelem bons conhecimentos da narrativa cinematográfica". Hiron Goidanich, de *Zero Hora*, é mais objetivo: "Acredito que eles estão fazendo o novo cinema gaúcho, comunicativo e de qualidade, tratando de um assunto que conhecem bem, que é sua própria existência". Tuio Becker, crítico da *Folha da Tarde*, com incursões na realização de curta-metragens, aponta outra qualidade do grupo de Nadotti: "Eles têm muita capacidade de trabalho, pois além de realizarem as filmagens, ainda montam os filmes e se encarregam da própria comercialização e exibição de seus trabalhos".

Se é difícil antecipar o futuro, — fácil constatar o presente: enquanto *No Amor* não entra em cartaz, *Coisa na Roda* e *A Palavra Cão Não Morde* continuam sendo apresentados em Porto Alegre, sempre com bom público, que certamente voltará quando os jovens cineastas aparecerem com novos filmes. A identificação está estabelecida.

Juarez Fonseca e Eduardo Guimaraens

Nadotti: filmando o dia-a-dia

"Atualmente, tem gente jovem fazendo cinema sem medo de mostrar como é seu dia-a-dia, seus grilos, sua maneira de encarar a vida". Palavras de Nelson Nadotti, 24 anos, o mais conhecido dos jovens cineastas gaúchos, a partir de prêmios recebidos em Gramado, em dois anos consecutivos. Ele começou a fazer cinema em 1976, no *Clube Humberto Mauro*, realizando, de lá para cá, 20 filmes em Super-8 — destacando-se *Meu Primo*, *Doloroso Amor*, *Sexo & Beethoven*, *História* e o hoje famoso *Deu Pra Ti Anos 70* — e um em 35 milímetros — *No Amor*, premiado este ano —. Em todos eles, Nadotti divide a realização com seus sócios da *Seqüência Produtores Associados*: Giba Assis

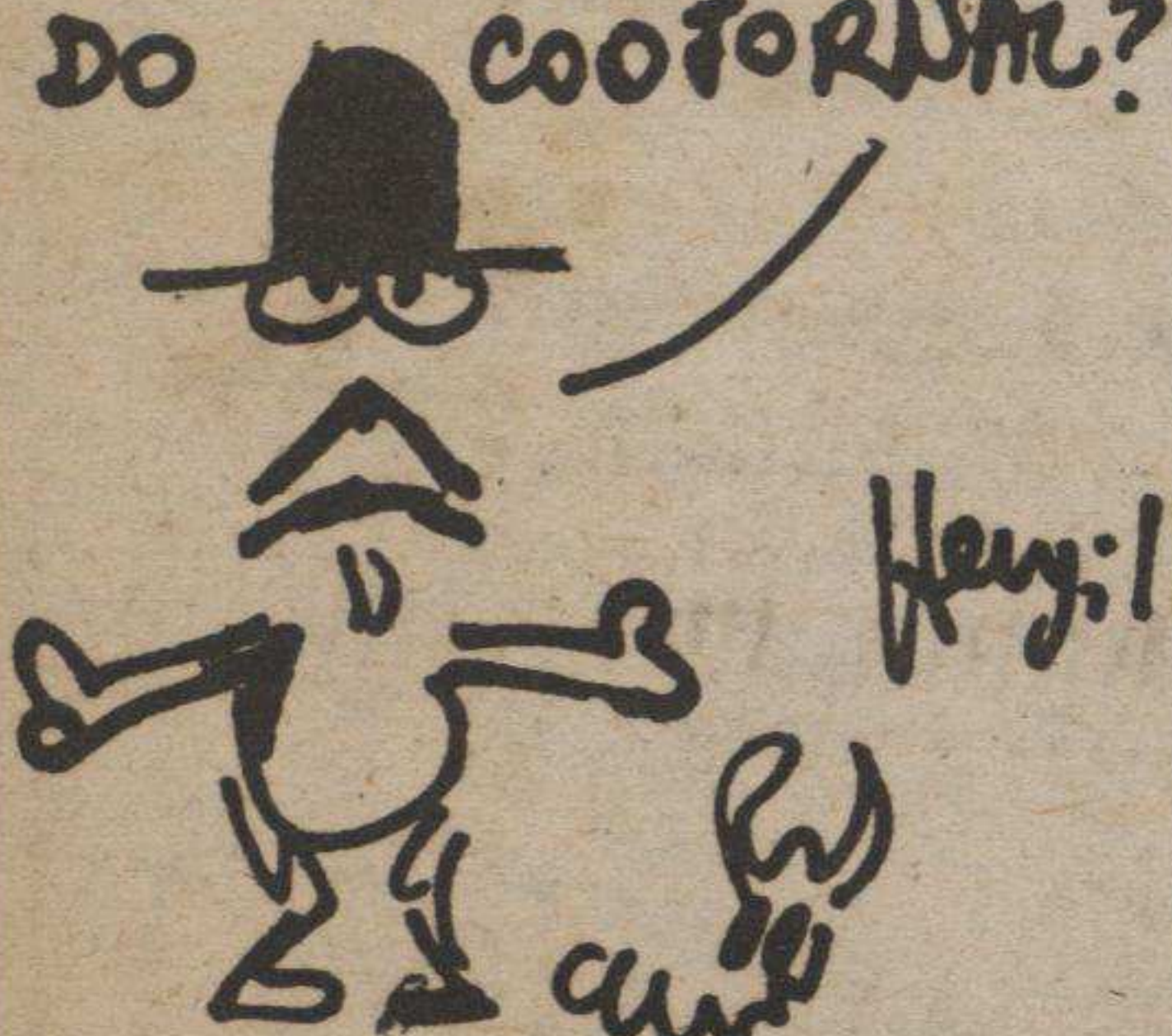
Brasil, Sergio Lerrer, Carlos Gerbase e Hélio Alvarez.

Ao fazer cinema, Nelson Nadotti diz que tenta se aproximar das pessoas e interferir o mais possível na sociedade, além de preencher lacunas de seu lado afetivo: "O cinema é o melhor meio de expressão e expansão que possuo". Opiniões sobre *Deu Pra Ti*, que se encaixa exatamente nestas definições de Nadotti: "Este filme é um desaguadouro de todas as experiências acumuladas por mim e pelo Giba. Além disso, ele serve como divisor de águas, pois nele esgotei todo o conhecimento que havia adquirido dentro do Super-8, ganhando condições de partir para uma bitola maior".

No *Amor* foi financiado, em

parte, com o prêmio obtido no festival, e a outra com a renda obtida com o sucesso comercial de *Deu Pra Ti* anos 70. Agora, Nelson e a *Seqüência* pretendem partir para a realização de outros curtas em 35mm, visando a participar de outros festivais no Brasil e, se possível, no exterior. "As hipóteses de trabalho são várias", diz Nadotti, "mas a mais urgente é a comercialização de *No Amor*, que, por ter vencido, deverá acontecer mais facilmente". Em termos individuais, Nelson, formado em jornalismo, mas sem exercer a profissão, tem um sonho dourado: estudar cinema na Alemanha e, lá, trabalhar com diretores famosos como Werner Herzog, um de seus favoritos.

CADE MINHA ASSINATURA DO COOJORNAL?



ASSINE

Um Jornal de Cinema e Televisão

Mande o cupom de assinatura e um cheque nominal para a Cooperativa Brasileira de Cinema Ltda., no valor de Cr\$ 1.000,00 e receba em casa por um ano LUZ & AÇÃO, Rua México, 31, 8º — CEP 20031 — Fone: 220-3362 — Rio de Janeiro—RJ

LUZ & AÇÃO

Cupom de Assinatura

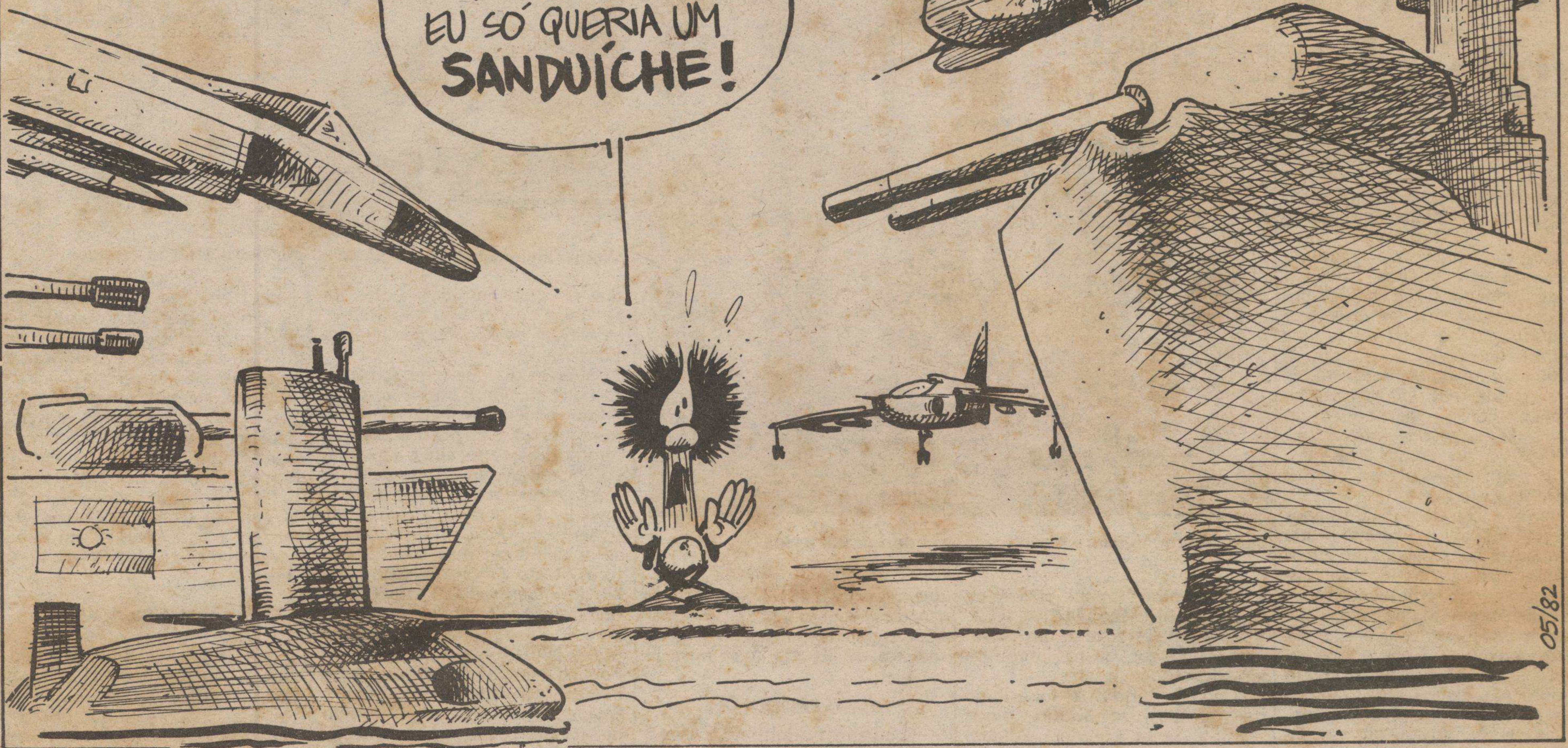
LUZ & AÇÃO

Nome: _____
End: _____ nº _____
Bairro: _____
Cidade: _____ CEP: _____
Estado: _____
Profissão: _____

CON JAMÓN
Y QUESO...

edgar vasques

NÃO!
EU NÃO ESTOU
REIVINDICANDO ILHA
NENHUMA!
EU SÓ QUERIA UM
SANDUÍCHE!



ECOS...

edgar vasques

NÃO ENTENDO, PAI:
SE OS TIROS SÃO AQUI
EMBAIXO, PORQUE OS
GRITOS SÃO LA'
EM CIMA?

PORQUE É LA'
QUE ESTÃO OS
AMERICANOS!

AII! AII!
OH!
UI!
AIAIAI!

